

**OBRA E MANIFESTO: O DESAFIO ESTÉTICO DO  
TRABALHADOR DA SAÚDE**

**FLÁVIA REGINA SOUZA RAMOS**

**Florianópolis - 1995**

**FLÁVIA REGINA SOUZA RAMOS**

**OBRA E MANIFESTO: O DESAFIO ESTÉTICO  
DO TRABALHADOR DA SAÚDE**

**Tese apresentada ao Curso de Pós-graduação em  
Enfermagem da Universidade Federal de Santa  
Catarina para obtenção do título de Doutor em  
Filosofia de Enfermagem.**

**Orientadora: Dra. Maria Tereza Leopardi**

**FLORIANÓPOLIS**

**1995**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM  
PROGRAMA DE DOUTORADO EM FILOSOFIA DE ENFERMAGEM

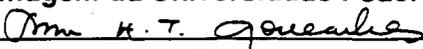
**OBRA E MANIFESTO: O DESAFIO ESTÉTICO DO TRABALHADOR DA SAÚDE**

**FLÁVIA REGINA SOUZA RAMOS**

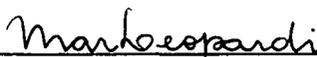
Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de

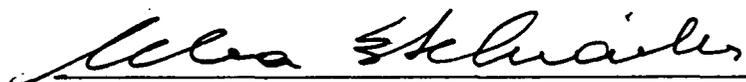
**Doutor em Filosofia de Enfermagem**

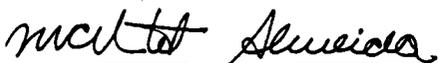
e aprovada em sua forma final em 20 de dezembro de 1995, atendendo às normas da legislação vigente do Curso de Pós-graduação em Enfermagem - Programa de Doutorado em Filosofia de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina.

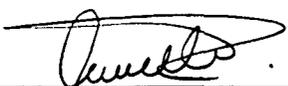
  
Dra. Lúcia Hisako Takase Gonçalves - Coordenadora do Curso

**BANCA EXAMINADORA:**

  
Dra. Maria Tereza Leopardi - Presidente/Orientadora

  
Dra. Lília Blima Schraiber - Membro

  
Dra. Maria Cecília Puntel de Almeida - Membro

  
Dra. Sandra Caponi - Membro

  
Dra. Maristela Fantin - Membro

\_\_\_\_\_  
Dr. Alberto Cupani - Suplente

\_\_\_\_\_  
Dra. Ana Lúcia Magela de Rezende - Suplente

## AGRADECIMENTOS

*Inútil tentar descrever o que vem em sentimento neste momento de “agradecer”.  
Os motivos de cada lembrança não são tão expremíveis, sempre estarão  
condenados a uma palavra insuficiente demais em relação ao significado que  
possuem para quem viveu cada momento...*

### ***Uma dedicatória...***

aos meus amados filhos Arthur e Arinca, a maior de todas as inspirações  
aos corajosos trabalhadores da saúde, inspiração deste estudo.

### ***O reconhecimento...***

à Universidade Federal de Mato Grosso, em especial a todos os colegas que  
apoiaram e incentivaram esta jornada;  
àqueles que tomaram este doutorado uma experiência de “aprender, crescer e  
conviver” repleta de boas lembranças: os professores e funcionários da Pós-  
graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina; os  
colegas de curso e do Grupo Práxis. À Thereza Meiga Pinto, que hoje continua  
presente em lembrança e admiração.

### ***Um agradecimento carinhoso...***

aos meus pais, Luiz Alfeu Moojen Ramos e Catarina Souza Ramos, e familiares,  
sempre tão próximos em afeto, confiança e apoio;  
àqueles que “irremediavelmente” não sairão mais da minha vida, cada vez mais  
companheiros da aventura de viver: Cleusa Rios Martins, Marta e Júlio Verdi,  
Rosane e César Nietzsche, Cláudia M. Penna; Amaury Angelo Gonzaga;  
àqueles que de colegas e professores se tomaram amigos admiráveis: Lygia  
Paim M. Dias, Ana Lúcia Magela de Rezende (e toda a sua turma), Sandra e  
Gustavo Caponi, Marta Vaz, Denise Gonçalves;  
a minha “para sempre” orientadora e amiga Maria Tereza Leopardi;  
aos que não têm seus nomes aqui registrados, mas que me presentearam com  
alegrias, descobertas e energia para sonhar;  
aos trabalhadores da saúde que participaram deste estudo.

## ÍNDICE

### DE APOLO A DIONÍSIO... O MUNDO DOS DEUSES E O MUNDO DO TRABALHO.....1

UM EXERCÍCIO DE ANALOGIA E UMA INTRODUÇÃO À ESTÉTICA DO TRABALHO EM SAÚDE ... 1

### FILOSOFIA, TRABALHO E SAÚDE: O PROBLEMA E SEUS MARCOS DE ANÁLISE. 17

O PROBLEMA NO MARCO SOCIOLOGICO..... 19

O PROBLEMA NO MARCO DO TRABALHO EM SAÚDE. .... 30

O PROBLEMA NO MARCO FILOSÓFICO ..... 38

### A METODOLOGIA DA PESQUISA..... 45

A POSTURA TEÓRICO-METODOLÓGICA ..... 45

A RELAÇÃO SUJEITO-OBJETO: “A CIÊNCIA TRABALHA COM UMA REALIDADE CONSTRUÍDA” ... 48

PROCESSOS SUBJETIVOS, CATEGORIAS TEÓRICAS E LINGUAGEM CIENTÍFICA. .... 50

A PESQUISA COMO PROCESSO ..... 52

INSTRUMENTAL E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA ..... 53

A COLETA DE DADOS: LOCUS, SUJEITOS E TÉCNICAS. .... 54

A OBSERVAÇÃO..... 55

A ENTREVISTA ..... 57

A ANÁLISE FUNDAMENTADA DOS DADOS ..... 59

### OLHAR E IMAGINAÇÃO: PARA SE TECER A TRAMA DO REAL ..... 63

A IMAGEM DE SI E A IMAGEM EM SI..... 69

ESTRATÉGIAS DE CONFRONTO COM O MITO GUIADOR:..... 74

A DIALÉTICA DA CONFORMAÇÃO ..... 77

A IMAGEM ALÉM DE SI..... 82

A INSTITUIÇÃO: A ORDEM DA SUJEIÇÃO E INIBIÇÃO ..... 86

O OUTRO: UMA OUTRA IMAGEM NO ESPELHO ..... 91

### AS BRECHAS DO SER E DO FAZER..... 98

O DESAFIO ÉTICO-ESTÉTICO DO TRABALHO ..... 98

AS BRECHAS DO FAZER E AS BRECHAS DO SER NO FAZER..... 107

O TRABALHADOR É UM HOMEM QUE TRANSGRIDE ..... 108

O TRABALHADOR É UM HOMEM QUE USA MÁSCARAS ..... 110

O TRABALHADOR É UM HOMEM QUE QUER MAIS ..... 112

O TRABALHADOR É UM HOMEM QUE USA ASTÚCIA E SENSATEZ..... 113

O TRABALHADOR É UM HOMEM QUE RI ..... 114

INSTRUMENTO E MEDIAÇÃO ..... 117

CORPOS EM EXPRESSÃO: A PROFUNDA SUPERFICIALIDADE DO ESTILO ..... 126

<b><u>ÀS BORDAS DO TEMPO.....</u></b>	<b>134</b>
<b>O MEU TEMPO E O TEMPO DO MUNDO.....</b>	<b>134</b>
<b>A QUALIDADE DAS HORAS E O USO DO TEMPO .....</b>	<b>138</b>
<b><u>DEPOIS DE TUDO... O ATREVIMENTO DE DESEJAR.....</u></b>	<b>143</b>
<b>VELHAS E NOVAS QUESTÕES.....</b>	<b>149</b>
<b>TEMPO, ESPAÇO E SUJEITO.....</b>	<b>155</b>
<b><u>NO OLIMPO NOSSO DE CADA DIA... ..</u></b>	<b>163</b>
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</u></b>	<b>167</b>

## OBRA E MANIFESTO: O DESAFIO ESTÉTICO DO TRABALHADOR DA SAÚDE

### RESUMO

Este estudo tem como objeto a “estética do trabalho em saúde”, entendida a estética como relação fundamental do homem com o mundo, como modo de acontecer do sujeito neste mundo e, portanto, modo de se realizar qualquer prática individual e coletiva. Sua motivação baseia-se no princípio de que no pensamento, ação e manifestação mais cotidiana do trabalho em saúde, se expressa um sujeito trabalhador, apesar de todas as determinações concretas que pesam sobre este agir. Assim, compreender esta micro-estética, enunciação do sujeito naquilo que faz, é resgatar as possibilidades de realização subjetiva do trabalhador no interior do atual modelo de processo de trabalho e o espaço de reconstrução deste trabalho como experiência ética e estética.

A partir da questão “que sujeito se revela ou qual o espaço de expressão estética no trabalho da saúde?”, o estudo busca apresentar uma constituição básica de seu objeto através da sua relação com três diferentes e complementares marcos de análise: o marco sociológico, que o insere na discussão da relação trabalho e subjetividade e da problemática deste na vida social atual; o marco do próprio trabalho em saúde, que recupera os desafios e perspectivas no tratamento do tema nesta área do saber; e o marco filosófico, que aponta para a cumplicidade e entrelaçamento que a ética e a estética estabelecem entre si e com o trabalho.

O processo de pesquisa se funda numa clara postura teórico-metodológica, clarificada em certos princípios abrangentes e derivada em instrumental e procedimentos específicos. Deste modo, os dados empíricos foram coletados através de observações em duas instituições de saúde de Florianópolis-SC (um Hospital e um Centro de Saúde) e entrevista com trabalhadores, entre enfermeiros, médicos e outros de nível médio e superior. Após análise, as categorias geradas constituíram os três capítulos intitulados: “Olhar e imaginação: para se tecer a trama do real”, “As brechas do ser e do fazer” e “Às bordas do tempo”.

No primeiro destes capítulos, são tratadas as imagens que o trabalhador estabelece de si, do outro e da instituição; sua relação estratégica com mitos guias imaginários e de como, numa incessante troca entre real e imaginário, o duplo “olhar” - técnico e humano - assume importância na formação/percepção do trabalho na história do sujeito e na tecitura imaginária que se desfaz e refaz nos bastidores da técnica e da rotina, como fantasma e sombra de um visível corpo trabalhador e institucional.

Em “As brechas do ser e do fazer” são discutidos os modos dos trabalhadores responderem ao desafio ético-estético do trabalho - torná-lo uma experiência de auto-expressão - através da razão/ação (pelo que fazem), do sentimento (pelo que sentem) e da auto afirmação de sua individualidade (pelo que são). Tudo isso acontecendo nos micro-espacos ou brechas da transgressão, do desejo e busca do que não existe, da máscara, do riso e de uma “astuciosa sensatez”. Nessas irrompidas frestas de enunciação aparece a dúbia face da tecnologia, entreposto mediador entre homem e obra ou homem e outro homem, apropriada parcial e mistificadamente. Ao se falar de expressão, ressaltou-se o estilo, a forma e a corporalidade como noções imbricadas em todas as categorias analisadas, já que no movimento dos corpos no terreno da norma e da instituição, o estilo permite ao sujeito se colocar ativamente na trama do real.

O próprio tempo, regulado por certas regras de uso e revelado por certas qualidades das horas do trabalho em saúde, parece ser construído numa relação de um tempo cronológico do mundo com um outro tempo singular e íntimo do sujeito. “Às bordas do tempo” faz-se o trabalhador e seu trabalho, é o que trata o capítulo assim intitulado.

Numa última análise e síntese é recuperado o “front do desejo” como margem de possibilidade emancipadora do sujeito, como interstício da virtual vitória ou derrota do sujeito face à sujeição e a ordem, pois no reencontro com os próprios sonhos faz lembrar a contradição entre vivido e desejado, instigando o confronto com os limites existentes e o lançamento do desejo para além destes.

Deste modo, esta pesquisa lança a perspectiva de restauração de uma utopia estética, como espaço de sonho e criação; como projeto de realização do homem que, no momento de seu grande encontro com a concretude do mundo objetivo - o trabalho - não perde o contato com o mundo subjetivo de seus desejos. Demonstra, assim, a urgência em reconhecer o papel da imaginação e do simbólico na compreensão do trabalho em saúde e com isso a necessidade de posturas teórico-metodológicas que não bloqueiem tais temas, mas resgatem o “olhar perceptivo” e a sensibilidade à análise e reflexão teórico-científica, bem como, valorizem todas as maneiras de se mostrar deste trabalho/trabalhador, seja pela fala, forma, ato ou silêncio.

## **WORK AND MANIFEST: THE AESTHETICAL CHALLENGE OF THE HEALTH WORKER**

### **ABSTRACT**

The goal here is the "aesthetics of health work", aesthetics seen as the fundamental relation between man and the world, as a way of happening of the individual in this world and, thus, the way to conduct any individual and collective practice. Its motivation stems from the principle that within the most quotidian thought, action and manifestation in health work, a worker subject expresses himself, notwithstanding all concrete determinations controlling such acting. In this way, understanding this micro-aesthetics, or expression of the subject in what he/she does, represents rescuing the possibilities of the worker's subjective achievements within the present work process model, and the rebuilding space of such work as an ethic and aesthetic experience.

From the question "which subject becomes revealed or what is the space of aesthetic expression in health work ?", the study seeks to present a basic constitution of its object through its relation with three different and complementary analysis frameworks: The sociologic framework, which introduces him/her to the considerations of work and subjectivity relation and of problems developed in the existing social life; the framework of health work itself, which rescues challenges and perspectives in dealing with the theme in this field of knowledge; and the philosophical framework, pointing to the complicity and intertwining that ethics and aesthetics establish between themselves and with the work.

The research process has its foundation in a clear theoretical-methodological positioning, made plain through encompassing principles and effected with specific instruments and procedures. In this way, empirical data have been collected by means of observations obtained at two health institutions in Florianópolis-SC (a hospital and a health center), and also at interviews with the staff including nurses, doctors, and others of medium and higher levels. Following analysis, the generated categories made up the three chapters titled: "Seeing and imagining: to spin the web of what is real", "The gaps between being and doing", and "The edges of time".

In the first of these chapters, the images a worker builds up of him/herself, of the other, and of the institution, are dealt with; the strategical relationship developed with "imaginary guiding myths and how, in an unceasing exchange between real and imaginary, the double look - technical and humane - acquires relevance in work formation/reception on the subject's history and in the imaginary weaving which breaks up and rebuilds in the technique and routine backstages as ghost and shadow of a visible working and institutional entity.

Throughout "The gaps between being and doing", a discussion is brought up on the ways workers answer to the ethical-aesthetic challenges posed by work - to make of it an experience in self-expression - through reasoning-acting (for what they do), feeling (for what they feel), and self-affirming their individuality (for what they are). All this develops in the microspaces or gaps of transgression, of the wish and search for that which does not exist, of the mask, of laughing and a "cunning soberness". In such broken slits of enunciation the dubious face of technology shows itself, a mediating distribution center between man and his work, or man and another man, partially and mystifyingly fitting. In speaking of expression, the style, form and corporality have been emphasized, as notions incased in all the analyzed categories, since style, in the movement of bodies in the fields of norm and institution, allows the individual to occupy an active role in the web of what is real. Time itself, regulated by certain rules of usage and revealed by

certain qualities of working hours in health, seems to be built in a relation between a chronological time of our world and another time, singular and intimate of the individual. "At the edges of time" a worker and his work are done, and that is dealt with along the chapter of the same name. In a final analysis and synthesis the "front of wish" is recaptured as an emancipating possibility margin of the individual, as a recess of the virtual conquest or defeat of the individual face to submission and order, since in a second meeting with his/her own dreams the contradiction between lived and wished is reminded, spurring confrontation with existing limitations and the casting of wishes farther on.

In this way, the present research offers the perspective of restoring an aesthetic utopia, as a space open to dream and creation; as a project for the achievement of man who, at the moment of his grand meeting with the concreteness of an objective world - the work - does not lose touch with the subjective world of his own wishes. It is thus demonstrated the urgency to acknowledge the role imagination and symbolism play in understanding health work and, as a consequence, the need for theoretical-methodological positionings which do not bar such themes but, rather, rescue the "perspective look" and the sensitivity to analysis and to theoretical-scientific reflectioning. Such positionings should also value all the ways under which this work/worker is exhibited, either through speech, form, act or silence.

## DE APOLO A DIONÍSIO... O MUNDO DOS DEUSES E O MUNDO DO TRABALHO

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; ela é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade<sup>1</sup>

### *Um exercício de analogia e uma introdução à estética do trabalho em saúde*

Um exercício de imaginação numa perspectiva estética pode levar a uma descrição minuciosa de cenários, pessoas, sentimentos e pensamentos, percebendo-lhes formas, cores, dimensões, enfim, expressão. Como um literato que, prescindindo da fala do personagem, tece mundos que fazem o leitor recordar e até modificar imagens mentais que, mesmo se irreais e fantásticos, podem fazer sonhar, imaginar e ousar novas criações. Sejam mundos reais ou imaginários, em qualquer um dos casos a expressão do autor se faz garantida. Ele, e se pode usar o pronome ele, pois se mostra como "pessoa" que é, está ali, na sua obra. Sua obra fala de si e ele se reconhece nela

Mas, um exercício de imaginação estética, que deseja recuperar a capacidade de olhar, desfrutar e responder criativamente ao real, pode se dirigir para terrenos menos óbvios ou desligados do terreno explorado pela arte e estética tradicionalmente colocadas, pode penetrar naqueles mundos de corredores e sofrimentos, toques e técnicas, corpos e normas: o mundo do trabalho em saúde.

E neste mundo a atividade imaginativa precisa se intensificar, pois na medida inversa em que se aglomeram e misturam múltiplas formas e símbolos, gestos e falas, mais escapa aos sentidos o SUJEITO que esta estética revela.

---

<sup>1</sup> BACHELARD apud PESSANHA, J. A. M. Bachelard e Monet: o olho e a mão. In: NOVAES, Adauto, et al. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Fica, então, a pergunta: a quem esta estética se refere? E a pergunta é por alguém (seria pessoa, grupo, instituição?)... que reconheça algo de si naquele trabalho, como o arquiteto reconhece seu desenho no edifício construído. E nesse trabalho em que não se erguem prédios, o que se manifestou na conversa rápida, no curativo feito, na cabeça acariciada, na ordem cumprida? Quem é este sujeito que se expressa e onde ele fica quando a sua jornada diária de trabalho se encerra, o uniforme sujo vai para o tanque, o lixo é recolhido, os olhos se fecham e os papéis são arquivados? Nesse "fazer", as formas de manifestações dos sujeitos são únicas ou variadas? O que esse trabalhador, como sujeito que observa tais formas, conhece de seu próprio trabalho? As formas que se apresentam ao seu olhar correspondem aquelas idealmente imaginadas? Enfim, o que esse trabalho realizado diz sobre este sujeito-trabalhador, antes que se esgote no instante mesmo em que é consumido?

Então, chega-se ao ponto de anunciar uma idéia motivadora de todo este estudo, a de que no pensamento e ação cotidianos do trabalho em saúde se expressa um sujeito-trabalhador, além de toda as determinações concretas e do fato de seu objeto ser também outro sujeito.

A estética, como relação fundamental do homem com o mundo, se revela também no trabalho, já que ela mesmo é expressão deste sujeito-trabalhador. Compreender esta micro-estética, entendida enquanto manifestação do sujeito naquilo que faz, é compreender as possibilidades de realização subjetiva do trabalhador no interior do atual modelo de processo de trabalho e o espaço de reconstrução do trabalho como experiência humana estética e ética.

Para introduzir um tema com múltiplas possibilidades de abordagem pode ser interessante utilizar um recurso de motivação que permita ao pensamento penetrar numa outra forma de composição, numa rede ou registro de pensamento simbólico. Anterior a qualquer reflexão sobre uma arquitetura conceitual envolvida num tema novo, nada melhor do que uma permissão à liberdade de imaginar; e porque não imaginar fabulosa e miticamente?

Não se deixando inibir pela ruptura que o pensamento filosófico estabeleceu com as formas de pensamento mítico, necessária à edificação das bases paradigmáticas do pensamento do homem moderno, basta reconhecer que o mito sempre fez parte da história do homem como instrumento para a elaboração e decodificação do real. Assim, bem menos nefastos que os atuais mitos, muitos deles travestidos em ciência e tecnologia, os mitos gregos, ou outros que se queira utilizar, podem ser tomados como analogias vivas de ações, comportamentos e sentimentos humanos, bem como de muitos dos fenômenos significativos da nossa existência. Daí considerá-lo atualizado, ao ser vivido cotidianamente e servir de ancoragem ou referência do regresso às origens de nossos próprios atos.

Neste sentido, o mito conta uma história que pode ser a nossa história, uma história exemplar e significativa. Recorrendo as origens, transformações e destinos de cada mito reconhecemos uma sabedoria prática: a de que com eles podemos reaprender a lição da criação, não apenas como expectadores de um tempo primordial e sagrado, habitado por seres sobrenaturais, mas como seres que, mesmo vivendo e sendo constituídos por e num tempo limitado histórica e socialmente, encarnam, também, os dons da vida e da criação de mundos.<sup>2</sup>

### **Com Olimpo ou sem Olimpo...**

Os longos corredores, as salas apinhadas de pessoas que esperam, os olhares carregados de ansiedade, ou já acostumados com o que vêem; os brancos uniformes, as paredes e móveis que mal escondem o desgaste, o passo apressado, o ruído de conversas, de papéis, de metais, de água escoando; tudo está aí, colocado pelos homens.

---

<sup>2</sup> Com referência à Mitologia podem ser apontadas algumas bibliografias:  
ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Tomol, v.1. /GIDE, André. O tratado de Narciso. In: **A volta do filho pródigo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. /HAMILTON, Edith. **Mitologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. Lisboa: Guimaraes e Cia.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Campinas: Papirus, 1992.

Entra-e-sai, burburinhos, silêncios atentos, gestos calculados e precisos, gemidos e sorrisos... cada som, cada movimento, cada palavra, cada odor, cada objeto é visto ou suprimido do olhar, ao se entrecruzar e ocupar um lugar na grande FORMA que o serviço de saúde ganha e manifesta, sem pudor, aos sentidos.

Dá-se tão crua e nua aos sentidos e, ao mesmo tempo, tão mascarada e mutante que, num instante, parece conhecida repetição e no instante seguinte, de tão volátil, já se torna desconhecida e a dúvida volta a se insinuar. Quando apreendida em sua forma, novas e pequenas arestas e detalhes podem ser percebidas, pondo em cheque o que até então era tido como certo. Mas subitamente aquele novo movimento já não é mais estranho, quando se mobiliza numa trama que, por um instante, parece ser urdida num outro tempo e espaço.

### **Apolo e a perfeição das formas.**

É o jovem Apolo, filho de Zeus, que após transportar o carro do sol para o alto do céu, enchendo a terra de luz, abre uma porta: a porta do espírito apolíneo que, assim como a luz, inunda o mundo humano do trabalho.

E assim, dia após dia, desde os sonhos mais belos até os atos mais banais refletem, como um espelho, este espírito. Espírito com o qual se entra em contato em sonho, quando crê-se ser o mais perfeito artista e, no tempo presente, se vendo tomado pela inspiração da harmonia, beleza, vigor e luz; por mais que a objetivação de tal inspiração tenha toda a sorte de limites no mundo concreto do cotidiano.

Os indivíduos mortais, situados por Zeus num estatuto próprio, o de não serem nem deuses, nem selvagens animais e sempre separados da divindade por intransponível diferença, que herança recebem através do mito apolíneo?

Não é preciso sonhar, basta abrir os olhos sem aquela imposta indiferença e aprendido desprezo; olhar para o que sempre foi eliminado para mais rapidamente se chegar ao que é dito ser interessante, - basta abrir os olhos para

a aparência. Querer captar a forma, ao mesmo tempo intensa e fugidia, pois o conteúdo não se esconde mais sob a forma, mas a ela se ligou e nela habita. Crer que a essência pode não estar em um interior insondável, mas na concretude da forma.

Com esse olhar pode-se mirar o trabalhador da saúde: uniformes brancos transparecendo limpeza e pureza. Nenhuma mácula, como nenhuma mácula ou escuridão resiste à luz de Apoio. A lavagem das mãos, a água abundante nos corpos banhados, nos utensílios lavados, no pano que retira as marcas do chão. O ritual de Apolo, o Deus curador, se atualiza na hora dos banhos, das trocas de curativos, nas desinfecções: aos homens foi ensinada a arte da cura, da purificação, do expurgo dos miasmas. O sujo tem o seu destino - o expurgo, e o limpo cheira a álcool e sabão. Não é o mesmo odor dos perfumes do Olimpo, mas os mortais aprenderam bem a simular com seus próprios rituais os gestos divinos de reparação estética sobre a desordem.

Aqui, nesse mundo do trabalho em saúde, os oráculos e santuários adquirem a forma de hospitais, clínicas e postos de saúde; o trono de Apoio se traduz nas mesas onde os trabalhadores de saúde se debruçam sobre papéis, relatórios, exames, livros, mas a finalidade é a mesma: a busca da verdade, da orientação justa e clara para recuperar os corpos à sua forma original. E, assim como Apoio, deus da verdade e da adivinhação, decifra charadas e mistérios, esses homens e mulheres investigam, usam aparelhos sofisticados, procuram sinais, apuram a observação até se depararem com a verdade buscada, mesmo que se seja tão impiedosa como a verdade apolínea que se abate sobre a alma e tão certa como sua flecha que se abate sobre o alvo.

Desta maneira, a esses profissionais do setor saúde não escapa o espírito de Apoio; é ele que os inspira na maioria de seus atos: na restauração das formas imperfeitas, nos ideais de equilíbrio, num senso estético que determina a posição dos utensílios, as cores das paredes, a iluminação, a ordem exata dos documentos, a sequência precisa das falas e gestos numa exame, o lugar certo

para cada coisa e cada pessoa. É a eterna busca da perfeição e harmonia de que Apolo é dotado em seu corpo escultural e na música que compõe em sua lira.

O mal cheiro, a desordem, a precariedade desagradam e ferem o ideal da perfeição, mas, até nestes momentos, os benefícios de Apolo prestam socorro, desta feita, sob a forma de sua virtude e serenidade. O enfrentamento do sofrimento de um semelhante e de nossas próprias limitações desafiam os trabalhadores da saúde, a conquistarem o equilíbrio e a serenidade. Se esta conquista não é autêntica confunde-se com a frieza e a insensibilidade e os outros ideias de Apoio - verdade, perfeição e ordem -, tornam-se transfigurados para justificar a crueldade e arrogância.

Perde-se, então, a maior lição de Apolo: são humanos e não deuses! A luz de Apolo pode cegar, ou desvanecer-se como o pôr do sol, com a perda da consciência e da vontade... Por isso, outros mitos, outros emblemas, outros instintos afloram, se combatem e se complementam dia-a-dia.

### **Prometeu e a fundação do sacrifício.**

Prometeu, o grande titã, era aliado e dono da confiança de Zeus. Dizem, até, que foi esse artesão que o ajudou na criação dos homens. Quando chegou o momento de homens e deuses se separarem Prometeu foi encarregado da tarefa de dividir as partes de um boi entre os mesmos, representando o alimento e os bens que a cada um caberia. Prometeu, prevendo que longe do Olimpo a vida humana seria difícil, tentou enganar Zeus favorecendo os mortais a quem amava. Mas Zeus, percebendo o ardil, a todos castiga, não concedendo aos mortais o gozo do fogo sagrado. Prometeu, em inflexível rebeldia, rouba, então, uma centelha de fogo e ensinando aos homens seu uso permite que eles sobrevivam. Isto instala a humanidade na vida civilizada e a distingue dos outros animais. O herói atrai para si, com este ato de coragem e extrema dedicação, a ira e o desejo de vingança divinos. E quando Prometeu, mesmo em face das

maiores ameaças, não se submete ao deus e se nega a lhe contar o segredo, - o nome da mulher que geraria o único ser capaz de destroná-lo -, o castigo lhe chega rápido e cruel. Prometeu permanecerá por todo o sempre acorrentado numa rocha escarpada do Cáucaso, diariamente torturado por uma águia que lhe devora o fígado. Mas a ele não é dado o direito de morrer ou descansar, pois, durante a noite seu fígado se regenera e o recupera para suportar novos sofrimentos. Assim, o titã que só conhecia o trabalho, a dedicação e a perseverança, terá que aceitar o ônus de seu auto-sacrifício, revivido diariamente em eterno sofrimento.

Se Apolo é o testemunho de ideais e desejos humanos, Prometeu vem testemunhar o sacrifício exigidos em nome desses desejos. O homem já esta consciente da face mais amarga da realidade. A misteriosa caixa de Pandora já foi aberta e espalhou-se sobre a humanidade inúmeros males e pragas. Se já conhece a fome, a necessidade, a doença e a morte, aprende, também, com Prometeu, as leis da sobrevivência e do trabalho.

O trabalhador da saúde reproduz ainda o espírito prometeico, tão característico da sociedade moderna, na exaltação do trabalho, da disciplina, da produtividade e utilidade. O trabalho lhe ocupa a maior parte da vida, lhe impõe a renúncia do prazer, a aceitação das excessivas cargas, a má remuneração, as péssimas condições para execução das atividades... onde as recompensas minguam, cresce a dose do sacrifício.

Mal inicia o dia chegam os trabalhadores que, durante horas seguidas, terão exigidas suas energias físicas e emocionais nas mais diversas atividades, todas visando assistir aqueles que precisam de seu cuidado, sua atenção, seu saber e técnica. Não faltará quem lhes lembre de seus deveres, suas responsabilidades, seus códigos, sua ética. Ele próprio, trabalhador, muito pouco será lembrado.

Será que ele mesmo se lembra de si, conhece seus potenciais, sabe do que é capaz, ouve seus próprios desejos?

No trabalho, esses "sujeitos" quase sempre terão suas ações comandadas por interesses outros que não os seus ou daqueles a quem assistem. Terão as formas de seu trabalho impingidas e, dentro dos limites que lhes são permitidos, verão seus trabalhos esvaziados de seus melhores sentidos, restando o cansaço... e o tempo para correr para um segundo emprego. E dali para casa e da casa para o trabalho, durante toda a semana. E no dia que seria de repouso e lazer... quem sabe mais um plantão! E naquelas folgas acumuladas... quem sabe uma curso, ou o estudo para um novo concurso. E daquele dinheirinho... que tal um livro, um uniforme novo ou até um carro... para chegar mais rápido ao trabalho e "ganhar" meia hora de sono.

Trabalho, trabalho, trabalho: em torno dele suas vidas giram. Já não são Lisa, Pedro, Augusto, Laura. São a enfermeira, o médico, o auxiliar, a funcionária. Suas funções são suas identidades. E é assim que se identificam, a si e ao outro que cruza o corredor. Função valorizada é igual a indivíduo valorizado e é nesta identidade que devem concentrar seus esforços.

E o espírito prometeico se revela em seus corpos, suas mãos, seus passos, seus olhares, suas posturas. E este espírito lhes permite suportar a tudo. Mais do que suportar, suportar melancolicamente, às vezes alegremente, às vezes tediosamente: tendo a "grata" satisfação da missão cumprida, tendo o sentimento de utilidade e gratificação por estar fazendo "o que pode", por estar fazendo o correto... como se isso fosse suficiente. Como se a idealização de uma "bem-aventurança" pudesse, para sempre, ocultar o peso das determinações sociais que pesam sobre seus trabalhos.

Mas, se ousam cometer pequenas insurreições contra a ordem prometeica, se ousam se entregar à preguiça ou à indolência, a visão de Prometeu acorrentado, em cada canto ou sala, lhes trará a inevitável culpa e novo ânimo para se manterem persistentes e inabaláveis em seus destinos.

Mas a lição mais esquecida de Prometeu, aquela que menos se revela na estética deste trabalho, talvez seja a do exemplo de não submissão ao poder que lhe parece superior, senão frontalmente, estrategica e insidiosamente. Pois que

outra forma melhor de jugo do que a desistência de encontrar qualquer sentido naquilo que faz, desistência de sentir e reagir criativa e humanamente aos problemas dos que precisam de seu trabalho.

Há, porém, uma justificação para esse acorrentamento voluntário e que se manifesta numa dimensão mais íntima e menos palpável, porém suficientemente forte para fazer, ao menos, suspeitar de que seja uma possibilidade que se expressa através de outro mito.

### **Narciso e o encanto de si mesmo.**

"-Terá vida longa! Desde que nunca se conheça." Esta foi a profecia proferida sobre Narciso, filho da bela ninfa Liríope e do deus Céfiso. Como poderia sua mãe decifrar tão obscura mensagem?

A medida que Narciso crescia em incomparável beleza, caíam no esquecimento as palavras da profecia. E, por mais que Narciso conquistasse o amor de deusas, ninfas e mortais, o jovem a todas desprezava, não existindo nenhum ser capaz de lhe despertar o menor interesse. Até que um dia Narciso debruçou-se sobre as águas límpidas de uma fonte e viu ali sua imagem refletida. No mesmo instante apaixonou-se pelo que vê, entregando-se ao seu trágico destino: é impossível abandonar tal amor e é impossível realizá-lo. Fica, assim, a contemplar-se extasiado, deixando-se consumir pela fome e pela solidão. Consome-se no amor por si mesmo.

Muitos são os espelhos que os trabalhadores da saúde encontram em seus caminhos. Espelhos mágicos, às vezes. Cada colega, cada "outro" espelha sua própria condição. E, em cada um, é a si próprio que examina e admira. Não há como não ver-se. Imagens reais ou virtuais, não importa, precisam delas como de um alimento. Mais do que das imagens que fazem de si mesmos e do seu trabalho, precisam de um encantamento que estas imagens possam provocar, de uma sedução que os desafie a continuar a existir.

Seria pela perda do encantamento por outras tantas imagens do real? Seria pelo poder de sedução que o próprio mistério do auto-conhecimento e auto-expressão exercem? Seria por um desejo, instinto, natureza humana indefinível de se admirar e se amar?

Senão, que seja lembrado: Apoio é chamado para tornar mais perfeito cada gesto e ato. E admirar a obra bela e bem-feita causa prazer porque exalta a imagem do autor. E exalta a si mesmo através da exaltação do "outro". Ainda que sofra como Prometeu, a auto-imagem engrandecida por este sofrimento se mostra um grande remédio e, talvez, uma recompensa. O espírito de Narciso também vaga, assim, insidiosamente, pelo mundo desse trabalho na saúde, talvez mais especialmente entre os profissionais da enfermagem que carregam em si toda uma carga histórica que assim poderá ser melhor suportada.

Mas que não se pense apenas no Narciso egoísta, incapaz de amar ou de sequer encontrar significado em qualquer coisa que não seja si mesmo. Esta é apenas uma face da estética narcisista do trabalho em saúde. Aquela que se pode ver nas intermináveis reuniões realizadas unicamente para que todos manifestem suas próprias qualidades e importância. Nos esforços para encontrar em si, na sua função, na sua unidade, o maior de todos os problemas ou a "coisa" merecedora da maior de todas as atenções..., como se mais nada existisse, busca-se anular a sensação prometeica de estar sendo "sacrificado" para encontrar um "sinal" de sua mais "bela" imagem, que se transporta da forma apolínea do trabalho para sua auto-imagem. O belo e a luz penetram aquele que espalha a luz e o alívio da dor.

A mesma face que se pode ver, também, na ética narcisista que impregna os discursos corporativistas, onde a defesa do "outro-meu igual" significa a própria defesa. Parece nada mais do que uma "prova de amor" por si! Amor que, no entanto, muitas vezes desconhece a justiça e a moral, porque carece de formas para alcançar uma real consciência-de-nós e não supera essa necessidade puramente individual, que não vê além de si mesmo, não vai além do que se mostra como reflexo: nada é mais importante do que manter intacta e bela a

imagem refletida, da qual "eu faço parte". Para isso, toda feiúra precisa ser retocada e maquiada. Quando a imagem do real abusa e mostra-se intolerável, a censura, a negação e o corte virão garantir um mínimo de "reserva"... e que a roupa suja seja lavada em casa.

Que se pense também no Narciso sonhador e solitário. No Narciso que, inquieto, sonha com lindos destinos e se interroga sobre suas próprias formas. Vagando solitário pelos bosques pressente sua maior infelicidade: não conhecer a si mesmo.

Assim, também, o trabalhador da saúde pode até já ter sentido as asperezas e formas de seu trabalho na organização do mundo social. Mas falta-lhe, talvez, ainda, o sentido de seus próprios contornos e limites. Pressente que pode redesenhar esses limites. Pressente que "isto" não é tudo: que ele não é apenas "isto", que seu trabalho é mais do que "isto", que a vida é mais do que esse trabalho. Pressente e sonha conhecer sua própria forma.

Por essa via, a ética narcisista do trabalho em saúde não desembocaria, necessariamente, em egoísmo, cegueira e deformação. Poderia caminhar para a construção do trabalho como experiência digna e enriquecedora, tanto para o trabalhador que a vive, como para todos que nela tomam parte.

Talvez o ponto de partida seja o reconhecimento de que, como diz Baudrillard<sup>3</sup>, "seduzir é morrer como realidade e produzir-se como engano". Se o homem não pode jamais desistir de seduzir e ser seduzido; se a imagem que em cada espelho vê-se refletida nada mais é do que artifício, não adianta querer destruí-la. É preciso reconhecer a importância destes artifícios, dos rituais de auto-produção presentes em cada rotina, técnica, conduta, enfim, em toda ação que deixa escapar uma imagem de si. Uma imagem que pode até - ao ser produzida dentro dos rígidos esquemas previstos nos currículos, códigos e atribuições - impedir a manifestação original do sujeito, mas é inquestionável como mediação que dá os contornos da identidade deste trabalho.

---

<sup>3</sup> BAUDRILLARD, Jean. *Da sedução*. Campinas: Papyrus, 1991. p.79.

As mãos que obedecem ao rigor da técnica, perdem o vigor do movimento espontâneo e criador, mas revelam o poder de uma saber, o comando da razão científica, tornando-se, ao olhar destes trabalhadores, mãos belas, mãos que encantam, mãos que têm valor.

Mesmo que as regras dos rituais do trabalho em saúde, narcisistas ou não, reduzam o exercício de escolha pessoal do trabalhador, elas servem para criar um certo encantamento, um certo status... a imagem de seu poder, sua cientificidade, sua beatitude... A imagem apaixonante da qual o trabalhador se faz refém... refém de uma imagem de si mesmo...refém de uma paixão por seus próprios feitos.

E pode encontrar em outro mito o espaço para transitar entre a ordem e o caos, entre o extremo sacrifício de si e a consciência de si mesmo.

### **Dionísio e a insurreição vital.**

Dionísio, único deus cujos pais não eram ambos divinos, é filho de Zeus com a princesa humana Sêmele. Quando Hera, a esposa ciumenta e vingativa, descobre a traição de Zeus, disfarçada persuade Sêmele a convencer Zeus a se mostrar em todo o seu esplendor. Esta visão fatal mata Sêmele, ainda grávida, mas Zeus retira do corpo da mãe o feto, ainda com vida, costurando-o à própria coxa. Dionísio nasce vivo e perfeito, mas novamente é atacado pelo ódio de Hera, desta vez, utilizando-se da obediência de titãs para destruí-lo. Zeus, então, resgata o coração do filho e com ele prepara uma mágica poção, oferecendo-a a Perséfone, raptada por Hades para com ele reinar no reino das trevas. Perséfone engravida e, novamente, vem à luz Dionísio, o renascido das trevas.

Dionísio é cuidado por ninfas em vales encantados e vive, depois, perambulando entre selvagens, loucos e animais. Cumprindo seu desígnio de compartilhar com os homens as alegrias e sofrimentos mortais, em suas viagens terrenas ensina a eles o cultivo da vinha e fabricação do vinho, daí ser designado por Baco, deus do vinho e da embriaguês.

Mas o que constitui, em relação aos outros deuses, a originalidade de Dionísio e do que ele representa no trabalho em saúde?

A originalidade de Dionísio reside, antes de mais nada, na sua perturbadora dualidade ou ambigüidade. Ele é o mais doce e o mais terrível dos deuses. Sua passagem pelas cidades arrebatava mulheres, as "bacantes", que com ele se enfrontam nos bosques para ali celebrarem as orgias. Estabelece-se, assim, pelo vinho e pelo transe, um elo de contigüidade com o divino e, ao mesmo tempo, com o selvagem. O sentimento de entrega do qual o deus é portador faz ressurgir no homen, com irreprimível exuberância, "o seu outro", sua própria estranheza, adormecida no curso normal das coisas.

Dionísio traz à vida a alegria, o extâse, o retorno ao natural e instintivo, a paixão, a coragem, a liberdade. Mas estas podem vir acompanhadas de festins sangrentos, loucuras, brutalidades, selvageria e ruína. Dionísio não reconhece limite ou decência, nem mesmo as fronteiras entre o real e o fantástico, pois vem exatamente para pôr em questão os limites e a ordem humana e social. Não quer confirmar tal ordem, como outros deuses, mas quer destruí-la usando-se das mãos de quem a construiu.

Nos cenários dos serviços de saúde, Dionísio pode, também, conduzir suas bacantes, pois, para com ele comungar não é necessário erigir templos... estes já existem no reino desconhecido e misterioso que há dentro de cada um. Sem se deixar encerrar em nenhuma forma ou definição, confundindo e fundindo o que parece nítida oposição (o certo e o errado, o doce e o amargo, o claro e o escuro), surge, então, Dionísio: nas brincadeiras de corredores, nos risos e deboches da hora do cafezinho, no leva-e-traz, nas fugidinhas disfarçadas, nas piadas sobre a mesa cirúrgica, nos momentos de proposital desleixo que quebram a monótona seriedade das passagens de plantão... nas insignificantes insurreições contra a rotina e a norma.

O deus convida a exaltar a vida naquilo que ela comporta de impetuoso e imprevisto, mas nunca a fugir para fora do mundo cotidiano. A única evasão é de tornar-se "outro" em relação ao que se é comumente - o funcionário, o

profissional, o responsável. E se Dionísio não anuncia futuros gloriosos e nem exige renúncias em favor de uma vida ascética, trata-se de tirar deste trabalho, aqui onde ele se realiza, todas as alegrias; trata-se de se entregar com a leveza de quem não teme e não espera nada: o "outro" dentro de cada um invade os templos ordenados de Apoio, zomba da dor de Prometeu e reveste de máscaras a face de Narciso... se instala como unificador dos dispositivos sociais e símbolos que integram o sujeito ao seu trabalho cotidiano.

Mas nosso o juízo racional e conservador não deve ficar horrorizado com o despudor do espírito dionisíaco, pois a ele deve-se, também, a capacidade de enfrentamento da morte.

Dionísio vence a morte já antes de nascer, renasce depois de destruído e, como a vinha que precisa ser podada, tem sua vida terrena - como no ciclo das estações do ano - entremeada por jornadas ao mundo dos mortos. O deus experencia, como um mortal, a dor e a morte, mas, também, a alegria de reviver. Sabe, então, que a morte não finaliza nada. Do mesmo modo, o trabalhador da saúde sabe, ao se confrontar todos os dias com o sofrimento e a dor, que a vida não deixará de ser festejada. É dionisíaca a inspiração vivificadora das capacidades humanas, da auto-confiança, da sensação heróica de poder viver e trabalhar com alegria, apesar da angústia frente "a morte nossa de cada dia".

### **Mito e realidade.**

Apreender a estética do trabalho em saúde não é uma tarefa fácil. Primeiro porque não há escritos que, na área da saúde, explicitem esta preocupação. Segundo, porque não é fácil olhar para si mesmo e, mesmo quando isto é feito, mais difícil é expor tais percepções. Mais fácil é condenar ao descrédito tudo o que é apreendido pela via dos sentidos. Da forma é preciso desconfiar, das manifestações subjetivas do sujeito que vê, sente e experencia, é preciso extrair, depurado, o dado objetivo. E, por último, porque é muito recente o discurso que

fala desta micro-estética ou metáfora do sujeito, ou seja, do modo próprio do sujeito se manifestar naquilo que faz.

Então, esta introdução em linguagem figurada teve o propósito de expor as percepções e sentimentos de uma trabalhadora da saúde e de uma pesquisadora que retorna aos locais deste trabalho para olhar e compreender. Os mitos gregos aqui abordados pareceram tão vivos e presentes nas reflexões sobre estas percepções que coube mantê-los no modo como sempre foram expressos desde que surgiram na história da humanidade: na linguagem simbólica. Aliás, a estética não prescinde deste universo simbólico, portanto, nada mais natural que, como autora desta reflexão, tenha preservado o modo de captar e expressar esta estética, com os signos dela que adquiriram maior ressonância pessoal. Com certeza muitos outros poderão ser encontrados.

Finalmente, cabe resgatar os quatro mitos trabalhados, não mais um de cada vez, mas numa representação final de como podem aparecer: todos interligados como os fios e feixes de uma grande tapeçaria, que estampa desenhos e figuras de cores e formas variadas... a estética que se deixa questionar.

Assim, nenhum mito surge sozinho ou mais poderoso que outro. Eles se relacionam, como nos sujeitos se relacionam sentimentos e desejos contraditórios; como são desafiados por situações complexas e contraditórias. Não adianta mais a tentativa de separar os determinantes objetivos que pesam sobre a organização do trabalho daqueles aspectos mais subjetivos, que tampouco sabe-se lidar. O subjetivo ganha objetividade em cada ato realizado e a imposição mais concreta ganha tonalidades e reflexos extremamente subjetivos. Apolo, Narciso, Prometeu e Dionísio circulam nos mesmos terrenos e não cercam seus domínios.

Enquanto a ordenação harmonizante de Apoio e a persistente renúncia de Prometeu podem ser relacionadas à forma ou às exigências externas ao sujeito-trabalhador, Narciso pode tomar um instrumento frio de Apolo (um procedimento qualquer, como uma anamnese, por exemplo) e nele colocar significados (sentido-

conteúdo) outros do que sua perfeita execução: o engrandecimento de si mesmo, a satisfação do próprio ego. Deste modo, pode parecer que a Narciso cabe o toque pessoal, o desvio que a mente de cada trabalhador toma para percorrer as trilhas apolínea e prometêica. Mas isso não é de todo verdade, pois Apolo e Prometeu também se fazem presentes no mais íntimo dos sentimentos: não se pode definir rigidamente seus territórios, como não se pode rigidamente separar forma e conteúdo.

Nisso tudo, com certeza, Dionísio se mostra como o mais volátil, mutante, múltiplo e, portanto, flui com mais leveza no fluxo do processo de trabalho em saúde. Como os outros mitos, se relaciona com forma e conteúdo, mas delas escapa. Seria assim como o amálgama, o solvente, a substância que se apresenta em qualquer combinação; o som que se ouve em qualquer mixagem: a invisível e não menos poderosa mediação.

E assim, Dionísio, o louco, se coloca sem medo frente ao abismo, prestes a se lançar no desconhecido. Sua jornada esta apenas começando. Não há garantias ou certezas, apenas o impulso que provoca a mudança e a abertura para novos horizontes e caminhos. Para se aventurar nesta viagem, a da compreensão de si mesmo e do próprio trabalho, todos precisam do Dionísio criativo, corajoso e livre que em cada um habita, pois que senão não enfrentariam as incertezas e a própria impotência.

Reconhecer em si e no real tais mitos, este é o exercício de liberdade a que se precisam lançar.

## FILOSOFIA, TRABALHO E SAÚDE: O PROBLEMA E SEUS MARCOS DE ANÁLISE

“É [da] experiência existencial, direta, concreta, dramática, corpórea [da realidade] que nascem em conclusão todos os meus discursos ideológicos.”<sup>4</sup>

Quai é a estética do trabalho em saúde? Que sujeito se revela no trabalho ou qual o espaço de expressão estética do trabalhador da saúde?

A questão norteadora deste estudo pode ser tomada para o encaminhamento de algumas reflexões de caráter fundamentador e demarcador do problema de pesquisa em si.

O processo de pesquisar é, também, o processo de formular problemas..., filosofar, segundo Giles<sup>5</sup> "não é encontrar soluções já inscritas na realidade, não é ofuscar nem diminuir o espanto que sempre caracterizou e continua a caracterizar o ato de filosofar. Filosofar é ter consciência de que tal atividade exige a busca criativa de soluções, como também a busca igualmente criativa de problemas." Finalmente, se o estudo da estética do processo de trabalho em saúde, que imprime o caráter filosófico desta pesquisa, constitui uma problemática nova e ainda não explicitada e difundida no meio profissional, então, cabe aqui dedicar maior interesse no esclarecimento, justificativa e delimitação deste novo problema. Desta maneira, este capítulo passa a ter uma pretensão de demonstrar uma trajetória de pensamento até chegar aqui: num momento de certeza de estar frente a um problema difícil e instigante; num momento de elaboração reflexiva tão precária quanto a medida de seu arrojo e, acima de tudo, numa perspectiva de responder a este desafio; no desejo de olhar, e olhar bem até ter algo a dizer sobre este objeto, algo consistente e engajado no real.

---

<sup>4</sup> PASOLINI apud LAHUD, Michel. Pasolini: paixão e ideologia. In: CARDOSO, Sergio; et all. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 264.

<sup>5</sup> GILES, T.R. **Introdução à filosofia**. 3ed. São Paulo: EPU, 1979. p.4.

Assim, é necessário tentar explicar por que estética, por que trabalho e por que saúde. Mas, para não incorrer no risco de fragmentar uma questão que é múltipla em suas faces e manifestações, mas íntegra enquanto preocupação motivadora, cabe tal exposição por meio de uma outra abordagem: a de situar o problema de pesquisa em três diferentes possíveis marcos de análise:

- o marco sociológico
- o marco do trabalho em saúde
- o marco filosófico - estético

Apesar do risco de um divórcio conceitual entre estas três maneiras de colocar a questão, optou-se por não suprimir nenhum desses caminhos de argumentação. Isto porque considera-se que é exatamente a riqueza dos indícios oriundos das mais diversas áreas do saber e confluindo para a emergência desta linha de investigação, que justifica enfaticamente este trabalho.

É preciso esclarecer, no entanto, que, embora sejam utilizados diferentes argumentos e quadros explicativos para delimitar e sustentar o problema de pesquisa, não necessariamente estes marcos terão o mesmo privilégio de análise no transcorrer do texto. Assim, o referencial sociológico, embora não seja foco preferencial do estudo, se fará presente quando necessário, já que não pode ser totalmente abolido de qualquer discussão sobre trabalho. Neste capítulo, ele será o primeiro argumento a ser apresentado.

Já o referencial produzido no próprio campo da saúde, prescindindo de qualquer juízo, constitui o conhecimento prévio, anterior e indispensável, sobre o qual são identificados vazios ou surgem questionamentos, propostas de mudanças e complementações. Apesar de fazer parte do próprio marco sociológico é apresentado separadamente através de um panorama do trabalho em saúde no Brasil que confirma o espaço destinado a pesquisas como estas.

Finalmente, no marco filosófico expõe-se um entendimento sobre o que tem a filosofia a falar sobre o trabalho em saúde, ou melhor, porque a reflexão ética e estética se coloca como inadiável e condição para se pensar este trabalho

enquanto projeto criador, proposta de expansão e enriquecimento humano, não apenas obra (permanente e estática) mas processo, contestação, descoberta, experiência (bela) e criação (do belo).

### ***O problema no marco sociológico***

Como primeiro argumento para a constituição teórica do objeto deste estudo são trazidos à pauta alguns pressupostos de caráter sociológico, através de uma análise sintética da problemática do trabalho na vida social atual.

Se o foco é o trabalhador, sujeito que se revela no e pelo trabalho, cumpre percorrer um caminho anterior, mas diretamente ligado a ele, que é o próprio caminho histórico do trabalho humano. E se este caminho é longo e repleto de encruzilhadas e vias secundárias, é inevitável marcar algumas inclusões e exclusões (mais exclusões) do conteúdo desta análise, não por critério de relevância mas sim por aplicabilidade neste recorte específico e da própria necessidade de síntese deste capítulo contextualizante.

Assim, são excluídas desta análise as questões relacionadas aos fundamentos históricos e conceituais do Trabalho (o que é trabalho, como se desenvolveu na história da humanidade, como se constituiu na sociedade capitalista). Reconhecer a dificuldade de partir para uma crítica da moral de nossa civilização no que diz respeito a relação homem/trabalho, sem ao menos uma descrição e historicização do que se pretende criticar, exige, então, destacar alguns pontos de análise do trabalho no marco sociológico. Isto inclui, sempre na perspectiva da atualidade, questões como: as repercussões do moderno sistema capitalista mundial sobre a organização e mercado de trabalho; a relação entre trabalho e tecnologia; trabalho e subjetividade; o trabalho como um desafio da sociedade atual (a polêmica do fim da sociedade do trabalho). Tudo isto na tentativa de estabelecer um pano de fundo mínimo, que insira ou enraíze os

resultados desta pesquisa, mais referentes a questões da subjetividade de trabalhador, no mundo concreto do trabalho.

### **Trabalho e economia global.**

A globalização do processo de acumulação fruto do moderno sistema capitalista mundial gerou transformações econômicas importantes, com efeitos diretos sobre a organização do trabalho e a dinâmica do mercado de trabalho. Para discussão destas transformações são utilizados pontos da análise de Altvater<sup>6</sup>, que indicam algumas características deste processo:

- Tercialização tendencial da economia e do sistema de empregos expressa pela expansão do setor de prestação de serviços (desindustrialização).

- Superação de uma rígida organização do trabalho para formas flexíveis e informalizadas, com crescimento de formas de emprego atípicas, com relações e contratos de trabalho precários e irregulares, com menores garantias e requisições de qualificação, inclusive com um retrocesso do emprego de tempo integral. De certa forma isto representa novas formas de exploração na velha relação capital X trabalho, nas quais as estratégias organizativas e conquistas do trabalhador não se enquadram mais, produzindo um desequilíbrio ou defasagem maior ainda na construção de formas de resistência do trabalhador contra a alienação não apenas da natureza, do trabalho e de seus produtos, mas de si mesmo.

- Um desatrelamento do mercado de trabalho da questão do desenvolvimento econômico quando se observa "crescimento sem aumento de empregos". Situação para a qual contribuem não apenas as transformações econômicas mas, também, as inovações técnico-produtivas (revolução tecnológica) que revolucionam os sistemas de produção de bens e serviços e os próprios padrões reguladores das relações tempo/homem/máquina no trabalho.

---

<sup>6</sup> ALTVATER, Elmar. **Sociedade e trabalho: conceito em questão, sujeitos históricos - mito e realidade.** Seminário Internacional "Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas". UNESP, Marília, abril/1993. (Conferência) (mimeo)

- Efeitos contraditórios deste processo sobre o mercado de bens e o mercado de trabalho. Enquanto o mercado financeiro de bens alcança expressão global com a internacionalização dos mercados, a regulação dos mercados de trabalho, por sua vez, continua se situando nas fronteiras nacionais. Dito de outro modo, limita-se a competência regulatória econômica de estados nacionais em relação ao mercado mundial (é claro que com uma divisão desigual desta competência já que os países de maior poder econômico terão menores restrições em suas políticas de mercado) mas não relaxa-se no mesmo nível a regulação nacional do mercado de trabalho.

- A internacionalização do modelo fordístico de acumulação cria uma nova divisão internacional do trabalho, ficando nos países industriais os processos produtivos que exigem incremento tecnológico, mão de obra qualificada e alta produtividade. Nos países periféricos são " Descarregados " os processos de trabalho que lançam mão de tecnologias padronizadas e força de trabalho pouco qualificada e barata. Por questões estruturais, de infraestrutura pública, de produção privada e, principalmente das formas sociais de regulação do trabalho (qualificação, salários, conflitos trabalhistas) ou regulação monetária (estabilidade e relações intermonetárias) grande parte dos países entram no círculo vicioso dos "países do terceiro mundo", de difícil superação de suas defasagens e bloqueios de desenvolvimento no interior da economia global.

### **Categoria "trabalhador" - identidade em questão.**

As contemporâneas mutações sociais, econômicas e tecnológicas do Trabalho incidem radicalmente sobre o que se convencionou como a identidade do trabalhador moderno. O operário de Marx, imagem do trabalhador manual, em contato direto com a matéria ou com a máquina, já não dá conta do novo conteúdo do trabalho operário industrial, que se dirá das inúmeras novas formas do trabalho assalariado e trabalho informal. As metamorfoses do trabalho e da

classe operária são analisadas por Lojkine<sup>7</sup>, que aponta para as tendências inversas que conflituam e complexificam o atual mundo do trabalho no cenário capitalista. Assim, as tendências à socialização da produção e das informações, atravessadas pela tecnologização, esbarram na não superação de uma crescente divisão e fragmentação das tarefas e pela clivagem entre categorias profissionais. Estas contratendências têm suas implicações ou desdobramentos tanto a nível da crise do sistema capitalista em mensurar a produtividade (crise de seus critérios econômicos face às novas contingências) e a própria crise dos fundamentos da identidade da classe operária e de sua importância estratégica face às aproximações e convergências entre trabalhadores operários, técnicos e de serviços, que ultrapassam o marco definido pela dicotomia capitalista entre trabalhador produtivo e improdutivo. Em outras palavras, as categorias de trabalho produtivo, improdutivo, manual, intelectual - apesar da enorme capacidade do capitalismo de "objetivar" e mercantilizar todas as formas de trabalho vivo -, na ausência de mercadorias, não conseguem abarcar as formas de produção de "produtos imateriais" e ou serviços. Ao invés da antiga oposição entre trabalhador manual e trabalhador intelectual objetiva-se o movimento de aproximação dessas categorias em torno do trabalho assalariado. E isto não ocorre apenas no espaço concreto do trabalhador coletivo, onde o mais alto técnico e o operador de base cooperam juntos na produção do mesmo produto, mas a nível muito mais geral na ampla rede do trabalho na sociedade.

Ferreira<sup>8</sup> ao analisar a "(ir)racionalidade do trabalho atual" aponta para o modo como esta não funciona a partir de pressupostos veiculadores da identidade entre produtor e consumidor, do que decorre que a concepção e organização social do trabalho sejam determinadas por fatores e interesses estranhos ao trabalhador; levando a desajustamentos e desidentificações entre a condição-função do trabalho, o produto do trabalho, o rendimento auferido e o consumo de riqueza social usufruída. A nível da identidade do trabalhador não se pode negar

---

<sup>7</sup> LOJKINE, Jean. **A classe operária em mutações**. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990.

<sup>8</sup> FERREIRA, José M. Carvalho. As novas tecnologias, o trabalho e os desafios do sindicalismo. **Rev. Plural**, Florianópolis, Ano2, n.3, p.5-11, jul/dez., 1992.

que “o trabalho assalariado como modelo de criatividade física e intelectual está sofrendo um conjunto de reestruturações, que se traduzem na desagregação progressiva dos processos de identificação psicosocial do trabalhador para com seu trabalho”.<sup>9</sup>

### **Trabalho e tecnologia.**

Imprescindível também considerar a relação entre trabalho e tecnologia para além da reconhecida via de conceitualização da tecnologia como o conjunto de saberes, métodos, técnicas e instrumentos que são acionados num determinado trabalho. Se isto é real, em qualquer trabalho se objetiva um saber operacional, não finda aí a importância desta relação.

A visão paradigmática da tecnologia, na ótica do progresso e da razão, de modo algum encontra essa tradução na vida cotidiana do trabalhador assalariado<sup>10</sup>. Os virtuais benefícios do avanço tecnológico não possuem uma linear e automática ressonância na vida concreta dos trabalhadores.

Entre o modo como determinado trabalho visivelmente se mostra hoje e a tecnologia operante, se estabelece uma complexa rede de mediações, continuidades e descontinuidades de caráter histórico-econômico que se articulam a toda uma racionalidade científica e uma organização social característica. Isto envolve a negação de qualquer neutralidade do saber e da dinâmica tecnológica. E, mais ainda, trata-se de não apenas perguntar dos efeitos das mudanças tecnológicas sobre o trabalho ou de quais inovações tecnológicas são necessárias para certo trabalho, mas, sim, questionar como e porque certa

---

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.6. E ainda “O ser humano, o meio de trabalho - ferramentas, máquinas-ferramentas, novas tecnologias - e o objeto de trabalho - matéria prima, bens e serviços -, nas suas múltiplas interações, não estão em consonância positiva, nem tampouco estão identificados com os ditames da essência criativa dos seres humanos. o meio de trabalho e o objeto de trabalho oprimem e exploram o fator de produção trabalho, na medida em que os seus mecanismos complexos, os seus materiais e energias modelam, negativamente, com suas leis imperativas, as virtualidades criativas do ser humano trabalhador.”

<sup>10</sup> Este é o alerta de FERREIRA (*op. cit.*, p.5) que explica que “a tecnologia, enquanto expressão da razão e do progresso, tem sido quase sempre analisada como fator de desenvolvimento econômico e social e inclusive como fator de emancipação do trabalho assalariado. Dedução que decorre de uma função cada vez mais criativa do fator trabalho nos seus aspectos cognitivos e físicos e sobretudo da diminuição drástica do tempo de trabalho socialmente necessário para a produção e reprodução da riqueza social”.

organização social de um processo de trabalho modela e determina as formas particulares que a mudança tecnológica assume.

Tal suposto parte da análise de Marglin<sup>11</sup> que utiliza esta perspectiva para questionar uma das grandes marcas da organização tecnológica do trabalho, a partir do século XVIII, com a industrialização: a divisão do trabalho<sup>12</sup> nos moldes do parcelamento de tarefas. Segundo este autor, a forma assumida pela divisão capitalista do trabalho, que apesar das adaptações e mudanças evidencia-se até hoje além dos portões das fábricas, deu-se mais por uma preocupação de “dividir para reinar” do que pela procura da eficácia técnica. Não que deva satisfazer a idéia de tecnologia e da divisão técnica do trabalho como uma aliada estratégica da exploração. Isto importa na visualização de como nos bastidores da apresentação de uma inovação tecnológica, e por traz de um discurso de sua eficácia técnica e científica, se impõe sua eficácia política que, no caso da divisão do trabalho capitalista, se assenta no seu sistema de disciplina e fiscalização.

Ao refletir sobre o argumento do surgimento da organização hierárquica do trabalho fica mais fácil pensar uma organização igualitária não utópica, ou utopicamente realizável, onde o trabalho se integre à vida e não apenas seja meio de vida. Ideais a parte, é indispensável encarar a atual especialização e o parcelamento de tarefas não apenas no contexto científico, mas também político, ou seja, de como de uma só vez esta divisão despoja o trabalhador do controle sobre o produto e do controle sobre o processo de produção. As consequências perversas desta perda recaem na incapacidade do trabalhador trabalhar sem a mediação dos que possuem o controle, direção e coordenação deste trabalho. Isto sem lembrar da redução do potencial inventivo criativo deste trabalhador e de sua própria formação, ditada pelas exigências de acumulação capitalista, como um processo de servidão a longo prazo. Se a grande missão do capital é a produção da mais valia, a produção e a apropriação do sobre-trabalho, cada vez

---

<sup>11</sup> MARGLIN, Stephen. Origem e funções do parcelamento das tarefas - para ue servem os patrões? In: GORZ, André. **Crítica da divisão do trabalho**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

<sup>12</sup> A discussão feita aqui se refere a divisão **técnica** do trabalho, substancialmente diferente da histórica divisão social do trabalho, principalmente no que se refere a cisão entre concepção e execução do processo de trabalho, ponto que se quer destacar.

mais ganha peso e forma a subsunção do trabalho ao capital, tanto pela expropriação concreta e material do trabalhador, da qual já falamos, mas também por uma forma de expropriação subjetiva e não menos degradante.

É conhecida a subordinação do trabalhador ao trabalho em termos físicos ou orgânicos e em termos psíquicos. Não só o corpo do trabalhador é tomado, mas também sua vontade, atenção e energia mental. E quando o conteúdo, a forma, os modos de executar, a "ordem" do trabalho, não permitem nada além de um fazer mecânico, fragmentar, amorfo e sem sentido, desprovido de qualquer atração ou desafio a criação e ao crescimento das qualidades humanas? Neste caso, se opera, a que é, talvez, a mais violenta das expropriações, a expropriação da humanidade, da dignidade, da possibilidade do trabalhador fazer-se homem, de fazer-se pleno.

### **A sociedade do trabalho? Trabalho e subjetividade**

Os últimos anos foram, sem dúvida, marcados pelos debates em torno de temas como "liberalismo e socialismo", com conseqüente questionamento de seus paradigmas e experiências reais. Neste debate inscreveu-se o retorno de questões tradicionais nos discursos, tanto liberais quanto socialistas, entre as quais a relação sociedade e trabalho, seus mitos, suas perspectivas históricas, seus sujeitos.

Leo Maar<sup>13</sup> toma a questão do fim da sociedade do trabalho e reconstrói três variações exemplares com base em três vertentes de esquerda com diferenças fundamentais, embora não excludentes. O que importa aqui, mais do que um retorno ao discurso dos três autores referidos por Leo Maar, é a originalidade de sua interpretação e aplicação da contribuição destes na polemização de um desafio atual ao se pensar em trabalho.

---

<sup>13</sup> LEO MAAR, Wolfgang. **Fim da sociedade do trabalho ou emancipação crítica do trabalho social.** Seminário Internacional "Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas". UNESP, Marília, abril/1993. (Conferência) (mimeo).

Os pressupostos iniciais e motivadores de tal estudo foram:

- a necessidade de revigoração do marxismo e sua atualização com base na atual fase técnico-científica do capitalismo avançado, o que inclui sua totalização globalizante, tanto a nível das fronteiras nacionais, como dos diversos planos da vida social e das relações humanas (homem consigo mesmo, homem com outros homens e homem-natureza);
- o reforço ao "cerne político" da visão marxista do trabalho, qual seja, o seu duplo caráter: enquanto processo produtivo (produção de valor pelo intercâmbio com a natureza) e enquanto processo formativo (momento privilegiado de auto-realização humana).

Considerando tais pressupostos fica evidente o interesse por esta reflexão, já que a formação do sujeito pela via do trabalho é um dos aspectos que envolvem esta estética do trabalho, senão vejamos: em sua relação com o trabalho, a estética pode ser considerada por uma dupla via, a do trabalho que forma o sujeito e a do sujeito que forma o trabalho. Em outras palavras, a relação estética do homem com o processo mesmo em que se torna "trabalhador" (que inclui a relação com objetos e meios de trabalho, outros homens, consigo mesmo e, virtualmente, com a sociedade como um todo) não apenas lhe oferece experiências e percepções que ao serem consumidas esteticamente influem na sua subjetividade ou forma de se colocar no mundo (a criação do homem no trabalho), como também, este mesmo trabalho será o terreno das manifestações deste sujeito e, portanto, recriado por ele.

Então, captar a estética deste trabalho humano é captar o que existe de humano neste trabalho, e a busca de tal apreensão passa, necessariamente, pela leitura das transformações que se anunciam neste cenário. Eis aí a atualidade e relevância de estudos sociológicos como suporte fundamental para a construção de novos projetos para o agir humano e para qualquer reflexão filosófica que queira ver melhor a relação sujeito-trabalho; ver sob a perspectiva de uma nova concepção estética e ética deste trabalho. Já que é no trabalho que o homem consome a maior parte de sua existência é nele, também, que deve encontrar

sentido para sua existência. Sentido que só poderá se buscado pela compreensão de seus desafios ético-estéticos.

Por esta razão justifica-se destacar três perspectivas teóricas na análise do trabalho frente aos recentes desafios mundiais, relacionadas e reconstruídas numa interpretação de um quarto analista, no quadro-resumo "TESES DO FIM DA SOCIEDADE DO TRABALHO", apresentado a seguir (elaborado a partir da análise de Leo Maar).

### **André Gorz e a "Libertação do trabalho" - O trabalho que não forma**

-Tem como presuposto "a utopia do não trabalho", que numa visão otimista reconhece os benefícios do capital pela via da maior qualificação e participação do trabalhador - identificada como a via da desalienação do trabalho - e pela via da libertação do jugo do trabalho através da diminuição do tempo necessário de trabalho social e aumento do tempo livre.

Distingue trabalho econômico, produtivo, assalariado e heterônomo (com tendência de redução de tempo) e atividades autônomas e de auto-realização (no futuro seriam as atividades que dispenderiam maior tempo do trabalhador).

-É O FIM DA SOCIEDADE DO TRABALHO ? Sim, considerando apenas o trabalho enquanto condenação e suplício. A libertação pressupõe a superação do atual trabalho e o desenvolvimento de novas formas de apropriação da natureza. Esta emancipação humana será atingida no interior do capitalismo avançado, pela sua crítica, ainda que pela preservação de sua lógica (neste sentido a sociedade do trabalho, ao contrário do seu fim, chegaria a sua universalização) e pela conquista do tempo livre, como se este estivesse imune à exploração secundária pela indústria da consciência.

Trabalho, trabalho profissional (Erwerbsarbeit) já não constitui o nexo mais importante que vincula o homem em sociedade, já não é o fator mais importante de socialização, não é mais a ocupação mais importante, nem a fonte mais importante

de riqueza e do sentido da vida [...] estamos abandonando a sociedade do trabalho [...] mas de marcha-a-ré; e de marcha-a-ré adentramos uma civilização do tempo livre, incapazes de fundar uma cultura do tempo disponível e da atividade autônoma [...] A procura da maximização do desempenho continua dominando nosso pensamento, e parecemos não querer tomar conhecimento do fato que o esforço em economizar o máximo de trabalho e tempo mediante máxima eficiência conduz a um resultado ao qual o pensamento econômico utilitarista não sabe conferir valor nem sentido. Este sentido historicamente possível está em que nos é poupado trabalho, tempo é liberado e que a racionalidade econômica utilitarista possui cada vez menos validade [...] Esta incapacidade de nossa sociedade em fundar uma cultura do tempo disponível resulta em que o trabalho, a riqueza e o tempo livre disponíveis são distribuídos de modo absurdo e extremamente injusto.<sup>14</sup>

### **Robert Kurz e a desmistificação do trabalho - O trabalho que deforma**

-Parte da crítica da mistificação a-histórica da ética do trabalho característica da modernidade, atualmente em colapso, e da categorização da classe operária como identidade coletiva que encarna a "essência humana", só externamente explorada pelo capital (este, sim, transformado em sujeito).

-Aponta para o declínio do sistema de mercadorias moderno e com ele a subjetividade do dinheiro, por sua incapacidade de integrar em sua lógica a maioria da população. Assim, a esfera do trabalho e da produção perdem seu poder de estruturação e determinação da vida social, mudando de uma posição de relevância subjetiva para um status subjetivamente periférico. Isto quer dizer que, para o sujeito, o trabalho deixa de ser o ponto central unificador de todos os outros aspectos da organização social; deixa de ser o centro em torno do qual sua vida gira.

<sup>14</sup> GORZ, apud LEO MAAR, op.cit., p.17-18.

-É O FIM DA SOCIEDADE DA TRABALHO ? É o fim apenas do mito do trabalho - essência humana supra-histórica. Neste sentido coloca a necessidade da desideologização do trabalho e de sua ética, como requisito para a prática emancipatória, alertando que, para enfrentar o risco de remitificar, através de novas teses alternativas, é preciso uma "política do esclarecimento" dos aspectos negativos da modernização mundial.

A sociedade do trabalho estaria sustentada por uma ética do trabalho - a troca honesta (ou equivalente) do trabalho por salário, da ascensão e formação pela via do trabalho, enquanto realização objetiva, etc. - que se revelaria como mito burguês, fetiche incapaz de resistir frente às evidências empíricas de miséria crescente, de um processo produtivo que tem por finalidade apenas sua própria reprodução ampliada.<sup>15</sup>

### **Oskar Hegt e a "libertação do trabalho no trabalho" - A formação pelo e no trabalho**

- Da mesma geração de Habermas e também da escola de Frankfurt, o autor concorda que o proletariado mostrou-se incapaz de ser sujeito e de "reclamar o conteúdo da história". Mas dá a este "adeus ao proletário" um sentido crítico de superação e alternativa, qual seja, o de que a libertação DO trabalho se sustenta na libertação NO trabalho. Não seria pela supressão do trabalho, o que de fato seria impossível, mas sim pelo controle comum da produção, pela humanização do trabalho e pela associação consciente e solidária dos trabalhadores, que se daria a superação do capitalismo por uma alternativa emancipatória produzida em seu próprio seio. Este potencial se situa no "trabalhador coletivo alternativo", sujeito, com amplo mandato político na esfera produtiva e em esferas que extrapolam o sistema de valores capitalista ou fogem do seu raio de comando.

<sup>15</sup> KURZ, apud LEO MAAR, op.cit., p. 6-7.

- É O FIM DA SOCIEDADE DO TRABALHO ? Sim, se este fim for tomado como alegoria, para restaurar a concepção do trabalho formativo (auto-realização), a partir do reconhecimento do caminho da politização do trabalho nas brechas irrompidas pela irracionalidade do processo produtivo mesmo.

Como os homens vivem, o que ganham, como se identificam com seu trabalho, em que condições vivem, a que nacionalidade ou religião pertencem: estas não são questões marginais ao processo revolucionário. [...] Que as utopias da sociedade do trabalho não estão esgotadas na escala mundial, que os povos miseráveis retiram suas esperanças de libertação da miséria do desenvolvimento do trabalho, isto me parece totalmente evidente." <sup>16</sup>

Após esta síntese, vale ressaltar as contribuições, implicações e limites destas três posições, o que resgata a relevância deste tipo de análise e de como esta se coloca como marco problematizador deste projeto de pesquisa. Assim, pode-se afirmar que tal contribuição reside na discussão do novo local destinado ao trabalho na sociedade atual (ou quem sabe na sociedade por vir); do valor dado ao trabalhador e ao produto de seu trabalho. Em suma, discute novas possibilidades de relação entre o agir humano, sua obra e o usufruto destas obras. Daí se origina sua principal implicação, a abertura para o estabelecimento de uma nova utopia do trabalho. Utopia sim, pois mesmo considerando os limites reais - entre os quais o fato de não se constituir em uma realidade já posta mas de uma expectativa de construção e, portanto, sujeita aos desmentidos da história - não perde seu caráter mobilizador e fomentador de idéias e planos.

Cabe ainda ressaltar uma posição que converge com pelo menos três idéias discutidas por Leo Maar:

- O duplo caráter do trabalho: como processo produtivo é formativo.
- "A libertação no trabalho e a libertação do trabalho não são movimentos excludentes; uma não pode existir sem a outra".<sup>17</sup>

<sup>16</sup> NEGΤ, apud LEO MAAR, op.cit., p. 22-23.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p.23.

- O fim da sociedade do trabalho como um produto da própria sociedade do trabalho.

Se hoje o trabalho produtivo perde sua centralidade subjetiva e histórica, sua crítica deve transcender suas manifestações tangíveis e constituir-se em possibilidade de emancipação crítica do trabalho social. Deve reconhecer a heterogeneidade dos sujeitos e de aberturas dentro e fora do trabalho. As condições deste novo trabalho estão ligadas também ao processo de trabalho concreto, mesmo sendo ele restrito e parcelar. Mesmo em face da construção de novos espaços de realização do sujeito, a crítica ao trabalho em si não deve ser menosprezada. A prática e a compreensão da prática são os pilares desta emancipação.

Cabe ressaltar ainda o distanciamento que algumas destas análises parecem adquirir em relação a realidade brasileira, onde muitas das repercussões das transformações mundiais da economia capitalista se tornam secundárias ao desemprego crescente, tomando proporções assustadoras e chegando a se constituir uma problemática não apenas contingencial mas estrutural. Mas, mesmo onde a falta de trabalho e a miséria é a maior preocupação, é importante não descolar o debate desses limites mais tangíveis do sítio analítico em que se inserem e na rede de relações que nutrem tal problemática.

Ao se pensar no trabalho em saúde pode parecer ainda mais distante a pertinência desta análise. Superar tal aparente distanciamento e captar as reais inferências desta dinâmica histórico-sócio-econômica na realidade mais pontual do trabalho em saúde, é sem dúvida um ponto instigante e necessário de investigação. Mesmo não assumindo tal tarefa coube salientá-la, mesmo que somente para tornar mais claras algumas facetas do tema de pesquisa proposto, inscritas num marco sociológico:

Pode o estudo da estética do trabalho em saúde, enquanto manifestação do sujeito em sua obra e ação, deixar antever uma perspectiva ou tendência de transformação do trabalho e do sujeito no trabalho numa visão emancipatória ?

Quais implicações de ordem organizativa e estrutural o atual processo de transformação político-econômico mundial e local impõe ao trabalhador da saúde e quais os reflexos destas imposições ao nível da sua subjetividade ?

Afinal, se a centralidade subjetiva do trabalho evidenciou a marginalidade objetiva do sujeito, os sinais da ruptura desta centralidade podem ser os sinais de uma possibilidade histórica peculiar, a de resgate da esquecida face do trabalho enquanto processo formador do sujeito e, portanto, fator de desalienação e libertação deste sujeito através do seu próprio agir (dentro e fora do trabalho). E, talvez, o fim do tipo de trabalho a que estamos acostumados a nos referir, ligado ao sofrimento e a sobrevivência, seja o ponto de emergência de um novo sujeito, nascido para superar e transcender a sociedade mesma que o gerou.

### ***O problema no marco do trabalho em saúde.***

Embora ao se falar de estética do trabalho em saúde se evidencie um certo sentimento de solidão e isolamento quanto à procura de estudos com proximidade temática, o mesmo já não se pode sentir ao se buscar a recente produção científica sobre o processo de trabalho em saúde.

Mesmo que ainda não se mostre uma linha de pesquisa de ampla difusão e consolidação, trabalhos de grande qualidade têm aberto uma nova corrente de debates na área de saúde. Abstendo-se de um maior levantamento não se pode deixar de citar trabalhos pioneiros como os de Mendes Gonçalves<sup>18</sup>, responsável por uma rica contribuição para a compreensão do processo de trabalho em saúde e que muito subsidiou reflexões aqui desdobradas. Contribuição esta ampliada por estudos que, por diferentes focos, dedicaram especial atenção ao trabalho da

---

<sup>18</sup> GONÇALVES, Ricardo Bruno Mendes. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo.** São Paulo, USP, 1986, 416p. Tese (Doutorado em medicina Preventiva)- Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 1986.

**O processo de trabalho em saúde.** São Paulo: Faculdade Med. da USP, 1988. (mimeo) 31p.

enfermagem, como os de Almeida e Rocha, Almeida et al, Leopardi et al, Castellanos et al, Almeida, Leopardi, Gelbcke, Vaz e Gonzaga<sup>19</sup>.

Continuando por esta linha de pensamento vale situar algumas noções iniciais dentro de um entendimento marxista sobre trabalho. Assim, de um modo muito geral, trabalho pode ser entendido como um processo não casual, onde ocorre a transformação de um elemento ou "fragmento" da realidade (material ou social), através do dispêndio de uma certa energia e da utilização de um certo instrumental o qual é guiado por uma finalidade gerada por (abstraída de) uma necessidade ou carecimento.

Deste modo, uma das primeiras características do trabalho humano é a intencionalidade, ou seja, o fato de possuir uma direção, um projeto a partir de uma forma de ver o objeto e de prever a sua transformação. Mas, para que se realize, e de projeto passe à ação, é exigida uma força de trabalho, um objeto passível de ser transformado e instrumentos concretos para tal. Daí depreende-se o seu caráter simultaneamente objetivo e subjetivo. Isto porque todo processo de trabalho, só o é no mundo real, só se concretiza objetivamente, mas é sempre dirigido pela consciência. E é a consciência que gera os conhecimentos que

---

<sup>19</sup> ALMEIDA, M.C.P.; MELLO, D.F. de; SOUZA NEVES, L.A. **O trabalho da enfermagem e sua articulação com o processo de trabalho em saúde coletiva - rede básica de saúde em Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto, USP, 1991, 297p. Tese (Livre docência) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1991.

ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O saber da enfermagem e sua dimensão prática.** 2ed. São Paulo: Cortez, 1989.

ALMEIDA, M.C.P. et al. A situação da enfermagem nos anos 80. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989, p.43-75

CASTELLANOS, B.E.P. Os desafios da enfermagem para os anos 90. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989, p.147-169.

LEOPARDI, M.T. et el. O desenvolvimento técnico-científico - uma aproximação com instrumentos de trabalho. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989, p.97-126.

LEOPARDI, M.T. **Método de assistência de enfermagem: análise da utilização do instrumento no processo de trabalho.** Ribeirão Preto, USP, 1991, 177p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1991.

GELBCKE, F.L. **Processo saúde-doença e processo de trabalho: a visão dos trabalhadores de enfermagem de um hospital escola.** Rio de Janeiro:UERJ, 1991, 266p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade do Rio de Janeiro, 1991.

VAZ, Marta R.C. **O trabalho da enfermeira na rede básica de serviços de saúde - análise se depoimentos.** Ribeirão Preto: USP, 1989, 211p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental) - Escola de Enfermagem de Ribeirão preto, Universidade de São Paulo, 1989.

GONZAGA, Flávia R. S. Ramos. **Para além do cotidiano: reflexões acerca do processo de trabalho de educação em saúde.** Florianópolis: UFSC, 1992, 132p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

mediarão o processo , que o intelectualiza, seja na percepção da carência, na definição de finalidades, na teorização do objeto sobre o qual atua, na elaboração de instrumentos e até na teorização do seu próprio processo de trabalho.

Este entendimento é fundamental para situar o objeto específico desta pesquisa como pertinente ao estudo do processo de trabalho em saúde, já que se propõe a abordar este trabalho a partir do privilegiamento de um de seus elementos, qual seja, o próprio trabalhador. Supõe-se que o pensamento e a ação de seus agentes sejam indispensáveis para a compreensão do trabalho em si, daí a relação com a análise das formas de expressão estética que este trabalho apresenta. Trata-se apenas de diferenciar o foco ou caminho escolhido para apreensão deste objeto e, para tanto, é útil apresentar outras formas de estudar o tema, algumas das quais já mais solidificadas no terreno científico.

Em estudo recente, Schraiber e Peduzzi<sup>20</sup> procuraram apontar as tendências e possibilidades da investigação de recursos humanos em saúde no Brasil, através da análise das contribuições e dos limites dos vários recortes teórico-metodológicos pelos quais o conhecimento no campo se tem produzido.

As autoras contrastam dois quadros teóricos principais utilizados nas interpretações da realidade dos recursos humanos em saúde. A primeira abordagem funda-se na noção do trabalho em saúde como exercícios autônomos de profissões (revelando a dimensão do sujeito autônomo da ação) e que não apenas parece se satisfazer com a apreensão mais aparente de "profissional", como também parece "resumir a tecnologia do trabalho à condição de seu agente e ainda reduzir esta última à especificidades da formação escolar."<sup>21</sup>

Uma segunda abordagem surge nos últimos anos quando, por referência à Reforma Sanitária, transparece um esforço para localizar os recursos humanos no novo contexto institucional e de produção de serviços. A necessidade de forjar um novo ator para fazer frente aos novos conceitos de prática lançaram a noção

---

<sup>20</sup> SCHRAIBER, L.B.; PEDUDUZZI, M. Tendências e possibilidades da investigação de recursos humanos em saúde no Brasil. *Rev. Educ. Med. Salud*, v.27, n.3, p.295-313, 1993.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.300.

do "trabalhador em saúde" e do seu trabalho como uma prática social compromissada.

Assim, embora ambas as formas de apreensão sejam importantes, se mostram parciais e insuficientes para responder à questão do que é "ser trabalhador em saúde" e de responder à atual brecha teórico-metodológica que se abre na busca de significados renovados para os recursos humanos em saúde.

Desta e de outras leituras pode-se apontar desafios que, constituindo-se objetos de pesquisa, descortinam novas perspectivas no tratamento do processo de trabalho. Alguns desses desafios podem ser assim resumidos:

A)- A necessidade de captar a realidade da existência social dos recursos humanos no interior das práticas de saúde, relativizando tanto sua autonomia de sujeito profissional quanto as determinações sociais que pesam sobre seu trabalho. Da reflexão de Schraiber e Peduzzi mostram-se alguns desdobramentos deste desafio:

-as novas demandas sociais do trabalho em saúde face às transformações tecnológicas na produção e organização dos serviços do setor e os princípios norteadores do Sistema de Saúde;

-o resgate da margem de criação pessoal do trabalhador em sua intervenção, partindo de suas próprias concepções e valores bem como da consciência dos limites de sua liberdade;

-as peculiaridades da natureza do trabalho em saúde que, para além da "autonomia técnica" socialmente legitimada, confere aos seus agentes uma "autonomia no trabalho", não apenas quando estes retêm o monopólio da prática e da produção do saber acerca do seu objeto mas, principalmente, pelo fato de "na intervenção de saúde nada ser totalmente definitivo antes da execução", tendo sempre o agente direto uma possibilidade de exercitar algum grau de decisão, por menor que seja, sobre o projeto de intervenção. Ou seja, trata-se de compreender melhor um trabalho que se realiza coletivamente e que, apesar de fundar seu poder político-social e autoridade técnica numa posse restrita (exercida por apenas alguns) do

projeto assistencial, deu ao trabalho técnico manual uma competência "intelectual" que realiza cada trabalhador enquanto "mentor", "produtor", "gerente", e "juiz" de seu próprio trabalho.

B)- O papel que o domínio da técnica representa para o trabalhador que vendo negadas outras possibilidades de exercício de autonomia passa a configurar este domínio como fim último de seu trabalho, ocupando mesmo o vazio deixado pela "impossibilidade" de contestação do próprio modelo tecnológico que o conforma e pela sua distância em relação a um projeto político para este trabalho e para a saúde coletiva como um todo.

C)- A importância das representações, idealizações e mistificações envolvendo o próprio trabalho para a compreensão da dinâmica deste trabalho na sociedade, de sua racionalidade e dos descompassos entre o vivido e o imaginado. Compreensão esta que pode se traduzir em vontade, criação e transformação de seus limites e formas.

D)- Os conflitos vividos por estes trabalhadores ao se depararem com necessidades de intervenções sobre carências humanas múltiplas e complexas; com um trabalho cooperativo com grandes deficiências teóricas, organizativas e operacionais; com a falta de clareza sobre seu próprio objeto, finalidades de trabalho e uso de instrumentos nem sempre adequados aos fins almejados.

Enfim, o conflito entre o que lhe cabe enquanto dever e compromisso - a face visível do trabalhador - e o que lhe cabe enquanto homem que constroi e "reclama por existir humanamente" - a invisível face do sujeito. Visível e invisível que se espessam e se escondem, transparecem e já se refazem. Forma posta e sempre por refazer - eis a a estética - nunca completa, sempre manifestação.

Frente a todas estas considerações de caráter complexo e, às vezes, contraditório, é que se apresenta destacadamente a preocupação em reconhecer o espaço de realização da subjetividade deste trabalhador no exercício concreto de seu trabalho, o que, aliás, denota a preocupação estética. Reconhecer as bases materiais deste trabalho, mas também seus significados no âmbito da

externalização do sujeito através daquilo que faz, emergência do sujeito através do domínio do saber em ato e da razão sensível e criadora. Saber este que se manifesta em tecnologia, mas não se esgota no controle da mesma, pois não é apenas saber operacional mas também é critério do agir ético, ponto de articulação do sujeito do conhecimento e do sujeito moral

Como se vê, as potenciais questões de pesquisa acima apontadas dizem respeito à edificação de quadros teórico-referenciais que iluminem os atuais "escuros" do trabalho em saúde e representem a visualização dessas práticas em novos cenários. Esta pesquisa encontra referência em cada uma destas questões, que têm em comum a idéia de que os trabalhadores da saúde, ainda não disseram tudo o que têm a dizer sobre este trabalho e de que este trabalho fala um pouco por cada um e de cada um

Óbvio que todas estas preocupações levantadas não podem ser tratadas num único estudo e, não obstante, outras facetas desta realidade se impuseram com mais vigor no decorrer da pesquisa. Apesar disto, sem dúvida, o que dá a peculiaridade deste estudo, dentre a produção científica da área, é exatamente o território que pretendeu explorar no interior do marco do trabalho em saúde.

A exploração deste espaço não se faz pela negligência de questões tais como a situação do trabalho no setor saúde (mercado e condições de trabalho, formação e distribuição da força de trabalho), as relações entre modo de produção, classes sociais e saúde, a intervenção estatal e os modelos e tecnologias em saúde, estruturas de poder e instituições do setor e, em tudo isso, a análise macro-estrutural, o peso das forças históricas objetivas que envolvem a temática. Apenas se quer dar peso as "forças subjetivas" para mais e mais transpassar a invisibilidade e obscurecimento em que foram postas, pois que elas se mostram capazes de fazer história.

O cotidiano do trabalho em toda a sua heterogeneidade, pleno de razões e paixões, mediações e alteridades, já não mais se conforma ao papel de figurante. Forças objetivas e subjetivas atuam simultânea e inseparavelmente na vida e nas

práticas sociais e reduzir uma à outra, ou ambas a uma relação de substrato-resíduo, é desistir de uma maior compreensão sobre as mesmas. É este cotidiano que manifesta a estética do trabalho em saúde.

### ***O problema no marco filosófico***

Como último argumento fundador deste problema de pesquisa, buscou-se traçar o que pode ser apontado como a relação de cumplicidade e entrelaçamento que a ética e a estética estabelecem entre si e, conseqüentemente, com uma das mais importantes questões da vida humana, o trabalho.

Para tanto, é necessário arrazoar um entendimento sobre a estética, como um ramo particular da reflexão filosófica que chegou ao nosso tempo formalizada por seu interesse pela arte. Como isto se deu a partir de um determinado momento histórico, é permitido uma recuperação do significado da estética anterior a este período.<sup>22</sup> Pode-se também utilizar o argumento de que mesmo circunscrita à reflexão filosófica sobre a arte, esta pode ser tomada não em seu sentido estrito, ou seja no sentido de seu resultado definido em termos de "obra artística", o que apenas reforça a necessidade de um rápido esclarecimento dos limites da reflexão estética agora e antes.<sup>23</sup>

Estética vem do grego, "aísthesis", que significa sensibilidade. A sensibilidade, como o conjunto das capacidade sensíveis do ser humano através das quais apreende todo tipo de sensações no contato com o mundo, se torna a fonte de toda e qualquer operação da vontade e do pensamento e, portanto uma capacidade da alma através da qual todas as outras se exercem, inclusive a razão prática e o entendimento, bases das atividades políticas, teóricas e

---

<sup>22</sup> Na breve síntese histórica sobre a estética cumpre ressaltar as contribuições de Marcos MÜLLER (Universidade Federal de Santa Catarina, sala de aula, 1995.)

<sup>23</sup> Algumas leituras sobre a estética, em termos de sua história, podem ser indicadas, entre as quais: HOSPERS, In: BEARDSLEY, M.C.; HOSPERS, J. *Estética - historia y fundamentos*. Madri: Catedra, 1990.

científicas. Na tradição grega a arte era entendida como Tekné, ou seja, ligada as atividades de produção, execução e de imitação plástica e poética, ocupando um espaço intermediário entre a razão prática e o entendimento. Platão introduz o termo Noús para designar a sensibilidade humana superior, intuição superior ou inteligência, que torna o homem capaz de ver além da aparência e da forma, além de seus cinco sentidos básicos. Já Aristóteles considera que o homem tem o dom inato de imitar, já que busca no “Belo” seus atributos de ordem e grandeza, que são os equivalentes naturais do ritmo e harmonia que possui dentro de si mesmo. Assim, apresenta o primeiro tratado sobre a arte, numa reflexão preceiturística, ou seja, visando demonstrar o como se fazer arte, no caso, a poética trágica.

Após a influência que a física e a matemática exerceram sobre a estética durante a idade média, o Renascimento se esboça como um novo marco na investigação filosófica e preceiturística sobre a arte. No entanto, será Kant que reconhecerá que nenhuma regra pode esgotar as potencialidades da criação, denominando de “gênio” esta capacidade de aplicar o entendimento às representações empíricas, criando, de modo genial (com estilo) a obra de arte. Estabelece, assim, uma nova forma de apetição racional humana, além da teoria e da prática, o sentimento. Este ganha o estatuto de uma experiência reflexiva já que, mesmo não tendo fim prático ou teórico, se exprime pelo juízo de gosto, o fundamento capaz de realizar o sentimento (espírito ou idéia, no sentido dado por Hegel) em obra de arte.

No século XVIII, principalmente na Alemanha (Leibniz, Baumgarten, Wolf, Scheller, entre outros), se produz a distinção entre a arte poética (preceiturística) e a poesia (investigação filosófica sobre a arte). Resgata-se assim o espaço próprio da arte, nem ciência nem mera multiplicidade de sensações, ao mesmo tempo em que a estética, responsável por dar este estatuto filosófico à arte, passa a ser denominada por Ciência do Belo ou Filosofia da Arte.

É claro que muitas foram as formas de definir a estética, a partir daí sempre relacionadas com as formas de definir a própria arte, o que fez com que estas duas histórias, da arte e da estética, convergissem numa identidade histórica.

Assim, os problemas fundamentais da reflexão estética tornaram-se, a partir de então, sintetizáveis a grosso modo em pelo menos três questões básicas:

- a relação entre arte e natureza (arte como imitação, criação ou construção ?);
- a relação entre a arte e o homem (arte como conhecimento, atividade prática ou sensibilidade ?);
- a função da arte (a educação ou a expressão como o fim da arte ?).

Embora grande parte das questões estéticas tenham seu sítio na arte e se façam em relação a objetos estéticos corporificados em obras de arte, esta se ocupa, também, de qualquer objeto da experiência estética humana. E esta experiência estética é comumente associada a um certo tipo de atitude, atenção ou forma de percepção de um objeto. Por essa via, não assumida neste estudo, a atitude estética é caracterizada por sua distinção em referência à atitude prática (relação utilitarista com o objeto; o olhar está a serviço de uma finalidade ou necessidade); à atitude cognitiva (embora a capacidade analítica possa incrementar a experiência estética); à experiência personalizada (capta o objeto em sua relação com a própria vida) ou à atitude moral (percepção imbuída de juízo ou censura moral). Apesar das controvérsias sobre a existência de uma atitude estética tão nitidamente distinta das demais, os defensores desta distinção assinalam o desprendimento, a não implicação pessoal, o desinteresse e uma intensa consciência perceptiva focalizada exclusivamente no objeto estético (em suas relações internas e não externas) como características desta atitude.<sup>24</sup>

Não é necessário aprofundar esta rápida apresentação para evidenciar que à primeira vista (ou pela via da arte no sentido comum), mostra-se a dificuldade de uma pretensão de relacionar a estética com o trabalho em saúde, haja visto que o enfoque dado ao tema estética se diferencia em muitos aspectos com a tradição do pensamento filosófico, principalmente quando quer ver o “autor”, a manifestação do trabalhador em fala e ato. Portanto, não elimina as relações “externas” que o objeto do olhar, o trabalho, estabelece com quem o faz (mesmo porque a obra é vista no momento em que é feita) ou com o próprio observador;

---

<sup>24</sup> Esta discussão é feita por HOSPERS, In: BEARDSLEY, M.C.; HOSPERS, J. (op.cit.)

nem tampouco elimina o investimento cognitivo e pessoal frente o que se mostra, seja dos sujeitos trabalhadores ou do sujeito pesquisador. Por outro lado, já pode-se reconhecer que noções como sensibilidade, sentimento, percepção, experiência reflexiva, expressão de si, estilo e criação, que notadamente fizeram parte do pensamento estético ao longo dos tempos, não suscitam tanta estranheza quando realacionados com o trabalho humano. Do mesmo modo, a valorização das representações sensíveis ou do que chega a consciência pela via dos sentidos, sem negar o investimento da razão ou do sentimento; e o resgate da experiência estética muitas vezes sepultada pela razão conquistadora e instrumental da modernidade, representam influências importantes da herança filosófica-estética.

Enfim, a via da estética é muito rica em qualquer reflexão que toma o homem e sua obra no mundo como um campo aberto de expressão de infinitas possibilidades, mesmo não desprezando os limites histórico-sociais concretos em que se apresentam tais potencialidades.

Dado este primeiro passo, a superação da falsa estranheza entre trabalho e estética, um salto histórico adianta alguns pressupostos que hoje, num tempo de desafios interdisciplinares, já não são tão incomuns e emergem em diversos discursos filosóficos. Tais pressupostos se referem à noção de arte, estética e ética que explicitam os entrecruzamentos destas com o trabalho humano. Então, tendo como base uma rápida noção do significado que estes conceitos adquirem quando inseridos no contexto desta investigação, chega-se a uma configuração do marco filosófico da mesma.

A **arte**, mesmo reconhecido seu caráter técnico, pode ser vista como não utilitária ou instrumental, mas imprescindível ao homem, e não apenas a homens extraordinários, mas a todo homem que está disposto a criar. Este ato de criar destrói a lógica que paralisa o fluxo do real, segmentando-o em “coisas” identificáveis, manejáveis e imutáveis; lógica que reduz o simbólico e o imaginário à lei, à causa, “à pura e nua realidade”.

“Entre o homem e a cabeça de Medusa da lei lógica, interpõe sua mediação o escudo dessa vontade de intervenção radical cujos jogos simbólicos mais livres, menos contaminados pela coisificação determinista, são o sagrado e a arte. O sagrado e a arte, não o pensamento ou a razão, são que impedem a petrificação do homem em coisa determinada, idêntica, perpetuamente reprodutiva do mesmo, no mesmo e para o mesmo”.<sup>25</sup>

Para este autor, o fim da arte é provar que, mais além de toda e qualquer necessidade de ordem biológica, física ou histórica, o homem não pertence ao reino das coisas e que nenhuma causalidade objetiva pode dar conta do sentido que para ele tem o estar no mundo. Isto porque a arte descobre as possibilidades ocultas do mundo e dá ao homem o mágico dom de desmentir, transcender, reinventar este mundo e a si mesmo. Na arte o homem não deixa de desejar; não se satisfaz com o resultado, mas sim amplia e diversifica suas urgências no anseio de ir além do obtido, do conhecido, do estritamente necessário; e encontra sentido nesta perpétua e inacabada capacidade de desejar.

Será, então, que este desejo de criar, de negar o que é e incessantemente querer ser e fazer o que nunca foi, eclode também, de algum modo e em algum momento, quando o trabalhador se debruça sobre seu fazer cotidiano e sem brilho? Seria só pela fuga do trabalho e pelo espaço da música, poesia, pintura, permitido a poucos e nas horas “roubadas” do trabalho, que o homem comum, trabalhador, teria a possibilidade de expressão de si e de construção de uma vida bela?

A **estética** também, extrapolando o juízo do belo estampado em galerias, registrado em livros ou circulando nas ruas, pode desnudar o mais público e o mais privado dos espaços - o espaço das relações de um sujeito-trabalhador com outros sujeitos, trabalhadores e clientes; o espaço de resistência de um trabalhador que quer se pôr na sua ação, que quer se ver e se realizar naquilo

---

<sup>25</sup> SAVATER, F. La humanidad en cuestión. In: THIBAUT, C. (org.) **La herencia ética de la Ilustración**. Barcelona: Crítica, 1991. p.239.

que faz; o espaço da descoberta trágica de seus limites e, talvez, do prazer da possibilidade de criação - o espaço do trabalho.

É esta estética, que por se voltar para o dia-a-dia "insignificante" e "desinteressante" (ao olhar de uma ciência arrogante), pode ser chamada de micro estética ou estética do cotidiano. E ela pode ser pensada enquanto modo de se realizar qualquer prática individual ou coletiva... modo de acontecer do sujeito na prática.

O vir à tona no qual o sujeito se reconhece por si mesmo e através do outro: esta é a micro estética a ser tomada como elemento de consciência e auto-construção do trabalhador, ser humano concreto peculiar.<sup>26</sup>

O trabalho adquire, por esta trilha, uma função estética, uma razão estética ou uma expressão estética, na medida que explicita um sujeito e que se constitui, também, metáfora interior de um sujeito em ação.

A **ética** acompanha estas noções de arte e estética a partir do momento em que é tomada como "estética da existência, como horizonte que permite dar estilo à própria vida na relação consigo mesmo e com os outros, que permite "esculpir a si mesmo como obra de arte" ou "produzir-nos a nós mesmos como sujeitos morais de nossas próprias ações".<sup>27</sup> E se o trabalho não é apenas processo de produção, mas também de auto-produção, o terreno da ética e do trabalho se fundem mesmo num marco onde exploração e desigualdade parecem excluir a estética da existência. "Poder conferir beleza à vida"<sup>28</sup>, poder decidir e optar pela dignidade e pela beleza, mesmo quando escolhas individuais parecem quase inexistentes, este é o desafio ético e estético ao qual o sujeito-trabalhador tem que responder com seu próprio trabalho.

Enfim, o que neste estudo insere a problemática do trabalho em saúde no território da reflexão filosófica é a atualização, em novas bases, de uma utopia

---

<sup>26</sup> VILLELA PEREIRA, M. **Estética, cotidiano e poder**. Santa Maria, 1993. Discurso proferido em mesa redonda no I Seminário Internacional de Interdisciplinaridade.

<sup>27</sup> CAPONI, S.N. **Do trabalhador Indisciplinado ao homem prescindível**. Campinas: UNICAMP, 1992, 301p. Tese (Doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1992. p.220.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p.229.

estética que não procura reduzir a criatividade humana naquilo que tem de mais belo e original, apenas para se encaixar na lógica do homem tecnológico. Ao contrário, busca recuperar a inteligência estética (se a inteligência técnica já não basta e não abre todos os caminhos) que, no encontro do homem com o mundo não inibe a capacidade de espanto e admiração, não dispensa o contato direto dos sentidos ou a vibração do sentimento, mas abre mão sim do controle absoluto sobre uma vida total e definitivamente racionalizada e cristalizada.<sup>29</sup>

Utopia estética porque restaura o espaço do sonho e da criação, do projeto de realização do homem que, no momento de seu grande encontro com a concretude do mundo objetivo - o trabalho -, não perderá o contato com o mundo subjetivo de seus desejos. Ou seja, uma utopia realizável, já que não quer tomar o mundo do trabalho em uma auto-referencialidade ao sujeito, o que seria impossível a não ser ao custo de negligenciar as próprias demandas geradoras do trabalho e todas as dimensões sociais deste processo, que não se restringem as vivências pessoais do trabalhador.<sup>30</sup>

Finalmente, uma utopia estética que não toma como objeto apenas a obra do homem, sua utilidade, forma, possibilidade de usufruto, mas, principalmente, toma como objeto o processo de produção e formação deste homem; toma para si o direito de olhar e sonhar com outro trabalho... mais humano

Portanto, que seja reconhecido: o trabalho também tem seus símbolos e representações. O trabalhador se expressa em suas ações e relações. O trabalho manifesta um sujeito: a estética reside nisto. E a utopia estética reside na crença da possibilidade de processos criativos e projetos criadores na existência humana e, particularmente, no trabalho... no agir cotidiano e corajoso dos trabalhadores da saúde

---

<sup>29</sup> LEITE, Edimar. **A utopia estética**. [s.l.], [198\_]. (mimeo).

<sup>30</sup> Mesmo que em alguns momentos do texto propositalmente sejam salientados os pontos de crítica ao "racionalismo" e "lógica tecnológica", como recurso à abertura de um pensamento menos parcial sobre o tema, o que não indica um desprezo à razão e ao conhecimento lógico e científico.

## A METODOLOGIA DA PESQUISA

“Em algum ponto perdido do universo, cujo resplendor se estende a inumeráveis sistemas solares, houve uma vez um astro em que uns animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi aquele o instante mais mentiroso e arrogante da história universal.”  
(Nietzsche, 1873)

### *A postura teórico-metodológica*

Foucault utiliza esta expressão de Nietzsche para abordar um interessante tema de análise:

como as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber que não somente fazem que apareçam novos objetos, conceitos e técnicas, senão que fazem nascer, ademais, formas totalmente novas de sujeitos e sujeitos de conhecimentos. O sujeito mesmo de conhecimento possui uma história, a relação do sujeito com o objeto; ou , mais claramente, a verdade mesma tem uma história.<sup>31</sup>

A história da ciência é a história da relação do homem com a verdade, ou melhor, da relação do homem com o mundo numa busca de verdade, de produção de conhecimento. Nessa busca se inscrevem as palavras de Nietzsche, retomadas por Foucault, “invenção” e “mentira”. O autor esclarece: invenção, por um lado, indica o caráter de artifício, de anti-origem ou anti-naturalidade do conhecimento, de sua tomada como resultado de um jogo, de um enfrentamento, de luta e compromisso entre instintos. Dito de outro modo, quer afirmar o conhecimento enquanto invenção que não tem origem numa relação de

---

<sup>31</sup> FOUCAULT, Michel. *La verdad y las formas jurídicas*. Barcelona: Gedisa, 1978. p.14.

continuidade entre conhecimento e coisas (ruptura com a teologia ou com o princípio divino que garantia a harmonia nesta relação) ou numa continuidade entre conhecimento e instinto (ruptura com o cartesianismo ou com princípio do sujeito soberano e uno assegurada pela sintonia entre desejo de saber e saber). Rompe-se com a idéia de naturalidade e harmonia na relação homem-coisa a conhecer, para uma visão de violação e dominação (maldade radical do conhecimento) como sendo o núcleo desta relação, ou seja, o impulso que está na raiz do conhecimento e de sua produção é o de “destruição” do objeto. A construção de um objeto é também a sua violação enquanto coisa posta à conhecer.

Destruição e construção - destruindo-se o mistério do dado real constrói-se o dado artificial do saber -, mentira arrogante de tornar verdade uma invenção imperfeita, urdida na violação do objeto e com um início pequeno e inconfessável. Verdade que tenta ocultar sua precariedade, ser artifício e invenção, e também sua força, ser criadora de subjetividades.

Com este rápido diálogo entre Foucault e Nietzsche pretendeu-se introduzir uma das mais importantes referências de um processo de pesquisa, a postura teórico-metodológica do pesquisador.

O percurso adotado pelo pesquisador, suas estratégias e modos de confrontação com o objeto de estudo são elementos que constituem a metodologia científica. Não basta apresentar o produto de um trabalho científico, em termos de conhecimento novo, novas abordagens e problemáticas de uma tema ou saber em permanente construção; é preciso dizer como se chegou àquele produto, sob que bases se deu o processo de pesquisa e qual foi o papel do pesquisador no mesmo.

Assim como não foi livre de intenções iniciar este capítulo com um ponto provocante de reflexão, qual seja, o da própria idéia de verdade, conhecimento e da relação do homem com o real, o propósito de tornar claros alguns fundamentos da postura teórico-metodológica adotada neste estudo faz com que seja destinado um especial momento para a explicitação destes mesmos fundamentos.

O que efetivamente sucumbiu às explosões sucessivas dos *quanta*, da relatividade, das relações de incerteza, do renascimento do problema cosmológico, do indecível matemático, não são simplesmente concepções específicas determinadas, mas a orientação, o programa e o ideal da ciência galileana, no fundamento da atividade científica e no cume de sua ideologia durante três séculos: o programa de um saber constituindo seu objeto como processo em si independente do sujeito, reconhecível num referencial espaço-temporal válido para todos e privado de mistério, determinável em categorias indiscutíveis e unívocas (identidade, substância, causalidade), exprimível, enfim, numa linguagem matemática de poder ilimitado, da qual nem a pré-adaptação miraculosa ao objeto nem a coerência interna pareciam causar problema.<sup>32</sup>

Desta discussão de Castoriadis podem ser extraídos alguns dos eixos fundamentais de uma explicitação metodológica: a constituição do objeto, a determinação de categorias filosóficas e a linguagem de expressão do conhecimento. Assim, serão abordados três aspectos que conformam a postura teórico-metodológica desta pesquisa, são eles: a relação sujeito-objeto; as categorias teóricas e a linguagem científica e, ainda, subjacente a estes dois pontos, a noção de processualidade da pesquisa.

Estes pressupostos mais genéricos constituem o arcabouço epistemológico que sustenta todas as outras decisões, de caráter mais operacional ou estratégico. Deste modo, o enfrentamento das dificuldades inerentes à elaboração de um instrumental adequado à novidade desta proposta, mais do que nunca determina a relevância da explicitação de uma postura teórico-metodológica que não deixe perder o ideal projetado. Os princípios que sintetizam esta postura, embora nunca se revelem suficientes e definitivos, podem ser expressos como a seguir.

---

<sup>32</sup> CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.162.

**A relação sujeito-objeto: “A ciência trabalha com uma realidade construída”.<sup>33</sup>**

Demo, apontando para um erro comum no pensamento científico, a confusão entre o plano da lógica (o que se pensa) e o plano da ontologia (a realidade pensada), aceita a idéia de que “a ciência trabalha com uma realidade construída” ou que “a realidade científica é simplesmente o mundo que a ciência se imagina.”<sup>34</sup>

Esta posição, longe de tentar simplificar a realidade, concebe-a em sua complexidade, sobre a qual as áreas de conhecimento e disciplinas estabelecem diversos recortes ou maneiras de conhecer, ou seja, constroem objetos diversos, de acordo com sua capacidade e tradição de “olhar” para esta realidade. Além disso, o pressuposto da construção do objeto ou da realidade construída se contrapõe tanto ao objetivismo empirista que defende o primado do dado que impõe-se ao sujeito, quanto ao relativismo subjetivista que dá total supremacia ao sujeito sobre o objeto.

A fantasmagoria do “Grande objeto” e do “Sujeito Puro” é criticada por Chauí<sup>35</sup>, numa perspectiva merleau-pontyana, como atitudes da ciência e da filosofia de desqualificação do mistério da realidade e de sua posse intelectual condicionada ao “cativeiro do mundo na identidade do costumeiro”:

A ciência começa por afastar das coisas tudo quanto lhes advenha por seu contato conosco - é a condição para que haja o Grande Objeto do qual, com o avanço das pesquisas, seremos uma parcela. A filosofia começa por nos afastar de tudo quanto nos advenha do contato com as coisas - é a condição para que reine o Sujeito Puro do qual, com o avanço da análise, as coisas serão uma parcela. Mais do que uma catarse, ciência e filosofia realizam um assepsia do mundo, encapsulando-o no objeto ou na redoma do sujeito. <sup>36</sup>

<sup>33</sup> DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo:Atlas, 1985. p.18.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p.20.

<sup>35</sup> CHAUI, Marilena de Souza. **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo: Espinoza, Voltaire, Merleau-Ponty**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.268.

<sup>36</sup> CHAUI, op. cit., p. 268.

Em síntese, este primeiro pressuposto refere-se à concepção de indissociabilidade entre o sujeito e o objeto do conhecimento, já que este “objeto”, ao ser apreendido enquanto tal, deixa de ser dado bruto, realidade pura e exposta ao saber, mas já é constituído pela razão, tomado pelo “esforço de objetividade”<sup>37</sup>, enfim, tornado objeto de saber. Isso diverge do postulado positivista que concebe a realidade como um campo estruturado de regularidades anteriores e externas à ação cognitiva do sujeito. Diverge à medida que, ao assumir os processos intelectuais como “o grande instrumento” da construção do conhecimento, realiza uma ruptura epistemológica fundamental, subvertendo a própria idéia do real e da relação que a consciência estabelece com este real.

Rompe-se, a um só tempo, com a arrogância científica de quem pretende captar o real de forma total e absoluta e com a ingenuidade de quem tenta se desvencilhar dos universos simbólicos e subjetivos tidos como “contaminantes” de um real já posto, definitivamente dado ao conhecimento, buscando apreender este real em suas leis, em sua essência pura.

O objeto do conhecimento social não se impõe já dado à análise, mas é constituído nela própria, através dos procedimentos metódicos do pesquisador [...] não se trata de reproduzir em idéias uma ordem objetiva já dada, mas de atribuir uma ordem à aspectos relacionados daquilo que se apresenta à experiência como uma multiplicidade infinita de fenômenos.<sup>38</sup>

A construção do objeto deste estudo, a estética do trabalho em saúde, se dá pelo resgate da percepção e a imaginação do sujeito no entrecruzamento com o dado real - o ato e a fala dos trabalhadores na grande forma dos serviços de saúde - sem desqualificar, tampouco, a reflexão que se faz sobre este percebido.

---

<sup>37</sup> Demo propõe a substituição do conceito de objetividade pelo de objetivação, já que é impensável um produto “sem a marca do produtor” ou “ver a realidade sem um ponto de vista”; ou seja, é impossível neutralizar o sujeito para obter um conhecimento objetivo, mas é possível empreender um esforço controlado de conter a subjetividade dentro de alguns limites (deixar o dado/real falar), um esforço de objetivação do saber que está sendo racionalmente elaborado. (*Ibidem*)

<sup>38</sup> COHN, apud GONÇALVES, 1986. p.27-28.

Dito de outro modo, na consideração de tal objeto não se parte nem do desencantamento do mundo e purificação do objeto pela submissão às medidas legisladoras da ciência, nem da cisão entre experiência perceptiva e a atividade intelectual.

### **Processos subjetivos, categorias teóricas e linguagem científica.**

O desafio de construção de um objeto novo para a área do trabalho em saúde e o desejo de uma reflexão filosófica que não despreze o dado empírico e nem negligencie certas margens de definição de um estudo científico, impõem alguns riscos e escolhas durante todo o processo de pesquisa. Alguns princípios clareadores da posição do pesquisador, do lugar dos processos subjetivos neste ponto de encontro da reflexão filosófica com o procedimento de pesquisa (embora bastante aberto e numa abordagem qualitativa), tiveram que ser colocados.

O primeiro pressuposto a este respeito refere-se a posição ativa do pesquisador na construção do conhecimento. O pesquisador não é visto como simples registrador de observações ou como introdutor de visões de mundo nos resultados de pesquisa, mas, é visto como o próprio edificador do saber, a partir do uso racional de evidências empíricas, subordinadas ao sentido que ganham quando vinculadas a teoria. O universo empírico, constitui, assim, o substrato a ser organizado em saber, através da análise intencional e subjetiva do sujeito pesquisador. Lembrando Demo, trata-se de não perder a preocupação metodológica, no sentido de dar condições ideais ao surgimento do cientista não apenas produtivo, mas também criativo.

Um outro pressuposto diz respeito ao novo "status" dado aos processos subjetivos, enquanto produtores de um saber, mesmo que parcial e relativo, sobre o real. Isto tem relação à afirmação de que "o subjetivo retém em si o objetivo que ele nega e supera em direção a uma objetividade nova... o subjetivo é um

momento necessário do processo objetivo." <sup>39</sup> A subjetividade mergulha na objetividade do dado real, superando-a, enriquecendo-a e constituindo uma nova objetividade. A subjetividade objetifica-se nesta práxis, onde o conhecimento produzido não é nem radicalmente objetivo, nem radicalmente subjetivo. Poder-se-ia dizer que nisto reside a práxis de produção do conhecimento.

Quanto à categorização e a própria linguagem utilizada no estudo optou-se por um não apego às amarras da lógica formal, mas pela incorporação de aspectos simbólicos e representativos aos aspectos lógicos da análise, relativizando-a a uma realidade particularmente contextualizada. Isto requer o reconhecimento da impossibilidade de "generalizações" e "controle de variáveis", conforme o esperado numa pesquisa científica formal. Assim, ao se caracterizar como pesquisa qualitativa, metodologicamente se afirma o interesse de analisar um fenômeno peculiarmente determinado no tempo e no espaço, sem nenhum desejo de desarmar os sujeitos pesquisados e o próprio pesquisador de suas intenções, sentimentos e percepções, nem tampouco, inibir os processos subjetivos postos em ação nesta análise.

Deste modo, partiu-se de um referencial ampliado acerca do problema de pesquisa, constituído com base em três abordagens ou eixos de análise (marco filosófico, sociológico e do trabalho em saúde). Apesar disto, o privilegiamento de certas categorias ou linguagem não se deu à priori, mas se definiu e mudou no transcorrer do estudo, preservando as descobertas significativas surgidas dos dados ou expressões dos sujeitos participantes e da própria reflexão e imaginação do pesquisador.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> SARTRE apud GONÇALVES, 1986. p.42.

<sup>40</sup> "Pelo menos se poderia dizer que as expressões humanas não se esgotam na lógica racional e formal; a medida que esta se absolutiza, temos em nossa frente a expressão 'quadrada', exclusivista e estúpida, capaz de marcar indelevelmente o medíocre. Pois o medíocre é também o homem que tudo calcula e racionaliza, aproveitando de tudo apenas a média; não conhece a irrupção inventiva; não tem imaginação, fantasia, criatividade. É apenas repetidor; no máximo diz de outra maneira o que os outros já disseram. Talvez seja possível afirmar que não existe nada de mais tolo e incolor que um homem apenas racional. O calculista não é apenas frio, é sobretudo 'frígido'; não conhece o ímpeto da paixão, o entusiasmo, o elã; não admira o risco, que une a possibilidade do fracasso às melhores condições de êxito; não é aventureiro; porque faz tudo certo, consistindo nisto seu maior erro." (DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985. p.74-75)

De fato, o que se tentou em todo o estudo foi uma aproximação entre ciência e filosofia, acreditando que o problema empírico é teórico e a pesquisa se constrói na confluência entre o esforço teórico e empírico.<sup>41</sup> Derivado deste postulado é a aplicação, neste estudo, tanto dos procedimentos hipotético-dedutivos (primado da teoria sobre o dado) como dos procedimentos de raciocínio indutivo (primado dos dados empíricos), numa articulação entre estes momentos ou formas de pensar.

### **A pesquisa como processo**

O caráter histórico do objeto do conhecimento e do sujeito que conhece, marca o caráter histórico e inacabado do conhecimento produzido. Conceber a realidade social e o próprio conhecimento como históricos implica conceber esta realidade e saber com processuais; como o que está em permanente movimento, desdobramentos; incompleta por essência e potencialmente aberta para inúmeras possibilidades. Como refere Gonçalves:<sup>42</sup>

Ao contrário de um procedimento protocolarmente delimitado de saída, no caso da investigação sobre objetos sociais, a pesquisa se faz predominantemente no processo, na resolução de tensões entre os pólos epistemológico, teórico, metodológico e técnico internos a ela, e também na interação com o espaço mais amplo em que a investigação se orienta inclusive pelo significado vivo de seu objeto, o qual foge permanentemente dos pontos sucessivos em que foi por último entrevisto e assume incessantemente novas determinações [...] a pesquisa é processual porque é processual a realidade a que se aplica.

---

<sup>41</sup> *Ibidem*, p.102.

<sup>42</sup> GONÇALVES, Ricardo B. Mendes. *Tecnologia e...*, p.33

## *Instrumental e procedimentos de pesquisa*

Para atender ao problema norteador e objetivos propostos, este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. Isto porque considera-se que este tipo de pesquisa se caracteriza por uma rejeição à neutralidade do saber científico, por uma flexibilidade e abertura para várias perspectivas, pela união do raciocínio indutivo e dedutivo, pela interação pesquisador-objeto, pela interpretação e intencionalidade político-ideológico (de acordo com a corrente teórico-filosófica que a embasa), pela ênfase na validade ao invés da confiabilidade, e, finalmente, por um rigor e fundamentação teórica que se dá enquanto processo inseparável de todo o transcorrer do estudo.<sup>43</sup>

Outro aspecto que reforça a utilização deste tipo de estudo é a sua aplicação quando se trata de compreender as manifestações mais subjetivas de determinados sujeitos, seja através de seu discurso, suas atitudes, suas relações com uma realidade vivencial, expressas pelos modos mais "silenciosos", furtivos e cotidianos e, também por permitir um conhecimento mais direto da realidade por parte do pesquisador. Este fato pode ser tomado como limitante, já que os seus resultados estarão ligados a percepções pessoais, sejam do pesquisador ou dos entrevistados, no entanto, a crença de "que tanto as estruturas quanto os microprocessos de ação social devem ser conhecidos, analisados e interpretados, cabendo a cada um a metodologia apropriada, a metodologia que melhor se adequa ao problema que se deseja investigar", motivou a opção por um estudo qualitativo.<sup>44</sup>

Este processo de pesquisa obrigou a uma renúncia aos confortáveis e seguros esquemas que definem, à priori, o caminho a ser percorrido. Deste modo, os procedimentos de pesquisa foram sofrendo releituras, redefinições e

---

<sup>43</sup> TRIVINOS, op. cit. e TAYLOR, Steven; BOGDAN, Robert. **Introduction to qualitative research methods - the search for meanings**. New York: John Wilay and sons, 1984.

<sup>44</sup> HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas em sociologia**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992. p.20

reestruturações, podendo agora serem relatados nos diversos momentos e operações envolvidas na pesquisa.

### **A coleta de dados: locus, sujeitos e técnicas.**

As primeiras opções em termos de operacionalização do processo de pesquisa se fizeram considerando seus pressupostos epistemológicos, é claro, e os desdobramentos que estes adquirem em termos técnicos. Assim, a escolha das técnicas de observação e entrevista se deu com base tanto no pressuposto de que a palavra é “símbolo de comunicação por excelência”, embora inseparável de outras formas de comunicação, como de que as ações mais ordinárias do cotidiano, por mais que pareçam automáticas e impessoais e que não tenham a intenção de “significar”, são significantes e expressam uma realidade objetiva.<sup>45</sup> A palavra é, assim, como uma “arena” que “reflete e refrata” conflitos e contradições não apenas da relação do sujeito com seu meio social, com sistemas de dominação e resistência próprios, como refere Minayo, mas também advindos da interioridade deste sujeito, sempre posta em movimento e exposição pelos desafios de sua existência concreta. O cotidiano do trabalho em saúde é tido como local privilegiado de análise da manifestação do trabalhador, através de sua obra e dos instantes “menores”, corriqueiros e velados de sua presença no mundo do trabalho. Por isso as expressões mais focais e aparentemente sem sentido ou importância, podem ser recapturadas pelo esforço compreensivo, o que demonstra a relevância do instrumento da observação, aliado ao da entrevista, na coleta de dados da fase de trabalho de campo desta pesquisa.

---

<sup>45</sup> MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1992. p.110-111.

## **A observação.**

Na técnica de observação o pesquisador é o principal instrumento já que é ele quem, através de sua percepção, sensibilidade e visão de mundo, traduz o movimento do real em dados passíveis de análise, apreendendo não apenas o fenômeno, mas a "perspectiva dos sujeitos", "o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às próprias ações".<sup>46</sup>

"Observar um fenômeno social significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações, etc.. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações, etc.."<sup>47</sup>

Pela observação, buscou-se a visualização do cenário, dos sujeitos, das atividades e eventos, dos comportamentos e relações entre os profissionais e destes com a clientela, formas de comunicação, dinâmica de funcionamento e organização do trabalho e, em especial, as informações que evidenciavam as formas de expressão do sujeito-trabalhador nos momentos do seu processo de trabalho, sejam elas orais, gestuais, simbólicas ou rituais.

As observações foram realizadas de julho a setembro de 1994, em duas instituições de saúde da cidade de Florianópolis (S.C.), um hospital universitário e uma unidade básica de saúde; isso porque se julgou que as características dos processos de trabalho diferenciadas pelo tipo de instituição (uma de assistência curativa hospitalar ou terciária e outra de serviços básicos ou primária) poderiam ser melhor apreendidas em suas relações com o próprio trabalhador. Apesar

---

<sup>46</sup> LUDKE, A.; ANDRÉ, M.E.D.A. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986. p.26.

<sup>47</sup> TRIVINOS, Augusto N.S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987. p.153.

disto, não foi intencionada uma análise discriminada ou comparativa em termos de instituição, mas apenas um enriquecimento dos dados.

No hospital foram realizadas dezoito observações, distribuídas nas clínicas médicas masculina e feminina, clínicas cirúrgicas, clínica pediátrica e unidade de hemodiálise. A duração média de cada observação foi de duas horas, em horários e turnos de trabalho diversos, de modo a captar certas peculiaridades deste trabalho.

Através da diretoria de enfermagem, deu-se a entrada na instituição, bem como a explicitação do projeto de pesquisa. Em cada setor houve um breve contato com a chefia de enfermagem ou responsável no turno de trabalho, de modo a informar os objetivos da presença da pesquisadora. Com todos os profissionais e demais presentes o contato foi informal e os esclarecimentos foram prestados somente quando solicitados.

As observações foram realizadas do modo mais livre possível ou, pelo menos, livre de qualquer roteiro preestabelecido, nos diversos espaços destes setores onde circulavam os trabalhadores: postos de enfermagem, sala de curativos, sala de medicação, corredores, sala de cafezinho, enfermarias e quartos.

No centro de saúde (CSII), por sua estrutura física compacta, as observações abrangeram todos os espaços físicos em horários diferentes e com acompanhamento mais intensivo das atividades dos trabalhadores, já que estes eram em pequeno número. Assim, foram realizadas nove observações de três horas, em média, sendo possível uma permanência e contato maior com alguns destes profissionais.

Em todas as observações, algumas notas eram tomadas no seu transcorrer e os relatos de campo eram elaborados após e o mais breve possível. Estes relatos foram sistematizados no primeiro componente do **corpo documental**, denominado "**relatos de campo**", constituindo os dados brutos, as descrições, pontos de interesse e questionamentos, que mais tarde deram origem ao segundo

componente deste corpo documental, qual seja, as **notas reconstitutivas de significação**.

### **A entrevista.**

Foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada, pois além de permitir a captação imediata e corrente da informação desejada, ela se desenrola a partir de um esquema básico flexível, que favorece a liberdade de expressão, adaptações, esclarecimentos e aprofundamentos de questões planejadas ou imprevistas.<sup>48</sup>

De acordo com Trivinos<sup>49</sup>, a entrevista semi-estruturada "parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante". Segundo o autor, esta técnica enriquece a investigação por sua maior liberdade e espontaneidade, além do fato de, mesmo dando relevância ao sujeito e mantendo a presença consciente e atuante do pesquisador, favorecer não apenas a descrição do fenômeno, mas a sua compreensão em dimensões ampliadas.

As entrevistas foram realizadas no período de outubro a dezembro de 1994, com dezesseis (16) trabalhadores dos dois tipos de instituições de saúde, sendo seis (6) trabalhadores do centro de saúde e dez (10) do hospital universitário. A amostragem, anteriormente prevista em apenas dez informantes, foi definida em termos da possibilidade de delineamento de um quadro empírico da pesquisa, ou seja, um número de entrevistas suficiente para se chegar a uma certa reincidência de informações, abrangendo diversidades e semelhanças e um conjunto de dados expressivos sobre o objeto de pesquisa.<sup>50</sup> Foram entrevistados cinco enfermeiros, quatro médicos, quatro trabalhadores de nível médio (auxiliares e técnicos de enfermagem) e três outros profissionais de nível superior

---

<sup>48</sup> LUDKE e ANDRÉ, op.cit.

<sup>49</sup> TRIVINOS, (op.cit., p.146.)

<sup>50</sup> Vide critérios de amostragem qualitativa em MINAYO (op.cit., p.102).

(nutricionista, odontóloga e assistente social). Uma breve caracterização dos entrevistados pode ser apresentada no quadro a seguir, esclarecendo que, por questões éticas, os entrevistados tiveram seus nomes mudados por nomes de personagens da mitologia grega, sendo que a primeira letra do nome indica a profissão de cada um (letra E para enfermeiros, M para médicos, T para técnicos, O para odontóloga, N para nutricionista e A para assistente social).

Quadro: Caracterização dos entrevistados

<b>NOME</b>	<b>LOCAL</b>	<b>PROFISSÃO</b>	<b>idade</b>	<b>tempo<sup>51</sup></b>	<b>sexo</b>
Esfinge	HU	enfermeira	26	3a.	fem.
Electra	HU	enfermeira	30	12a.	fem.
Egina	HU	enfermeira	28	18m.	fem.
Édipo	HU	enfermeiro	35	13a.	masc.
Eurídice	CSII	enfermeira	46	15a.	fem.
Mercúrio	CSII	médico	42	15a.	masc.
Marte	CSII	médico	35	11a.	masc.
Menelau	HU	médico	46	17a.	masc.
Minos	HU	médico	29	5a.	masc.
Telêmaco	HU	técnico de enf.	40	20a.	masc.
Tétis	HU	técnica de enf.	23	3a.	fem.
Têmis	CSII	auxiliar de enf.	39	11a.	fem.
Tália	CSII	auxiliar de enf.	38	10a.	fem.
Níobe	HU	nutricionista	32	9a.	fem.
Afrodite	HU	assist. social	32	7a.	fem.
Ônfale	CSII	odontóloga	30	9a.	fem.

No caso do centro de saúde, não houve critério de seleção dos entrevistados, o que incluiu como possíveis informantes todos os trabalhadores

<sup>51</sup> A coluna TEMPO refere-se ao tempo de trabalho na área da saúde, independente da instituição ou função

que exerciam atividades cotidianas (não apenas atividades periódicas) no local e que demonstraram disponibilidade. Já o grande número de trabalhadores do hospital universitário exigiu uma amostragem por conveniência, procurando diversificar os candidatos a pesquisados quanto a possíveis especialidades ou setores de serviço, o que foi feito com o auxílio de informações do diretor clínico e contatos com as chefias de enfermagem.

As entrevistas foram agendadas e realizadas em local estabelecido junto com o entrevistado, sendo gravadas, em sua totalidade, com o consentimento dos mesmos. Após, as gravações foram transcritas e os dados organizados por sujeito e por questão ou tema, dando origem ao terceiro componente do corpo documental, o **arquivo de entrevistas**.

O roteiro de entrevistas foi elaborado com base nos objetivos e referenciais do estudo e aperfeiçoado após o desenvolvimento das observações nos dois locais, garantindo que questionamentos nascidos naquela etapa tivessem oportunidade de aprofundamento, através do discurso dos sujeitos. Este roteiro foi aplicado em caráter de teste numa entrevista grupai, a três enfermeiras doutorandas e pesquisadoras da área do trabalho em saúde.

O roteiro final consistiu de dez (10) questões abertas que abordaram aspectos de auto-percepção, estilo e expressão pessoal no trabalho; limites e conflitos impostos pelo trabalho; respostas aos desafios e espaços de auto-expressão e resistência no trabalho e ainda as idealizações sobre o próprio trabalho.

## **A análise fundamentada dos dados**

Como já foi referido, os dados coletados foram sistematizados em um corpo documental, constituído primeiramente pelos relatos de observações e pelo arquivo de entrevistas e, secundariamente, pelas notas reconstitativas de significação. Estas foram elaboradas com base nos relatos de observação e

representaram a expressão mais livre e imaginativa da pesquisadora que, instigada e sensibilizada pelo “observado” reconstruiu cada observação com base em temas emergentes e sob a nuance de sua própria experiência de observadora. Deste modo, as observações produziram dois tipos de documentos: o relato em si, descritivo e motivador de aprofundamentos e o dado reconstruído pela inspiração da observadora, transformado em um tema ou questionamento tratado de modo mais literário e metafórico, ou ainda, sem as inibições do pensamento formal. Para cada relato de observação foi elaborado um pequeno texto, como um editorial ou artigo de fundo, que exprimiu as idéias e significações que o ato de “olhar” produziu na pesquisadora.

O corpo documental sofreu várias releituras de modo a permitir a construção de algumas categorias básicas que, por sua vez, desdobraram-se em tópicos significantes de discussão e análise. Deste momento da análise, denominado **“ANÁLISE SUBSTANTIVA ou FORMULATIVA”**, consubstanciaram-se as unidades de análise ou categorias geradoras que deram origem aos três capítulos da análise: “Olhar e imaginação: para se tecer a trama do real”; “As brechas do ser e do fazer” e “Às bordas do tempo”.

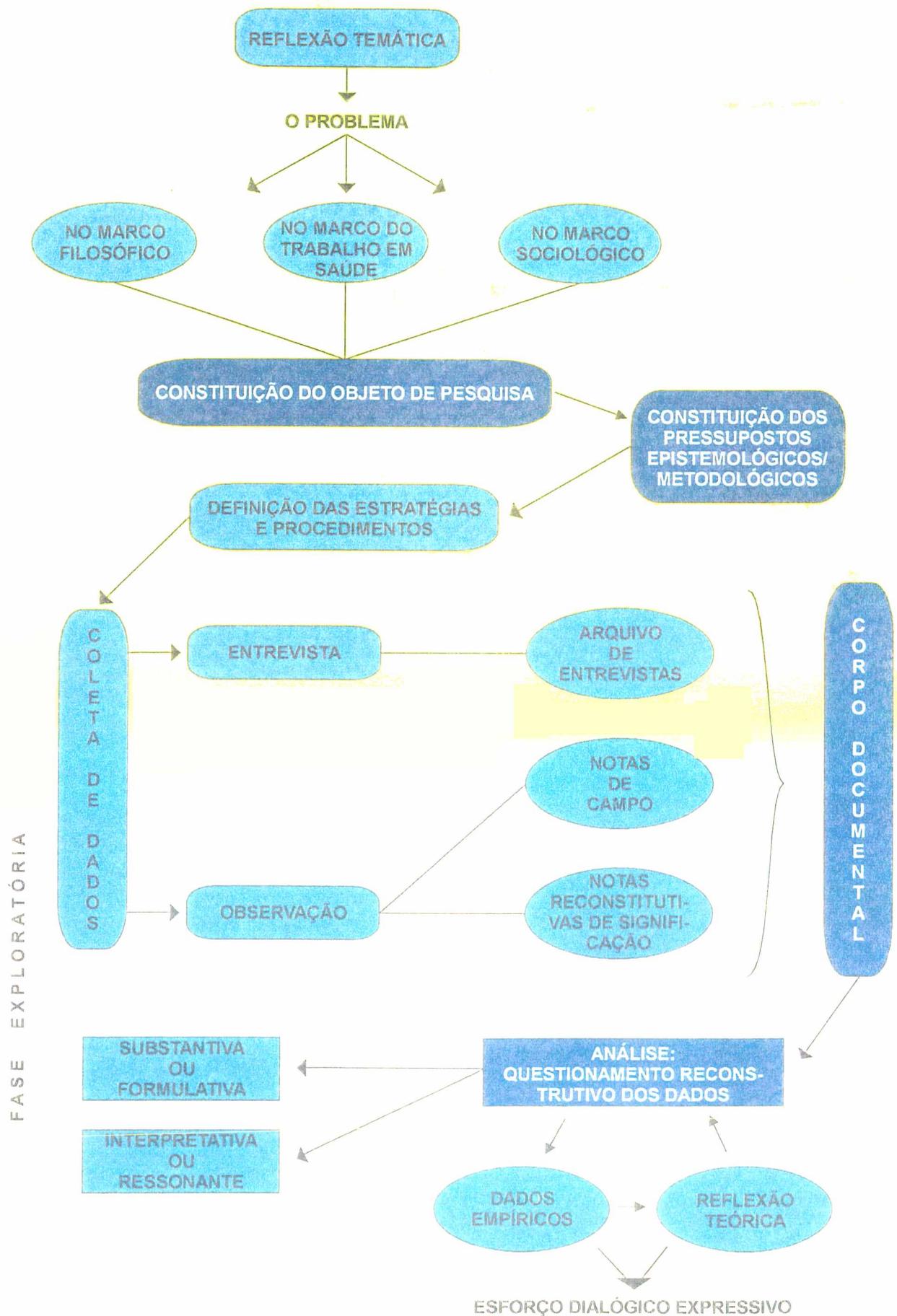
A análise substantiva definiu os princípios de uma categorização em termos de alguns temas básicos; levou às primeiras relações do dado empírico com referências teóricas e permitiu situar a totalidade da discussão numa certa organização e inter-relacionamento dos dados, constituindo o arcabouço analítico do estudo.

No mesmo momento em que este arcabouço analítico se formava pela definição de temas principais, um outro tipo de análise foi sendo realizada, desdobrando e aprofundando os temas mais amplos em diversas faces ou focos ou reunindo vários achados numa categorização particular. Este momento, para fins explicativos denominado de **“ANÁLISE INTERPRETATIVA ou RESSONANTE”**, na verdade não se deu separadamente, não podendo se precisar onde terminava um momento de análise e iniciava outro. Pelo contrário, o espaço de reconstrução dos dados pelo pensamento da pesquisadora foi

compartilhado por estas duas vias de acesso a um sentido e compreensão perseguidos: ora subcategorias ou perspectivas derivaram-se de temas mais amplos, ao mesmo tempo em que a reflexão aprofundada de diversos pontos de interpretação produziu elos e articulações, criando unidades temáticas integralizadoras destas várias subcategorias ou reflexões pontuais.

Desta maneira, a análise fundamentada dos dados - assim denominada por não querer se limitar a uma simples apresentação ou descrição de dados empíricos, mas constituir uma forma peculiar de análise perpassada pelo pensamento reformulador e questionador do analista e por referenciais teóricos relacionados - adquiriu especial importância como esforço dialógico expressivo, no processo de pesquisa que pode ser simplificada e representado a seguir:

# O PROCESSO DE PESQUISA



## OLHAR E IMAGINAÇÃO: PARA SE TECER A TRAMA DO REAL

**“O olhar não é apenas agudo, ele é intenso e ardente. O olhar não é só clarividente, é também desejoso, apaixonado.[...] Este novo olhar é o que, desde sempre, exprime e reconhece forças e estados internos, tanto no próprio sujeito, que deste modo se revela, quanto no outro, com o qual o sujeito entretém uma relação compreensiva. A percepção do outro depende da leitura dos seus fenômenos expressivos dos quais o olhar é o mais prenhe de significações.”<sup>52</sup>**

A condição humana de trabalhador - obreiro na intersecção com o mundo histórico social e obra de si mesmo, sujeito que faz e se faz em obra - é o que privilegia este estudo. Elegendo este foco, advém o inevitável confronto com um campo conceitual complexo: o do trabalho e subjetividade. Este campo, por sua vez, remete a outras inúmeras categorias de análise do sujeito em seu cotidiano, de articulação das vivências miúdas do trabalho com as formas subjetivas do trabalhador vivencia-las e, assim, expressar suas experiências, pulsões, desejos, enfim, sua história. História construída e apreendida de modo particular da generalidade do trabalho e vida social. E já que este sujeito, como categoria abstrata, toma corpo ao se manifestar, é esta manifestação que precisa ser apreendida. Da fala do trabalhador sobre sua experiências, desafios e sentimentos é preciso falar.

Aqui será tratada uma categoria que, acima de tudo, dá voz a este trabalhador. Isto implica em acreditar na possibilidade de expressão deste sujeito e do discurso como uma destas formas de expressão. E como para tomar este discurso não será utilizado nenhum referencial específico da psicologia, em termos de representações sociais, ao menos alguns esclarecimentos conceituais se fazem necessários.

---

<sup>52</sup> BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto, et all. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Numa perspectiva sociogenética da percepção toma-se a sociedade como instituinte de um corpo de significações imaginárias que, como uma “socialização da psique”, faz emergir a percepção e o objeto desta percepção (“a coisa”) na história do sujeito. Nesta perspectiva encontra-se a crítica de Castoriadis à separação entre “sujeito” e “coisa” (objeto), tanto ao determinismo absoluto do sujeito sobre “a coisa” quanto à auto determinação da “coisa” por si mesma. Deste modo, não é possível pensar numa percepção fora da linguagem<sup>53</sup> e, assim, fora da significação e reflexividade social que intervêm na formação do objeto da percepção. Do mesmo modo, é igualmente impossível pensar numa percepção fora de um fazer, ainda que mínimo, do sujeito.<sup>54</sup>

Deste modo, para Castoriadis<sup>55</sup>

a representação é a apresentação perpétua, o fluxo incessante no e pelo qual o que quer que seja se dá [...] não é decalque do espetáculo do mundo; ela é aquilo em que e porque ergue-se, a partir de um momento, um mundo [...] Ela não pertence ao sujeito, ela é, para começar, o sujeito [...] aquilo pelo qual este nós nunca pode estar fechado em si mesmo, aquilo pelo qual ele foge por todos os lados, faz-se constantemente como diferente do que é [...] Somos o que se imanentiza (*imanência*) na e pela colocação de uma figura, e se transcende (*transcendência*) destruindo esta figura pelo fazer-se de uma outra figura.

Esta visão contradiz a posse pelo sujeito de uma suposta separação do real e do imaginário como algo fixo e aplicável. Como uma unidade entre o imanente e o transcendente, real e imaginário constituem, deste modo, uma polaridade dialética. Apesar de a primeira vista parecer incongruente, esta idéia pode ser articulada com uma outra perspectiva, útil nesta reflexão. Trata-se da abordagem de Edgar Morin, que trata do imaginário jamais definitivamente

---

<sup>53</sup> Linguagem aqui entendida não apenas em sua manifestação verbal oral ou escrita, mas como toda uma rede intrincada e plural de formas de comunicação e expressão que media a relação do homem com o mundo e o constitui como ser simbólico (ser de linguagem). Ver SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 11ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<sup>54</sup> CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.378.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p.375

objetivado no real, mas em contínua simbiose com este. Neste sentido, ambos os autores recusam a lógica que quer discutir o real e o imaginário suprimindo, relevando ou distanciando um ou outro conceito, como se não fossem indicotomizáveis as dimensões de uma relação.

Morin<sup>56</sup> nos coloca como o espetáculo se torna modo de consumo dos conteúdos imaginários da cultura de massa da sociedade atual. Para ele, numa relação de consumo imaginário o sujeito participa diferentemente do modo como participa de suas atividades práticas, técnicas e religiosas. O imaginário é consumido de um modo ao mesmo tempo intenso e desligado; numa visão de algo tão vivo quanto a própria vida, mas nitidamente diverso desta. O imaginário pode ser percebido tão ou mais real do que o real, mas nunca deixará de ser sabido como imaginário, nunca estará completamente reificado.<sup>57</sup>

Para Castoriadis<sup>58</sup> “é impossível compreender o que foi, o que é a história humana, fora da categoria do imaginário”.

“Falamos de imaginário quando queremos falar de alguma coisa inventada - quer se trate de uma invenção absoluta, ou de um deslocamento de sentido, onde símbolos já disponíveis são investidos de outras significações que não suas significações normais ou canônicas... o imaginário deve utilizar o simbólico, não somente para expressar-se, o que é óbvio, mas para existir, para passar do virtual para qualquer coisa a mais”.<sup>59</sup> “

Orlandi, por sua vez, lembra que “a condição do significar é o imaginário”<sup>60</sup>, ou seja só pela imaginação é dado significado às coisas. Se isso ocorre na capacidade de significar que dirá na capacidade de simbolizar. Dito de outro modo: para simbolizar o homem precisa imaginar (e imagina utilizando símbolos,

<sup>56</sup> MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo 1: Neurose**. 5ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

<sup>57</sup> É bom lembrar do imaginário como componente essencial do simbólico e de que “tudo que se nos apresenta, no mundo social-histórico, está indissociavelmente entrelaçado com o simbólico”. (CASTORIADIS, *ibidem*, p.142)

<sup>58</sup> *Ibidem*, p.192.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p.154.

<sup>60</sup> ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p.15.

de acordo com Castoriadis), evocar uma imagem, ver em uma coisa o que ela não é; uma imagem dá-se sob a forma de representação e, ao mesmo tempo, simboliza outra coisa. É como se o componente racional-real (que representa o real e define o pensamento-ação racional) fosse tecido inextricavelmente com o componente imaginário. O real sendo tecido no imaginário, de acordo com Castoriadis; o imaginário nunca definitivamente realizado mas sendo consumido na vida real, de acordo com Morin.

O homem não apenas percebe o real concreto, ele imagina, procede o ato formador de novos objetos, instaura universos. Felício<sup>61</sup> aponta para a perspectiva que aproxima Sartre e Bachelard (apesar das diferenças fundamentais de seus pensamentos sobre o imaginário), a de se opor a uma tradição filosófica e psicológica que toma a imaginação como uma atividade psíquica auxiliar e, em alguns casos, colocando-a como um sucedâneo da percepção. Nesta retomada do “reino autógeno do imaginário”, ou da imaginação criadora enquanto processo ativo e autônomo, esta torna-se essencialmente aberta, “experiência mesma da novidade” e a imagem deixa de ser reduzida a um dado percebido. A imagem, assim, não é “coisa” contida numa consciência, ela é um tipo de consciência, uma “consciência imageante” e, portanto, é ato que se faz sobre um objeto que se opõe ao real da percepção, que não é mero reflexo de um mundo exterior. Sendo que toda consciência “é consciência de algo”, o que muda é a maneira como esse objeto é dado à consciência. O real é solidário da percepção e nele ela reencontra seu objeto. A imaginação cria seu objeto, o “irreal”, dito irreal porque ausente ou “não-percebido”. A imagem é, assim, um modo de colocar algo como existente, uma maneira de visar que não é redutível à percepção.

Voltando a Morin, a incessante troca entre real e imaginário se faz de modo estético, definida a estética como uma relação humana fundamental, uma relação primária com o mundo; uma relação profana em que o imaginário se apresenta. O autor fala da relação estética expressa especificamente pelo encantamento do jogo, da dança, da poesia, da imagem que, ao se espetacularizar, tornou profana

---

<sup>61</sup> FELÍCIO, Vera L.G. *A Imaginação simbólica*. São Paulo: EDUSP, 1994. p.78-80.

a antiga relação do homem com significações religiosas, através de um mundo imaginário consumido em mitos e ritos sagrados. Excedendo ao cenário deste tipo de espetáculo, o que se deseja ressaltar desta fala é de como o sujeito recupera, através de toda uma gama de possíveis obras da imaginação (definidas ou não como artísticas), uma relação estética fundamental com o mundo, antes atrofiada pela perda de muitas das significações imaginárias corporificadas magicamente em rituais, mitos e cultos.

Indo um pouco além, pode-se lembrar a composição da tese de Marx sobre o trabalho, entendendo-o como a mediação do homem com a natureza; mediação esta que se dá concretamente na ação, mas que passa, inquestionavelmente, pelo projeto imaginário da coisa antes de sua reificação. Também pode-se olhar para o trabalho como uma destas possibilidades de expressão do imaginário, como uma obra que secreta uma imaginação e, talvez até, uma mitologia e ritualística própria. Parafrasando Bachelard<sup>62</sup>, “toda atividade humana deseja falar”. É no cotidiano do trabalho onde ocorre esta fala, onde emerge a imaginação, onde se dá a passagem entre sujeito e coisa; onde ocorre, a cada instante, a perpétua criação. Talvez por isso, neste cotidiano se constitua mais fortemente o trabalho num contexto estético, sem contar o espetáculo da diagramação deste trabalho na norma ou rotina.

Numa relação estética que se processa entre uma obra literária e um leitor, por exemplo, quando a obra ganha vida para quem a lê, experiências de transferências simultâneas e variadas ocorrem ininterruptamente: desdobramento do leitor sobre o personagem, interiorização do personagem dentro do leitor, projeção do autor na obra, identificação do leitor com o autor/obra/personagem, entre outras. Assim, o leitor participa esteticamente de um universo imaginário.

Do mesmo modo, podemos pensar na participação estética de um trabalhador no exato momento em que executa sua obra; na relação estética que se opera quando este trabalhador contacta com esta obra e com o outro que está

---

<sup>62</sup> BACHELARD apud FELÍCIO, (*Ibidem*, p.70) : “Toda atividade humana deseja falar. Quando essa palavra toma consciência de si, então a atividade humana deseja escrever, isto é, organizar os sonhos e os pensamentos.”

ao seu lado, produzindo também ou consumindo o que é produzido, no caso do trabalhador da saúde, o cuidado em saúde.

“O imaginário é o além multiforme e multidimensional de nossas vidas, no qual se banham igualmente nossas vidas”.<sup>63</sup> Ele acompanha tudo que é singular, limitado e finito no tempo e no espaço, complementando e antagonizando este real com seu poder “fantasma”, desdobrando-o ao infinito, desenhando os desejos, necessidades, angústias e temores do sujeito. Em suas diversas virtualidades e níveis, o imaginário pode comunicar à existência desde tímidos escapes e superação de censuras até audaciosos vôos de liberação; desde pequenas “semi-satisfações psíquicas” até verdadeiros exorcismos, ou seja, “expulsão para fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si”.<sup>64</sup>

Talvez fique mais fácil pensar neste imaginário traduzido numa tragédia, numa dança ou obra cinematográfica, mas, sem dúvida, ele se expressa nos pequenos dramas do dia-a-dia do trabalho em saúde. E na tradução desta estética do trabalhador com seu universo real e imaginário ganham fisionomia pelo menos três personagens: o eu, o outro e a instituição.

Assim, um imaginário se tece, se desfaz e se refaz nos bastidores da técnica e da rotina, no visível das instituições de saúde, no gesto e na fala desses trabalhadores. Nem de todo invisível, mas fantasma e sombra deste visível, esta tecedura imaginária extravasa como que por poros dos corpos destes trabalhadores e do grande corpo institucional. Lembrando a expressão de Merleau-Ponty, “o visível está prenhe de invisibilidade”. Como que elegendo o olhar como um grande “poro” desta comunicação intersubjetiva de visíveis e invisíveis (percepção e imaginação), metaforicamente denomino de “olhar e imaginação” esta categoria de análise deste estudo. O olhar de pesquisadora sobre o olhar do outro, simbolicamente declarado como o portal espelhado deste imaginário, se transforma numa via de entrada,... do mesmo modo como Alice penetra no país das maravilhas.

---

<sup>63</sup> MORIN, op.cit., p.80.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.81.

### A imagem de si e a imagem em si.

Expressar a imagem que temos de nós mesmos nem sempre é uma coisa fácil. A experiência de ser, de perceber-se como existência sempre se faz na referência com o outro que se põe fora do limite do ser que se percebe.<sup>65</sup> “EU” existo porque existe o “OUTRO” que não sou eu, como o aqui existe em relação a outro lugar e o agora existe em relação ao momento passado ou futuro. A imagem que o trabalhador constrói de si se faz em referência ao tempo vivido e o lugar ocupado numa rede de outras existências, no cruzamento de pessoas e coisas que continuamente ganham e perdem sentido para aquela existência individual.<sup>66</sup>

Deste modo, se o trabalho ocupa grande parte deste tempo e espaço vivido é de se esperar que este imaginário, que se ocupa de lidar com a relação de si com o mundo, esteja irremediavelmente aderido às percepções e experiências que faz de si como trabalhador, ou que faz do mundo do seu trabalho. É difícil pensar-se como existência abstrata, descolada do jeito de viver, sentir, reagir; da formação que recebeu; das pessoas que marcaram sua história; do trabalho ou função assumida e pelo jeito próprio de fazer este trabalho. A não ser abstratamente pensa-se sobre uma pessoa sem menção a certos papéis e padrões de identificação, como os de mulher, mãe, religiosa, solteira, professora, advogada, por exemplo. Ao pensar “como eu sou” penso como eu sou em casa, no trabalho, com os filhos, com os amigos, como profissional, como amante. Estas diferenças ou dimensões fazem parte da imagem que tenho de mim, porque diferente é o mundo a cada momento e diferentes são as exigências que viver neste mundo impõe sobre mim.

---

<sup>65</sup> “Imagem do mundo e imagem de si mesmo estão inevitavelmente sempre ligadas. Mas sua unidade é por sua vez trazida pela definição que cada sociedade dá de suas necessidades, tal como ela se inscreve na atividade, o fazer social efetivo”. (CASTORIADIS, *ibidem*, p.180)

<sup>66</sup> “É que a existência mesma do indivíduo pressupõe o outro, mas não só, pressupõe a minha existência apesar do outro... repousa na sociedade o único modo de existência possível da individualidade. Por sua vez, não há sociedade possível se não repousar no duplo, ou melhor, no múltiplo espelhamento de indivíduos.” (CODD, W.; SAMPAIO, J.J.C.; HITOMI, A.H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993. p.48-49.)

Num nível de detalhamento maior, estes “pedaços” da “imagem de si” assumem múltiplas faces de uma mesma pessoa, ou muitas máscaras sobre uma mesma face. O trabalho também marca a identidade perante os outros e a si próprio, a ponto de tornar quase impossível saber “quem eu seria se não estivesse há tanto tempo neste trabalho”, ou “nestes lugares, com estas pessoas, fazendo estas coisas”.

Isto se percebe quando, num exercício de imaginação, o trabalhador fala dos momentos em que se percebe “ele mesmo”. Numa abstração alguns conseguem separar o “eu” do “eu trabalhador”, numa relação de oposição/confrontação de diferenças que aí parecem se compor:

*“... [no momento] que eu me distraio, que eu desligo, que eu sou (Níobe) mesmo; que eu me desligo do problema do cotidiano...Aí eu sou eu mesma. (Níobe)*

*“Ah, quando eu estou em casa sozinha. Aí eu tenho liberdade assim, para fazer o que eu gosto... pensando nas coisas que eu gostaria de fazer.” (Têmis)*

*“É quando eu não estou fazendo nada.” (Menelau)*

*“... quando procura desligar tu estás mais inteira.” (Afrodite)*

*“Certamente não no trabalho.” (Marte)*

*“No lazer... porque a gente está livre de tensão.” (Minos)*

*“... que quando eu penso, viajo... e aí eu sou completamente livre. Nem que seja nisso.” (Esfinge)*

Em contrapartida, em muitos casos o trabalhador fala de uma imagem de si que se estabelece num processo de identificação com o trabalho. A relação entre sujeito (o eu) e trabalho (o fazer) permanece forte, declarada ou não uma certa resistência da individualidade, que pode ser identificada dentro ou fora do espaço ocupado pelo trabalho.

*“Então eu tenho o dia tomado com a saúde, com a profissão que realmente escolhi para fazer, o que eu gosto de fazer. Não escolheria outra. É o trabalho o mais importante,, que eu acho que sem o trabalho a gente não consegue viver.” (Telêmaco)*

*“Aqui dentro eu sou eu. Lá fora a coisa não encaixa... a minha vida. Porque eu não consigo entrar na coisa. Eu estou aqui dentro e eu estou feliz. Eu sempre digo: eu entro no hospital os meus problemas acabaram.” (Electra)*

*“Eu não consigo desligar do serviço de tudo, né... Aí eu abraço o mundo, para ver se eu consigo fazer tudo.” (Egina)*

*“Porque as coisas do trabalho não são assim tão fechadas num dia, num pedacinho de horas do meu dia, né. Isso faz parte da minha vida.” (Eurídice)*

O que se percebe é que a imagem que estes trabalhadores têm de si se manifesta de modo duplo. Uma duplicidade que, apesar de nitidamente conflitante, consegue uma relativa ou momentânea harmonia entre duas possibilidades de auto-identificação. Assim, coadunando essas duas formas de colocar-se como existência em relação ao seu trabalho, estes trabalhadores parecem conseguir o impossível: preservar “algo” que excede a “imagem de si”, fortemente ligada ao seu fazer prático, como numa “imagem em si”. Esta, mesmo que questionada quanto a sua existência real, foge do concreto agir, pois só diz respeito a um “eu” “em si mesmo”; uma imagem não presentificada na expressão comum do viver, não tangível em dado real.

Estas duas possibilidades de auto-identificação, pólos que se relativizam entre confrontos e tréguas, pode ser entendido na síntese:

### O TRABALHADOR

se identifica **com o** seu trabalho (identificação) ----- O ser/eu se faz e se reconhece **no** trabalho

se identifica **em oposição** ao seu trabalho (negação)--- O ser/eu se faz e se reconhece **fora do** trabalho

Esta polaridade entre indivíduos pode se dar internamente no sujeito, que expressa aqui o que ele pensa ser “o normal”. Uma escolha deste tipo passa por componentes do espelhamento acima; compartilhamento que se traduz em grupos

de semelhantes e fato que permite a convivência não completamente desprovida de cumplicidades.

Ocorrendo em uma relação de oposição ou de afirmação com o trabalho, este desempenha um relevante papel para o processo de reflexão sobre si mesmo. Uma das formas de se evidenciar isso é pela idéia que o sujeito faz de si enquanto trabalhador, ou melhor, pelo modo como fala do que denomino “estilo”, o “jeito” de ser e fazer no/o trabalho; o que diferencia cada trabalhador entre tantos outros.

Ao se referirem a este estilo/modo de ser e fazer nota-se uma clara referência a certas qualidades ou predicados tidos como positivos e importantes para o sujeito “sentir-se bem” ou perceber-se com valor no trabalho. Como que checando suas qualidades com a de uma espécie de mito guiador imaginário, - no qual mesclam-se características definidas socialmente e pelo próprio substrato ideológico de uma corporação profissional com outras originárias dos próprios desejos e ideais pessoais - o trabalhador fala de si através dos atributos que reconhece em si: perfeccionismo, honestidade, responsabilidade, interesse, dedicação, agilidade, dinamismo, abertura e capacidade de diálogo, precisão, objetividade, informalidade e pessoalidade nas relações, atenção, disponibilidade, alegria e espontaneidade.

O mito guiador imaginário surge também para lembrar daquelas qualidades que o trabalhador não reconhece em si, ou que ao reconhecer como ausente assume como deficiência ou falha. Estas são declaradas mais raramente e se referem principalmente à insegurança, tanto técnica quanto emocional, e tendências ao autoritarismo.

Outro fato peculiar é como o que parece ser uma qualidade para um é sentido como um limite para outro; ou o modo como determinadas características são valorizadas em determinados papéis ou situações específicas ao mesmo tempo em que são indesejáveis no cotidiano ou na maioria das atividades. Algumas falas explicitam estas diferenças:

*“Eu sou objetivo. Traço as coisas e vou prá prática. Sem muitos rodeios. Só. Objetivo”. (Édipo)*

*“... chegou paciente eu já quero resolver e tal e mandar embora... Outra característica que é importante no meu trabalho é a frieza, sabe ? Não que eu não ligue para a dor da pessoa... faz parte do meu temperamento; eu sou extremamente fria nas crises... não me abalo nem um pouquinho. Depois que o problema acontece falo: Ai, meu Deus, como eu consegui ? Mas eu acho que isso é legal. Só que desgasta. Fico carregando coisas que não são minhas para casa.” (Eurídice)*

*“Porque eu considero que quando a pessoa vem no posto é uma desculpa para procurar recurso. Na verdade a pessoa sofre de outra coisa, é outra coisa que abala. Então o que eu procuro no meu trabalho é descobrir o que é que está por trás do cara que veio, qual o papel que ele está representando. Na verdade deve ter quatro caras, no mínimo, ali no consultório: dois médicos e dois outros pacientes... É como detetive.” (Mercúrio)*

*“Sou mais deste estilo... brincalhão. Do relacionamento mais pessoal. Menos técnico sim. Menos frio. porque isso é uma coisa que não se aprende na técnica, né? Não, isso aí é o convívio do dia-a-dia.” (Menelau)*

Parece que o mito guiador imaginário é excessivamente exigente. Não só porque é pleno de qualidades mas também porque é flexível e multifacetado: ora frio e objetivo, ora paciente, meigo e alegre; ora democrático e dialógico, ora firme e intransigente. Como manter em harmonia os valores pessoais sem ferir tão fortemente valores interiorizados pelo longo processo de formação profissional ? Como manter uma imagem de si aceitável diante de exigências ambientais tão múltiplas e rigorosas? E como preservar com dignidade suas próprias características no processo de mudanças e crescimento que a prática gera; como não se mutilar e se manter inteiro ?

Com certeza estes trabalhadores desenvolvem suas próprias estratégias de confronto com este mito simultaneamente orientador e aniquilador. Algumas destas estratégias podem ser esboçadas como a seguir:

### **Estratégias de confronto com o mito guiador:**

**Negociação:** quando o trabalhador negocia com seu mito, convencendo-se que aquilo que pode parecer indesejável é, em muitos momentos, louvável, eficiente e benéfico. Ou ainda, que o reconhecimento de seus limites, como uma condição para o crescimento, já é, por si só, uma boa contrapartida em substituição à certas habilidades desejáveis.

*“Eu penso que sou rápida. Tá, isso tem vantagens e desvantagens. Eu quero resolver e faço tudo rápido. Isso eu vejo como vantagem... Agora, eu vejo como desvantagem porque algumas vezes eu esqueço de anotar... eu não sou muito organizada.” (Eurídice)*

*“Eu tento é mostrar para as pessoas que trabalham comigo não só os meus predicados, mas minhas falhas: vamos aprender juntos, eu sei isso e tu sabes aquilo, então tu me dás o teu conhecimento que eu te dou o meu”. (Esfinge)*

**Resistência:** quando o trabalhador resiste às exigências ditadas por um modelo de comportamento e competência institucionalmente hegemônico, reforçando suas crenças e valores pessoais. Ou ainda, quando luta contra tendências pessoais em favor de uma postura racionalmente eleita.

*“Eu tenho uma tendência um pouco autoritária... tenho tanto receio disso aí... Quando fujo é uma negação desta tendência. Daí meu estilo é assim mais... vou dizer democrático.” (teste)*

*“Eu procuro é não me diferenciar em nada... Eu tento ser a mesma pessoa. Até confundo as coisas (o pessoal e o profissional). Se eu não sei eu digo na hora. Eu não enrolo o paciente... Quando trabalha em serviço público não tem que fazer “tipo” nenhum. Porque tu não precisa representar nada para o paciente... Tu não tem compromisso com a grana que ele vai te pagar, tem compromisso com o teu trabalho.” (Mercúrio)*

**Reformulação:** quando os mitos guiadores iniciais vão sendo reconstruídos pela experiência e pelo conhecimento de si e do outro (auto-conhecimento, experiências de relações humanas, conhecimento do processo saúde-enfermidade e da instituição). Os próprios trabalhadores revelam que durante a formação e início da prática profissional o modelo perseguido é mais definido em

termos de capacidades e habilidades técnicas. Só com o tempo e a segurança adquirida outros valores se sobressaem. Tanto isto é evidente que as características que com maior frequência foram apontadas no discurso destes trabalhadores (com uma média de 10 anos de prática profissional) foram aquelas relacionadas com a alegria, o respeito e o relacionamento humano enriquecedor. Em outras palavras, tornou-se clara a preocupação e empenho do trabalhador em tornar seu trabalho uma experiência agradável, expressiva e criativa; em tornar possível um mínimo de espontaneidade e expressão daquilo que se é, acredita ou deseja ser. Se isso implica em se contrapor a certo mito assimilado e, portanto, demanda um lento período de reformulação, se mostra através de pequenas e contínuas conquistas que, pouco a pouco, vão tomando o tempo e o espaço do “desempenhar o papel mitificado” pelo, cada vez maior tempo e espaço de “desempenhar o papel a que se permite” ou desempenhar-se como pessoa inteira.

*“Porque eu estou em contato com o paciente, estou brincando, estou fazendo bagunça, estou estimulando. Esse é o meu jeito de ser: agitada.” (Electra)*

*“Eu trabalho alegre, que é o que eu faço... que eu gosto. Há muito tempo... é uma vida.” (Telêmaco)*

*“E eu gosto assim muito de fazer brincadeiras, mas dentro de ser responsável... Que eu acho a enfermagem um pouco cansativa, né? Então, se você não faz brincadeiras as coisas ficam monótonas, né?” (Tétis)*

*“Eu procuro ser mais informal... escutar as pessoas, tentar resolver da maneira assim mais pessoal possível. É claro, usando uma técnica, mas assim, procurando trabalhar mais a questão da pessoa mesmo, né.” (Afrodite)*

*“O que me faz bem é ser assim, então, é assim que eu sou. E aí começo a ter a capacidade de ser isso mais tempo possível.” (Eurídice)*

Ainda sobre os mitos guiaadores é interessante recuperar mais uma vez a discussão de Morin sobre a cultura de massa. Para ele, na sociedade atual opera-se uma lenta metamorfose qualitativa a medida que os problemas de realização da vida individual se colocam não mais como exclusivos da classe burguesa, mas de toda a classe trabalhadora assalariada. A promoção da vida privada sob efeito

da tecnologia e da expansão das possibilidades de consumo produz elevados graus de individualização da existência.<sup>67</sup>

Compreendendo a cultura como uma grande fornecedora de mitos condutores da felicidade, do amor, do lazer, da beleza; da auto-realização, pode-se reconhecer que não apenas todos são conduzidos para o que considerou-se uma “boa vida”, “boa família” ou uma “boa relação amorosa”, mas, também, um “bom trabalho” e um “bom profissional”.

E mais do que isso, para estar apto à empreender a crítica destes mitos é preciso, antes de mais nada, admitir que além da função de **Evasão** que estes conteúdos projetivos permitem em relação à insegurança, à ameaça e aos dramas e tragédias da vida social, eles possuem uma segunda e importante função: a de **integração** deste indivíduo (tal como é) a sua família, grupo, trabalho, sociedade, enfim, (tal como são) apesar de todos os seu absurdos; o que de outra forma talvez fosse impossível. Como diz Rosset<sup>68</sup> “nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real.” Estes mitos fornecem as máscaras que possibilitam olhar para este real e para si mesmo, permitem o artifício de sedução. E se “seduzir é morrer como realidade e produzir-se como engano”<sup>69</sup>, nada mais humano do que a necessidade de seduzir e ser seduzido; seduzido pela vida e pela imagem que faz de si e do outro.

Retornando à relação estética ou ao modo dos trabalhadores pesquisados formularem uma síntese consistente entre real e imaginário, é necessário ainda falar que os três processos (negociação, resistência e reformulação), na relação do sujeito com seus mitos guias imaginários, não são necessariamente exclusivos, mas podem coexistir e sobressair em determinados enfrentamentos,

---

<sup>67</sup> “A cultura de massa se constitui em função das necessidades individuais que emergem. Ela vai fornecer à vida privada as imagens e os modelos que dão forma as suas aspirações... as imagens se aproximam do real, ideais tornam-se modelos, que incitam a uma certa praxis... Um gigantesco impulso do imaginário em direção ao real tende a propor mitos de auto-realização, heróis modelos, uma ideologia e receitas práticas para a vida privada.” (MORIN, *ibidem*, p.90)

<sup>68</sup> ROSSET, Clement. **O real e seu duplo**. Porto Alegre: L&PM, 1988. p.11.

<sup>69</sup> BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução**. Campinas: Papirus, 1991. p.79.

de modo a garantir uma aproximação mínima ou uma distância suportável entre a imagem de si e a imagem idealizada.

É claro que o trabalhador não consegue passar intocado por essa relação. Após decepções e alegrias, recuos, riscos e dores, ninguém permanecerá o mesmo. Algo mudou e continuará sempre mudando. O custo de voltar-se para si e “olhar para o que se é” (e portanto para o que se foi e o que desejaria que se fosse) não é insignificante. Na introspecção o trabalhador descobre algo novo, que aprendeu/tornou-se ou que julga sempre ter existido de modo latente. Revela-se, assim, não apenas como “ser essencial”, que se expressa em essência nas relações, mas também como “ser ético”, que escolhe conscientemente outros caminhos e outras possibilidades de ser.

### **A dialética da conformação**

Baethge<sup>70</sup> trata do conceito de “trabalho centrado no sujeito” e analisa o trabalho qualificado como formador de estrutura, intenção e imagem. Com isso ele quer ultrapassar a discussão sobre o forte reflexo do trabalho sobre a própria pessoa e salientar uma “crescente subjetivação normativa do processo de trabalho”, ou seja, não uma adaptação das formas objetivas de organização do trabalho às reivindicações subjetivas dos trabalhadores, mas um desenvolvimento da consciência de trabalho ou do sentido subjetivo deste. Segundo este pensamento, a “necessidade de poder trazer sua subjetividade ao trabalho” é manifesta mais e mais pelos trabalhadores qualificados. Este novo caráter social do trabalho, pelo novos comportamentos e intenções dos sujeitos, reverte a relação entre trabalho, socialização e identidade, atenuando a até então evidente e duradoura determinação dos processos de trabalho na vida e subjetividade do trabalhador.

---

<sup>70</sup> BAETHGE, Martin. Trabalho, socialização, identidade - a crescente subjetivação normativa do trabalho. In: MARKET, Werner. **Teorias de educação e iluminismo, conceitos de trabalho e do sujeito**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994. p.179-198.

Os argumentos desta tendência recaem sobre pesquisas que revelam, entre outras evidências: a aplicação de critérios de sentido pessoal na fala do trabalhador sobre o trabalho (relaciona o trabalho a si mesmo e não si mesmo ao trabalho); a valorização da relação interna com o trabalho e das intenções subjetivas com este, principalmente com o conteúdo da atividade e as relações de trabalho; referências às relações do trabalho com a emocionalidade, o auto-desenvolvimento e auto-representação.<sup>71</sup>

Mas como se mostra, na concretude do fazer diário, estas nuances tão subjetivas entre o sujeito que se vê naquilo que faz, ou que sente a possibilidade de manifestação autêntica e expressiva de si em ato e obra, e o sujeito que assume para si uma outra atividade, dando a si próprio um novo uso? E, mesmo que esta exigência (interna externalizada ou externa internalizada) não lhe prometa novas possibilidades de auto-expressão ou, até mesmo, que não apresente nenhum outro sentido além do mero cumprimento de uma atribuição, este trabalhador faz esta escolha ou simplesmente sujeita-se a uma opção já posta institucionalmente?

Que processos subjetivos se desenvolvem neste sujeito, consciente ou não, nesta dialética do conformar o trabalho e por ele ser conformado?

É óbvio que a relação do trabalhador com uma mitologia própria, apontada até aqui, não é suficiente para clarear este processo, mas talvez seja uma das pistas, um dos elementos fundadores destas duas perspectivas da face do trabalhador: a face do sujeito que se percebe único e especial (o que não quer dizer essência mítica supra-histórica e supra-social); e a mesma face do ser que se percebe sujeito moral de seu agir.

Os trabalhadores expressaram, em sua maioria (94%), a nítida percepção da diferença entre momentos em que “se sente ele mesmo”, “fazendo do seu jeito”

---

<sup>71</sup> “Eles [trabalhadores] querem ser tratados como pessoas completas, e não apenas como personagens, e recusam pragmaticamente relações de autoridade não-fundamentadas; vêem o trabalho também como oportunidade de aprender algo novo, de se desenvolver e ganhar um sentimento de competência e independência; ao mesmo tempo, calculam exatamente até que ponto têm a ver com um certo trabalho. Eles não querem se deixar consumir pelo trabalho, já que também querem levar uma vida privada satisfatória, e procuram, se a atividade não preenche as suas necessidades expressivas, satisfazer estas últimas em algum ponto fora do trabalho.” (*Ibidem*, p.182)

e outros momentos em que age por assumir papéis, responsabilidades e condutas definidas e esperadas. O critério ou ponto de referência utilizado para esta diferenciação mistura conteúdos da razão e do sentimento e se estabelecem em torno de conflitos ou cisões básicas:

“o que gosta de fazer” X “o que não gosta de fazer”  
 “o que sabe fazer” X “o que não sabe fazer bem”  
 “o que é fácil de fazer” X “o que é difícil de fazer”  
 “o que deseja fazer” X “o que não deseja fazer”

Assim, o que não se gosta, não se sabe, é difícil e não se deseja fazer, é feito porque é necessário, é importante, é parte da prática profissional. O racional e o emocional se mesclam em torno de idéias chaves qualificadoras do fazer ou das atividades que compõem este fazer: a idéia de competência e capacidade; agradabilidade/ prazer; dificuldade/limite; adaptação/tolerância, entre outras. Da combinação de sentimentos e avaliações que o trabalhador faz de si e de seu trabalho, chega a se constituir a percepção de “estar inteiro naquilo que se faz”, de perceber sentido e realização na sua ação.

Então, a possibilidade de achar sentido para si no trabalho é imediatamente relacionada com as atividades ou parcelas deste trabalho com as quais o trabalhador se identifica em termos de capacidade e prazer, por exemplo. Quanto maiores e mais numerosas forem estas atividades no total das ações realizadas, maior será, conseqüentemente, o sentido de realização e investimento pessoal do sujeito. Isto, é claro, não inibe a crítica que se possa fazer à forma assumida de organização daquele trabalho na instituição, ou de modo geral, na sociedade como um todo.

Algumas falas são representativas destas deduções:

*“... eu me sinto inteira é no momento em que estou em sala de aula. É porque eu gosto de fazer, é o que eu acho que sei fazer melhor. É uma coisa envolvente... uma coisa de iluminação... um momento glorioso. E coisas assim, que de fato não sou eu, eu*

*não consigo executar bem esse papel, é de coordenação... não vou mais nem sofrer.” (teste)*

*“Quando eu estou tentando passar alguma experiência, alguma noção de prevenção em relação ao ambulatório. Tem as áreas, mas são nesses momentos que eu sinto mais... que eu tenho mais liberdade.” (Marte)*

*“Mais a assistência. Gosto do ambiente familiar no caso. Gosto de trabalhar com outras mulheres. É ótimo. É diferente de criança, porque com criança é uma coisa, eu já não gosto. Agora, uma gestante... eu estou lá no céu.” (Tália)*

*“Eu sou muito melhor quando eu sou eu, entende? Quando eu tenho que ser aquela enfermeira padrão que você aprende na escola... que não usa brinco assim, que não usa isso... aquela enfermeira freira... Aí eu sou horrível. A gente é boa quando a gente é a gente.” (Eurídice)*

Transparece, também, o quanto o processo de auto-conhecimento permeia a experiência de tornar-se trabalhador e de buscar dignidade e satisfação no trabalho. Pode até parecer óbvio, mas à medida que conhece melhor seus limites e seus potenciais, seus gostos e jeitos, - e isso não se dá “a priori” - é que o trabalhador pode reelaborar as idéias, mitos e esperanças sobre si e seu trabalho. Talvez seja aí, no cair das máscaras - a sua própria e a do trabalho que escolheu - que, para muitos, o conflito se torna insustentável, como insuportável pode ser viver sem máscara alguma. Para estes a única saída se torna o abandono do emprego ou da profissão.

Mas, voltando às falas dos entrevistados pode-se ilustrar este processo de reconhecer e conviver com seu limites:

*“Eu acho que não sirvo para isso (chefiar). Que eu não gosto de mandar em ninguém; que prefiro ser mandada do que mandar nos outros.” (Têmis)*

*“... mas eu gosto de outras funções, do burocrático, digamos assim. Eu não sei se é uma situação conflitante ou não. Também não interessa, porque eu tenho que me aceitar dessa forma... Que eu não gosto é de ficar repetindo sempre a mesma tarefa. Quando tem alguma coisa diferenciada também é interessante, você toma seu dia-a-dia mais variado, não dá tempo de enjorar das coisas.” (Ônfale)*

*“Quando tu começa a trabalhar tu vê que a coisa não é por aí. Então, às vezes é difícil ter que mudar, ter que observar. Às vezes, as pessoas... Ai meu Deus, se fosse eu ia lá e já fazia do meu jeito.” (Egina)*

*“Quando me sinto observada, que eu estou tendo que mostrar que eu sei fazer, aí eu não sirvo mais para nada... Como a vida da gente é um processo, né? Quando eu era criança...”* (Eurídice)

Nesse mesmo processo no qual o trabalhador descobre potenciais e limites - rasga algumas máscaras e mitos mesmo que para construir novas, fortifica suas ligações com o trabalho, através da opção de nele permanecer, inventando novos artifícios face aos enfrentamentos cotidianos, - ele descobre, também, uma outra capacidade, a de adaptação e sacrifício. Não o sacrifício dos heróis trágicos que se entregam por inteiro por uma causa, fé ou paixão. Mas os sacrifícios meio astuciosos, revestidos de banalidade, que tentam resolver uma certa tensão angustiante entre o real e o ideal, entre o querer e o dever, entre o cotidiano repetitivo e a fantasia rica em profundos e intensos interesses, sentimentos e razões. O que a primeira vista pode parecer uma fraqueza ou abandono do trabalhador às exigências do trabalho, pode, também, ser visto como mecanismo do trabalhador para, na ausência de identificação com grandes heróis e mitos salvadores, realizar do melhor modo possível e em si próprio, mesmo que em pequenas doses, o que sente possível do seu ideal e modelo, do alter-ego (outro eu) que precisa encontrar ressonância, precisa de alguém com quem se identificar, precisa de um mínimo espaço para se manifestar. Assim, se é claro que o sujeito orienta sua conduta por certos mitos diretores e rompe com outros tantos padrões, recapturando o riso, a zombaria e o desleixo em situações de rigidez e seriedade; se é claro que estas e outras estratégias dão compensação e evasão às angústias, insatisfações e proibições que pesam sobre este sujeito; talvez deva-se tomar algumas condutas de sacrifício como uma outra forma de resistência. Sacrifício não como oferenda ou castigo sagrado, mas como apelo a si mesmo, apaziguamento eficaz do eu com seu duplo, de uma imagem de si com seu fantasma ou sombra. Resistência frente a um risco bem maior: a perda do auto referencial, da auto-estima, da identidade de trabalhador. Isto, na linguagem do trabalhador da saúde possui várias denominações: responsabilidade, compromisso, necessidade...

*“Você sente que você faz porque é uma necessidade. mas não porque você se... Não...Eu gosto também. Sabe, assim... (Tétis)*

*“... se torna uma coisa assim, indesejável; que eu gostaria de não enfrentar. Uma situação bastante chata. Que realmente é uma função que tu tens que encarar e tal. (Esfinge)*

*“É uma diferença assim gritante. Nessas horas eu fico atacada. Porque às vezes é um paciente que está te chamando mas tu tens que cumprir aquele teu papel ali... ali administrativo, tu és obrigada a fazer. Então essa obrigação por essa parte administrativa é que me irrita.” (Electra)*

*“Mas não é uma coisa assim... que seja a gente que está fazendo aquilo.... Tem que fazer, faz parte da profissão.” (Egina)*

*“... é estafante, entende? Infelizmente, para mim, agora eu vou pegar uma direção de um hospital. Não é induzido, porque induzido não seria a palavra correta. Eu fui convidado e no fim a gente tem que assumir, porque chega determinado ponto na vida a gente...” (Menelau)*

### **A Imagem além de si**

O homem moderno, pelo horror de adoecer e de sua própria morte, necessita do saber e da técnica como refúgio para seu medo e precariedade. Outros homens vendem sua força de trabalho administrando tais incômodos, construindo histórica e socialmente um processo de trabalho onde o poder e a técnica se encarregam de diluir o impacto e o sentimento de impotência desconcertante.<sup>72</sup>

Estes homens, trabalhadores da saúde, como vimos, tem uma consciência de si fortemente imbricada no trabalho que realizam, que lhes toma grande parte da existência e da energia; e para onde acaba se dirigindo grande parte de suas pulsões psíquicas, emocionais e eróticas.

Vimos, embora sem o caráter de novidade, que a imagem que o trabalhador faz de si é arquitetada na relação que se estabelece com o outro e com o tempo/espço vivido. Assim, falar de si é pouco. Falar de si é,

<sup>72</sup> PITTA, Ana. **Hospital: dor e morte como ofício**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1991. p.25.

irremediavelmente, falar além de si, do que esta fora de si, mas participa da construção desta identidade em movimento.

Mas o que se vê quando se tenta olhar para fora de si ? As possibilidades do olhar são infinitas e aqui serão destacadas algumas dessas vias. Um tema, ainda não tratado, que emerge desta visão é o da instituição como peça desta relação estética do trabalhador com seu trabalho.

Inicialmente cabe entender “instituição” sob dois ângulos não excludentes: sob a forma comum de entendimento, qual seja, a de organização, com sua estrutura física e normativa relativamente fixada e delimitada, ou seja, enquanto corpo visível; mas também como criadora e reguladora de relações sociais e, portanto, enquanto componente do tecido simbólico e imaginário do social.

A instituição, neste sentido, significa “a entrada do homem num universo de valores, numa relação permanente com outros homens, criando normas particulares e sistemas de referência, mitos e ideologias, que servem de lei organizadora tanto da vida mental e social dos indivíduos.”<sup>73</sup>

Não se trata aqui de reconhecer a importância do simbolismo limitando-o a simples revestimento neutro de uma verdadeira substância real-racional, mas de reconhecer que

as instituições não se reduzem ao simbólico, mas elas só podem existir no simbólico, são impossíveis fora de um simbólico em segundo grau e constituem cada qual sua rede simbólica. Uma instituição existe socialmente como sistema simbólico sancionado que consiste em “ligar a símbolos (a significantes) significados (representações, ordens, injunções ou incitações para fazer ou não fazer, conseqüências) e fazê-los valer como tais, ou seja, a tomar esta ligação mais ou menos forçosa para a sociedade ou o grupo considerado.”<sup>74</sup>

---

<sup>73</sup> ENRIQUEZ, Eugene apud FREITAS, M. I. F. **A instituição como obstáculo ao prazer no trabalho da enfermagem.** Jornada Mineira de Enfermagem, 13, 1994. **Anais...** Belo Horizonte: ABEn-MG, 1994.

<sup>74</sup> CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade.** 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

A partir da idéia de instituição como uma rede simbólica, socialmente sancionada e que combina, em proporções e relações variáveis, componentes funcionais e imaginários<sup>75</sup>, podemos adentrar na relação que o trabalhador de saúde estabelece com “as instituições” planteadas no mundo do trabalho e de como estas, já não mais se conformando a uma concreta exterioridade, passam a incidir na auto-representação do trabalhador. Este sujeito, receptivo à incorporação “em si” dos elementos e conteúdos da representação do real (por isso, também das percepções e impressões de instituições reais) organizados em experiência, consegue instaurar uma nova ligação entre indivíduo e trabalho, pela capacidade de intensa permuta e organização sistemática destes mesmos conteúdos mergulhados na imaginação.

O trabalhador da saúde se coloca num terreno pluri-institucional. Ao mediar a relação de um outro homem com seu desaparecimento, fragilidade e submissão frente o acontecimento da dor e da morte, media também a consciência do limite e fracasso do corpo, da ciência, da sociedade, de tudo que foi instituído como saber sobre a doença e como poder humano (tecnológico) sobre esta doença. O saber e a profissão como instituições, permanentemente sucumbem e reinsurgem neste terreno.

Mas estes saberes e poderes não se manifestam apenas desta maneira. Eles tomam corpo, se ramificam, se exteriorizam em políticas institucionalizadas, serviços institucionalizados, organizações e intervenções institucionalizadas. O terreno pluri-institucional vivido pelo trabalhador é visível em sua estrutura física (arquitetura, espaço, equipamentos, circulação), em suas funções, em seus efeitos, em sua lógica e em sua disciplina. O hospital, a unidade de saúde, não são simplesmente locais de cura e de cuidado silencioso, mas de registro, armazenamento, produção e transmissão de uma saber-poder. Local de aplicação e produção de uma tecnologia política: a disciplina. Disciplina sobre os corpos doentes; disciplina sobre a vida de corpos sujeitos a doença; disciplina sobre os

---

<sup>75</sup> “... o imaginário deve se cruzar com o simbólico, do contrário a sociedade não teria podido reunir-se, e com o econômico-funcional, do contrário ela não teria podido sobreviver.” (*Ibidem*, p.159)

técnicos desta disciplina, os próprios trabalhadores.<sup>76</sup> No sentido dado por Foucault, as disciplinas “são técnicas para assegurar a ordenação das multiplicidades humanas.”<sup>77</sup> Respondem a três critérios: tornar o exercício do poder o menos custoso possível, até mesmo por sua relativa invisibilidade e o pouco de resistência que suscita; com o máximo de intensidade e extensão; e fazer crescer simultaneamente a docilidade e a utilidade de todos os integrantes do sistema.

Do confronto com uma normatividade instituída e com os limites, visíveis ou não, que daí advêm, o trabalhador vai reconhecendo os obstáculos e restrições que de alguma forma reprimem seu expressar mais livre e criativo, disciplinam sua diversidade ao mesmo tempo que excluem laços de reciprocidade com o outro. Poucos percebem sobre si o ônus de uma sociedade disciplinar ou, tampouco de um trabalho disciplinar, que os caracteriza, classifica, hierarquiza, especializa, desqualifica; que não quer lhes permitir ser mais nada além daquilo. Como estas limitações são compreendidas (até um certo ponto) e atribuídas a diferentes origens, a gênese institucional das restrições impostas ao trabalhador pelo trabalho são evidenciadas apenas quando relacionadas à instituições concretas, como o hospital, a secretaria de saúde, a prefeitura, ou a um campo de aplicação do saber e de uma ordem política definida, como “saúde pública no Brasil”, por exemplo.

Para melhor entender a pauta destes limites e do espaço que esta pauta ocupa no imaginário do sujeito, pode-se tentar extrair algumas subcategorias deste discurso de sujeição e impossibilidade.

## O QUE LIMITA?

---

<sup>76</sup> “A disciplina não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho: ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos; ela é uma física, uma anatomia do poder, uma tecnologia.” (FOUCAULT, Michel. *Vigilar e punir*. 10ed. Petrópolis: Vozes, 1993. p.189.)

<sup>77</sup> *Ibidem*, p.191.

## **A instituição: a ordem da sujeição e inibição**

Dentre as restrições que o trabalhador enfrenta e relaciona, mesmo que vaga e frouxamente, com uma gênese institucional, pode-se reconhecer algumas diferenças. Algumas são nitidamente identificadas com a forma de organização do trabalho no interior de uma instituição, ou seja de uma organização político-administrativa.

Neste aspecto são apontadas questões como a burocratização dos serviços, restrições ao poder de decisão pessoal, a desvalorização através do desempenho de funções desqualificadas, meramente acessórias ou pouco expressivas do potencial do trabalhador e, ainda, de ordem política mais geral. Desde os níveis mais centrais, como de planejamento e gerenciamento, até os níveis mais locais, de execução, são sentidas as implicações de uma ordenação deficiente, falha e até injusta do trabalho. Alguns sentem-se à mercê de decisões políticas questionáveis e, portanto, sem autonomia e motivação. Outros percebem como o ritmo e a ordem do trabalho vão se entranhando e definindo o ritmo de seu viver. Exemplo disto é a forma como a avaliação do trabalho em termos de produção por tempo determinado, ou a “corrida contra o relógio”, o “dar conta”, o frenético “apagar de incêndios”, não são exclusivos daqueles que optaram, ou tiveram que optar, por mais de um emprego. Esta também é uma angústia daqueles que supunham que a dedicação exclusiva a um único emprego lhes garantiria um pouco mais de liberdade no manejo do seu tempo, suas atribuições e responsabilidades e depois perceberam-se oprimidos no seu fazer diário. Que dirá daqueles que chegaram a sonhar com perspectivas de atuação profissional inovadoras e realizadoras.

Assim, desprazer, sobrecarga, frustração e impotência são sentimentos que inevitavelmente são associados ao falar da instituição.

*“Decisão, poder de decisão, burocracia. Porque burocracia é como para as enfermeiras... ela te impede de fazer o que você tem que fazer... Eu não queria ficar lá*

*preenchendo papel, entendeu?... O que o computador não vai fazer para mim, nem a secretária, é cuidar dos meus funcionários...” (Níobe)*

*“Eu vou dizer que o limite é o que brocha a gente. É o que impede você... você tem muitas capacidades e daí te colocam só na prancheta.... Não precisas as qualidades que eu tenho, que eu penso que precisa ter para a minha função específica, para fazer um negócio que é pró-forma. É limitante... Uma pessoa com carimbo e canetinha faz tudo”. (Mercúrio)*

*“Têve uma vez que eu sai quase chorando do gabinete do secretário... Justo a nível central você não faz nada, não consegue levar as coisas para frente, a não ser que seja peixe mesmo... eu fui para o sindicato... mas a coisa foi morrendo... É decisão, política, burocracia e até a questão financeira... para quem trabalha no serviço público pesa mais”. (Níobe)*

*“Só que eu tenho um número determinado de pacientes para atender naquele dia, em um determinado horário disponível para isso... tem que dar uma acelerada, às vezes, sei lá, não fica como eu gostaria que ficasse.” (Ônfale)*

*“...quando você ultrapassa uma certa hora, pela própria limitação física, mental e emocional tu acaba rendendo menos e sentindo que aquilo não deveria ser assim, não deveria ser daquela forma.” (Minos)*

*“Que a gente está sempre meio prisioneiro do tempo. Que a gente trabalha em vários locais, está sempre correndo de um lugar para outro, tendo que controlar o relógio... tu estás alongando um pouquinho demais determinado atendimento e tem que parar porque senão vai atrasar, vai atrasar o outro...” (Marte)*

*“... tu tens regras, salários, uma série de coisas para fazeres. Tu tens que dar conta daquilo, né? ...Eu vejo a diferença de quando tu faz aquilo com prazer de quando tu não faz com prazer, aquela coisa mecânica... Tu tens que fazer com prazer.” (Electra)*

*“Ái sim você vai ver restrições... você está fazendo investigações e o meio não te permite que isso se realize. Então isso frustra a gente.” (Minos)*

Mas o discurso da inibição e impossibilidade não é tão fixo e imóvel que possa permanecer preso entre quatro paredes ou restrito a um “local de trabalho”. Ele se expõe muito mais agressivo quando se associa à própria imagem que o sujeito elabora de sua profissão. Profissão enquanto campo definido e instituído de saber e prática e, também, como corporação/categoria, não importa; onde o limite é sentido como próprio de si (auto-repressão) ele parece investir ainda mais eficaz e ofensivamente. Isto porque o sujeito incorpora à sua identidade o atributo de sua formação/profissão, e sente como sua a opressão desta identidade profissional assumida.

*“Esse dia eu vi o fulano falando o troço mais bonito que eu já vi um médico falar. Ele disse assim: -Sabe que às vezes dá vontade de abandonar a medicina, a máfia, como se diz isso... a academia, sei lá. Porque aí eu não tenho mais ligação com o conselho de medicina, com a ética médica e eu posso atender do jeito que eu quiser. Então, eu acho que a instituição porque existe ela é limitante. O fato de tu pertencer a um tipo de profissão já limita... Eu trabalho dentro do que é da ciência, do que ela diz que é certo...” (Mercúrio)*

*“... se eu escolhi aquela profissão, então eu tenho que segui-la... e pode ser feriado, pode ser final de ano, pode ser carnaval, mas você está escalado para trabalhar.” (Telêmaco)*

*“São pequenos detalhes da profissão que tens que enfrentar e que se tomam difíceis. Tu tens que te preparar muito... tu acaba perdendo todas as tuas capacidades nesse momento, né?” (Esfinge)*

Neste caso intervém sobre o trabalhador a carga dos critérios de competência e valor definidos como válidos.<sup>78</sup> Não basta ser alguém com um nome e uma identidade profissional, é preciso representar bem os valores, cumprir bem as normas, a rotina, o papel. É preciso colocar-se permanentemente no “TEM QUE SER” engendrado no fazer. Tem que fazer, tem que saber, tem que ser deste e não daquele modo; e tem ainda que, talvez, encontrar espaço e energia para a insubordinação e a resistência.

Alguns destes conteúdos do “tem que ser”, identificados nas falas dos trabalhadores, referem-se às características de cientificidade e especialidade que, ao mesmo tempo em que conformam um certo “status” profissional, geram certas expectativas e inseguranças no trabalhador, que se descobre muitas vezes desamparado face à pluralidade de desafios a enfrentar.

*“Eu vejo um médico todo arrumado, todo de branco, engomado, eu me apavoro, entende? Porque assim ele tem que ser super competente. Porque só justifica se ele for um super especialista. Então a especialidade deixou ele assim duro... já viu tanto pepino que o único jeito foi se proteger atrás daquela cobertura toda. Então tu não vai ter mais nada dele além disso. Tu tem que pagar, mandar ele te anestesiá, ir embora e não falar mais com ele... Porque as pessoas procuram igreja, benzedor, farmacêutico? Procuram*

---

<sup>78</sup> “Ser, é claro, sempre também significou: valor e norma de ser”. (CASTORIADIS, *ibidem*, p.377)

*por que tem esse... tem esse por trás... Isso aí é o mal da sociedade especializada... A pessoa domina só a especialidade. Devia saber... saber valorizar o sofrimento.”*  
(Mercúrio)

Além disso, ao encarar o próprio desamparo, o trabalhador parece enfrentar duas experiências. A de crítica ao saber científico e instrumental que aparentemente lhe justifica a competência, mas que se mostra fragmentado e insuficiente, que não destrói suas incertezas. É a experiência de constatação de sua capacidade de “ser tecnológico”, que adapta, inventa novos métodos e técnicas, que quer saber mais, que contesta (mesmo que astuciosamente) uma tecnologia antes merecedora de todos os méritos.

Isto faz parte de um processo de desocultamento do próprio saber, não experienciado por todos ou pelo menos não experienciado do mesmo modo por todos. Da mesma maneira pode ocorrer, para outros, a experiência inversa, de um ocultamento que, quando radical, conduz a negação da coisa objetivada ou do próprio saber como um instrumental humano objetivado.

Quando desocultado, o saber já não apenas descobre, articula e melhora a vida, mas, ao “conceber” também determina orientações, programas, ideários, pauta de condutas e que, portanto, também pode encobrir, controlar e inibir. O profissional começa a descobrir, talvez, que nenhum saber é neutro, que nenhuma opção tecnológica se dá apenas por seu valor científico e eficácia social. Quem sabe, começa a pensar a ciência de um modo menos científico e mais filosófico? E se tal reflexão não fecunda, ao menos produz um trabalhador mais centrado na sua experiência e mais arredio a certas imagens míticas da ciência. Seria a crise da incerteza um caminho que levaria ou a reflexão filosófica ou ao pragmatismo e à descrença?

Por mais que seja desejável um posicionamento mais crítico do trabalhador com relação ao saber que o orienta, com certeza não é possível cair na ilusão de que tal atitude seja comum. Ainda é incipiente uma reflexão que desvele o saber enquanto poder, que reconheça que “não se trata de saber qual é o poder que age do exterior sobre a ciência, mas que efeitos de poder circulam entre os

enunciados científicos.”<sup>79</sup> Sem dúvida esta não é uma crítica fácil de ser feita pois exige o auto-reconhecimento como sujeitos de poder, ou de um saber que é uma forma de poder: profissionais com domínio sobre uma área delimitada de poder, de um poder efetivo sobre os corpos e vidas de outros homens. E queiram ou não exercem este poder em cada fala e gesto.<sup>80</sup>

*“O pensamento te dá argumentação verbal, que eu acho muito mais perigosa... umas palavrinhas podem ficar cozinhando a cabeça nos próximos anos. Ninguém liga para isso. Não que a palavra tenha que agir igual ao remédio, mas ela vai direto na cabeça da pessoa.” (Mercúrio)*

Este desamparo, atenuado por uns através do apego à experiência prática, pode também gerar um tipo de repúdio à teoria e àqueles que “afastam-se” do “fazer” para “teorizar”. Por outro lado, aqueles que buscam a reflexão teórica muitas vezes se defendem, como se lhes fosse impingida alguma culpa, denunciando o fazer acrítico, imediato e tarefeiro.<sup>81</sup>

Em ambos os casos busca-se uma consciência de si e do trabalho que inclui a consciência da diversidade entre teoria e prática, mas que não implica em tomá-las como processos parciais, linearmente separáveis e estanques. Busca-se algo que fundamente, que dê vazão aquele sentimento de incerteza, falta de sentido, de se achar “meio perdido”. Sentimento ora vago e persistente, ora agudo e desconcertante como o “tirar do tapete”; o tapete da ciência e da técnica que nestes momentos deixa o trabalhador sem chão.

*“Foi como quando tu entra num palco, daqueles de 300 pessoas ao redor, e tu chega e não era aquela a tua falação. Era outra, tu entrou e era outra estória. Tu fica assim...representando ali... e ninguém sabe. Porque tu tens uma responsabilidade técnica [...] Não existe verdade. Eu gosto dessa piadinha: dois loucos se encontram num*

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989. p.4

<sup>80</sup> “O papel do intelectual não é mais de se colocar um pouco na frente ou um pouco de lado para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da verdade, da consciência, do discurso.” (*Ibidem*, p.71)

<sup>81</sup> Para isto Ver: LEOPARDI, Maria Tereza. **Entre a moral e a técnica: ambigüidades dos cuidados da enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

*trem no interior de Minas. Um pergunta: -Você serviu em Barbacena? O Outro responde que não. O primeiro diz que também não. -Vai vê que não era nós dois. Era outros dois caras. E vai vê nem era em Barbacena, era em outro lugar.” (Mercúrio)*

*“... a enfermagem tenta um processo... mas a gente fica sem fundamentos. Só se quer. Diz: tal técnica não deveria ser assim. Eu acho que sabendo fazer, sabendo que não vai ter problema, pode ser feito e só.” (Édipo)*

## **O outro: uma outra imagem no espelho**

Vê-se que a institucionalização que abarca saberes e organizações, invade o território dos comportamentos e, portanto, das relações interpessoais, é o próprio terreno e locus destas relações. Ao falar dos limites do trabalho sobre si o trabalhador estabelece, mesmo que despropositalmente, os vínculos entre a imagem do outro e a imagem do institucional. Muitos dos “obstáculos” são associados a esta relação com o outro no território artificial do trabalho institucionalizado.

Este “outro que me limita” pode ser “o outro-colega de trabalho” - hierarquicamente superior, igual ou subordinado; da mesma categoria profissional ou não; em contato mais próximo ou não - ou pode ser “o outro-paciente/cliente” a quem se destina o trabalho.

Quando se trata de outros trabalhadores que compartilham as responsabilidades ou dividem diferentes etapas para um fim ou objetivo do trabalho, o sujeito parece olhar para este “outro” com o filtro de olhar que lança sobre si mesmo. Na verdade, ele não pode saber do outro o mesmo que pode saber de si (ou sabe tão pouco quanto), mas pode acionar nele os critérios de análise e valorização que influenciam e inferem seu próprio agir, com uma relativa maior facilidade ou sem a necessidade de tantos mecanismos de auto-proteção. Os mitos guias que servem de condutores, vigilantes e legisladores de sua própria atuação serão agora também aplicados àquele outro que lhe divide o espaço e os percalços do trabalho. Mas se esse outro não lhe é tão estranho, pois possuem entre si alguma força aglutinadora de identificação e

representação, uma margem segura de aceitação precisa ser preservada para lhe garantir a sobrevivência; ou a sobrevivência de uma imagem necessária. A destruição “imaginária” da instituição e do “outro” seria como a destruição de uma parte de si mesmo.

Nascida desta contradição entre solidariedade e rejeição, estranheza e similaridade, a fala do trabalhador mistura a compreensão de si e a compreensão do outro - aquele que “não sou eu”, aquele que “me reflete, me representa e lembra minha própria diferença”. O outro “tão longe e tão perto” precisa responder (como “eu respondo”) pelos seus atos; precisa enfrentar (como “eu enfrento”) o espelho emblemático onde auto-imagem real e virtual se fundem e se repulsam.

Às vezes, o que limita o trabalhador é algo reconhecido como comum a “nós” (trabalhadores) e os conflitos passam a ser mais compartilhados. Mas se este outro afronta e infringe exageradamente a imagem da tão tentada idealização, com certeza será sobre ele, e não mais sobre si mesmo, que o trabalhador irá expurgar suas mágoas, críticas e desencantos.

Alguns valores parecem permanecer sacralizados em meio a derrocada de tantos sonhos e crenças, assegurando ainda um encantamento nutridor. Fragilizado e incerto num cenário de “relativizações éticas” e de perdas de sustentações morais, o trabalhador recorre a certos princípios que lhe são valiosos; procura se nortear por certos critérios dos quais não abre mão e aos quais o outro trabalhador, na sua percepção, também estará sujeito. Pois para cada um, sua experiência, seus sentimentos e o sentido colhido desta e não de outra vida, sempre serão mais ou menos generalizáveis. Determinadas margens de movimento individual são toleradas, a si e ao outro, desde que certos limiares não sejam transpostos.

Mas sempre coexistirão outros olhares, outras subjetividades postas em movimento e guiadas por outras imagens de si, do trabalho, do mundo; definidoras de outras margens e outros limiares.

O limite posto pelo outro é o limite de uma outra imagem emblemática, reflexo de outros espelhos; é o limite de imagens e reflexos que se cruzam, se fundem e se autonomizam sem descanso.

*“... há pouco profissionalismo das pessoas. ... como se fosse uma grande família. Nesse ponto eu acho até legal sabe, mas em algumas ocasiões eu fico pensando... em relação a um compromisso mesmo com a coisa pública, entende?... me incomoda muito a sensação que é uma festa da uva: chega na hora que quer, sai a hora que quer... é um descompromisso, na verdade.” (Eurídice)*

*“... não há uma articulação, mesmo dentro da própria discussão entre técnicos o pessoal não consegue deixar a coisa exclusivamente técnica. É claro que vai para o lado pessoal, então você acaba sendo queimada também”. (Níobe)*

*“Eu não sei como é que a pessoa pode enrolar e ser médico enrolão... Porque chega de noite, aí tu está sozinho, tu vai ter que te acertar contigo mesmo.” (Mercúrio)*

*“... quando eu não consigo me engrenar com a equipe de trabalho. Que nem todos são iguais. Existe aquela equipe que tu sabe que pode abrir carta branca que a coisa vai deslanchar... Me arrasa não poder estar com confiança total, ter que estar curingando as coisas, sabe, isto é um conflito para mim.” (Electra)*

*“... os médicos são meio desorganizados. Então, eu sei, eu cobro... Ter essa postura de dizer: Oh, fulano [...] Eu não sei se me portei da maneira certa de agir, de falar sem gerar um atrito [...] Aí eu reclamo assim... mas de uma maneira pacífica. E isso é um conflito, pois são situações que às vezes me dá vontade de gritar. Para mim é um obstáculo... Eu rodeio para não machucar. As relações humanas... não é fácil chegar e organizar um setor. Para que as coisas andem coordenadamente e sem atrito... Hoje em dia eu dou um jeito. Eu chego prá perto...”. (Egina)*

*“... o maior conflito é a gente lidar com a finalidade (do trabalho); não é multi, né? (multiprofissional) A gente trabalha com vários profissionais. Então a gente tem uma limitação até das pessoas [...] Aí surge uma coisa que não depende de você, depende do outro... às vezes o outro não está tão aberto... Que tu tens que procurar o outro... explicar, implorar, às vezes.” (Afrodite)*

O outro trabalhador impõe limites claramente detectáveis quando se trata do discrepante ou do que vem para mostrar a debilidade de toda a organização do trabalho. No “outro”, vê-se refletida uma determinada qualidade esperada a nível individual (competência, compromisso, por exemplo) ou as carências e fraquezas de uma estrutura ou sistema, de todo um modelo do qual o “outro” é depositário e expressão focal. Para não identificar num outro uma desordem, por

vezes a tendência é acusar a instituição, símbolo que não se constrange com as escolhas que faz, porque impessoal.

Quando o “outro” é o paciente ou clientela novas percepções são manifestas. Este tipo de “olhar” parece já ter sido mais “educado”, treinado para destrinchar, classificar, organizar, descobrir a entidade mórbida por trás de um corpo enfermo e tornar audível fragmentos selecionados de uma fala muda. O olhar “clínico”<sup>82</sup>, herança de uma longa história, não apenas ausculta, deduz, compara, inventaria e designa, mas também, esquadrinha, ordena, invade, normatiza e prescreve; “o olhar que vê é um olhar que domina”:

Mas olhar para saber, mostrar para ensinar não é violência muda, tanto mais abusiva que se cala, sobre um corpo em sofrimento que pede para ser minorado e não manifestado? Pode a dor ser espetáculo? ... Visto que a doença só tem possibilidade de encontrar a cura se os outros intervêm com seu saber, seus recursos e sua piedade, pois só existe doente curado em sociedade, é justo que o mal de uns seja transformado em experiência para os outros; e que a dor receba assim o poder de se manifestar.<sup>83</sup>

A discussão de Foucault, neste caso sobre a experiência histórica da clínica e do hospital na construção do saber médico, aqui é aplicável em pelo menos um aspecto: o ponto de vista que permite demonstrar o “olhar técnico” como também um “olhar moral e político”, como são os olhares e atos do trabalho em saúde, carregados de moralidade. Acresce-se a isto uma nova perspectiva: o sentido de humanidade que impregna o olhar sobre a dor e o sofrimento.

De fato, todo o modelo ou conjunto de saber que embasa as percepções e a construção teórica dos objetos, conceitos e tecnologias da saúde, não consegue ocultar sua insuficiência a nível de sua aplicação prática. O sofrimento

---

<sup>82</sup> “...o olhar que percorre um corpo que sofre só atinge a verdade que ele procura passando pelo dogmático do nome, em que se recolhe uma dupla verdade: uma oculta, mas já presente, da doença; outra, claramente dedutível, do fim e dos meios. Não é, portanto, o próprio olhar que tem poder de análise e de síntese; mas a verdade de um saber discursivo que vem se acrescentar de fora e como uma recompensa ao olhar vigilante...” FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994. p.67.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p.95.

insistentemente desafia a operância destes saberes. Como se não bastasse tal sentimento de vazio, uma outra lacuna se abre, muito mais cruenta: a insuficiência, agora nem tanto técnica, mas humana, de olhar a dor. É a lacuna deste artifício: do olhar que traz à tona a capacidade humana de empatia ativa com a realidade do sofrimento; a capacidade humana de pertencer, de sentir o comum no diferente; a capacidade de tomar consciência da carne e de intuir como experiência pessoal a dor do outro, universalizando o único e individual. Lembrando a conhecida expressão de Marx: “nada do que é humano me é estranho”.

O duplo olhar, “técnico e humano”, no confronto com a dor, confessa sua dupla insuficiência. A insuficiência de sua razão instrumental/tecnológica e de seu sentimento de humanidade. A primeira se expressa através das conhecidas queixas contra a falta de condições e recursos - o manejo do atraso e da penúria, a doença institucional. A segunda se apresenta no silêncio ou no tímido desabafo contra a impotência - o manejo do infortúnio alheio, a doença social. Uma e outra conformam máscaras; a face humana e técnica sujeitam-se à alienação e à ameaça da neurose semeada nesta mal resolvida duplicidade.

Denunciando as misérias institucionais as falas são abundantes, diretas e claras.

*“... e a estrutura não te permite ou porque falta profissionais ou porque falta materiais.” (Minos)*

*“...não é aquele material de primeira linha, alguns são de baixa qualidade.” (Ônfale)*

*“Você quer exames radiológicos e não funciona. Endoscopia, quebrado há três, quatro anos... ninguém resolve nada [...] isso aí vai tolhendo e no fim você vai aceitando. Vem a público que não funciona. E acaba se condicionando a isso aí...” (Menelau)*

*“Outra coisa que é do dia-a-dia é que não tem equipamento...tudo enguiçado [...] A outra coisa é que a gente devia ser reciclado. A inoperância do serviço, com o teu desgaste. Eu gostaria de estar recebendo informação toda hora... ser reciclado por um cara com mais conhecimento do que eu... que eu tivesse respeito... Tem uns que são uns bundões: sabem direitinho qual é a dose, mas não sabem do que as pessoas adoecem... Eu quero aprender o que não está nos livros.” (Mercúrio)*

Já as denúncias das misérias humanas não são tão “anunciáveis”. As falas são contidas, as ansiedades guardadas... mas não a ponto de esconder no gesto, no olhar, no toque, no movimento do corpo frente ao corpo que sofre, o sentimento deste contato: angústia e compaixão. Sentimentos que não vem sozinhos, são acompanhados de emoção, ternura, afeto, às vezes desolação; e que também se refugiam ao abrigo da frieza, repulsão e medo.

Quando chamados a explicitar os limites do trabalho, poucos são os que confidenciam o que o limite humano corporificado no paciente/clientela representa como limitação para si, enquanto homem e trabalhador.

*“... é um atestado de falência social. E se a sociedade não tem como resolver isso não é o médico que vai resolver, né? E eu estou naquele rolo, e eu sei que não consigo resolver nem o meu, que dirá o dele. Então nós estamos no mesmo...Então quando eu estou fazendo uma receita, um troço que não tem nada a ver, me parece assim um marciano e um plutoniano, dois caras que não tem nada a ver...” (Mercúrio)*

*“A gente se depara com pessoas com determinadas situações clínicas em que tu sentes limitado em poder ajudar [...] isso deve repercutir negativamente nas nossas atividades, não só profissionais quanto pessoais.” (Minos)*

*“... é a falta de condições da população que a gente atende. É muito bom a gente poder dizer a uma pessoa que ela tem que ter lazer, que tem que se alimentar bem...” (Marte)*

*“Mas o que eu acho difícil também é quando a gente se depara com a situação que é além dessa parte como funcionária. Quando tu tens que chamar a família e colocar a situação que ela não pode enfrentar ou que ela não aceita.” (Esfinge)*

Não é fácil confessar sentimentos como piedade e compaixão, tomados no meio de trabalho como “piegas”, anti-profissional. Indignar-se e queixar-se nos corredores e salas lotadas, compadecer-se e enternecer-se nos pequenos, reservados e discretos espaços de intimidade: esta parece ser a regra da exposição permitida pela lógica da exclusão e dicotomia entre sentimento X razão, subjetividade X objetividade. Mas apesar do mito da cientificidade, proclamado em discurso e ato, sinais de uma **resistência do sentimento** estão sempre presentes e solapam, por vezes, a atitude ocidental moderna, fundada no

princípio masculino, de enfrentar a dor e o sofrimento atacando-o, suportando-o heroicamente e não sucumbindo, nem tampouco penalizando-se com e por ele.

Seja tomada como generalização racional do amor próprio<sup>84</sup>; como estratégia para suportar a miséria humana estampada no outro e dela tornar-se distante e diferente<sup>85</sup> ou, seja ainda, como expressão de fraternidade e solidariedade, não há dúvida que a compaixão, livre de todo juízo parcial, é um forte componente emocional do trabalhador da saúde.

Estes trabalhadores mediam o contato do homem com as suas próprias fronteiras de finitude e debilidade, com os limites sociais que atenuam mas também provocam novas ameaças e, ainda, com seus dilemas mais íntimos. Ao ter que estabelecer-se enquanto tal mediação convivem com o melhor e o pior que possa haver na humanidade, com todos os seus artifícios de civilidade e com sua imprescindível animalidade.

---

<sup>84</sup> Para SAVATER (In: THIEBAUT, C. **La herencia ética de la ilustración**. Barcelona: Editorial Crítica, \_) alguns filósofos entenderam a piedade - repugnância inata em ver sofrer um semelhante - como o corretivo mais humanamente natural dos excessos do artificioso amor próprio. Rousseau e Schopenhauer (apontados como naturalistas e ególatras) colocam o amor próprio como fonte de virtude moral, uma vez que pela piedade se estende a toda a humanidade (egoísmo racional; ou egoísmo da espécie).

<sup>85</sup> SAVATER (*Ibidem*, p.98) salienta a crítica de Hannah Arendt. "No fundo da piedade bem pode haver uma preferência pela dor do outro enquanto me libera da vocação de abrir-me realmente a ele: me ocupo da dor do outro para não ocupar-me do outro, porque o que mais amansa o próximo é o sofrimento." Para Arendt, a amizade, em contrapartida, busca companheiros de excelência e não pacientes de beneficência; não prescinde da ajuda nem menospreza a solidariedade, mas se define pela vocação de encontrar alegria nos e pelos outros.

## AS BRECHAS DO SER E DO FAZER

Você me pergunta como vai minha vida; como sempre. Choro no momento devido a uma dolorosa reflexão sobre mim mesmo. Permita-me esse movimento de vaidade pueril; parece que não tenho vocação para ficar martelando o ferro.<sup>86</sup>

### *O desafio ético-estético do trabalho*

Christophe Dejours, ao tratar do drama existencial vivido pelos trabalhadores e, mais especificamente, do sofrimento mental resultante da organização do trabalho, denuncia que do mesmo modo que um inimigo ocupa um país, o comportamento do operário é ocupado pelos atos impostos pelo trabalho (gestos, ritmos, movimentos e ações produtivas).<sup>87</sup>

O projeto de Dejours é elucidar o trajeto que vai do comportamento livre ao comportamento estereotipado; a anulação muda e invisível do operário, ocupado demais em garantir a produção para disto se aperceber.

Apesar da especificidade da análise deste autor diferir deste estudo em muitos aspectos, outros tantos são de grande relevância para esta discussão. Alguns pontos, neste sentido de aproximação dos dois estudos, podem ser explicitados:

- A vivência do medo e apreensão, presente em todos os tipos de ocupação, por estar contida por mecanismos de defesa, raramente aparece à

<sup>86</sup> GILLAND, operário serralheiro, citado por RANCIÈRE, Jacques. **A noite dos proletários - arquivos do sonho operário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.17.

<sup>87</sup> "A física gestual e comportamental do operário-massa está para sua personalidade assim como o aparelho administrativo do ocupante está para as estruturas do país invadido. As relações de um e de outro são primeiramente de **dominação**, e depois de **ocultação**. Dominação da vida mental do operário pela organização do trabalho. Ocultação e coarctação de seus desejos no esconderijo secreto de uma clandestinidade imposta." DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. 5ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

superfície, ou quando muito, se externaliza de modo camuflado, através de sintomas de ansiedade que esgotam progressivamente o trabalhador.

- Entre as causas de ansiedade estão as relações de trabalho profundamente afetadas pela organização do trabalho, pela frustração e revolta reprimidas, pela fadiga, em suma, pela insatisfação e ansiedade geradas por um desacordo do conteúdo significativo do trabalho em relação ao sujeito e ao objeto do trabalho.<sup>88</sup> O sofrimento inicia quando o conteúdo e a forma do trabalho atingem graus de limitação e estereotipia que chegam a reprimir as pulsões, iniciativas, capacidades inventivas, linguagem, enfim, a personalidade e individualidade do trabalhador, este descobrindo-se impossibilitado de reduzir sua insatisfações.

- Esforços de adaptação são dispendidos e estratégias defensivas - tanto coletivas quanto fortemente personalizadas - desafiam os limites impostos pela organização do trabalho, obtendo diferentes níveis de eficácia simbólica (apesar de não mudarem concretamente o trabalho, produzem pontos de equilíbrio, compensações e sublimações, mesmo que modestas, necessárias à uma aparente estabilidade entre sujeito e trabalho). Também participa destes esforços a construção artificial de um autocontrole; um processo eficaz de auto-disciplina e auto-vigilância.

Chega-se aqui ao ponto de maior interesse para este capítulo específico. Não basta discutir como é construída, pelo olhar e imaginação do trabalhador da saúde, uma trama do real onde as imagens de si, do outro e da instituição participam da formação de mitos guadores do fazer e do ser trabalhador. Nem tampouco basta destacar os limites que estes trabalhadores sentem como impostos sobre si pelo trabalho. Tais limites não vêm do nada, são obras humanas como a própria organização do trabalho e desta obra também

---

<sup>88</sup> No conteúdo significativo do trabalho em relação ao sujeito Dejours se refere a: dificuldade da tarefa e adaptação do seu conteúdo às competências do trabalhador, evolução pessoal permitida, estatuto social ligado ao posto de trabalho, entre outros. Já o conteúdo significativo do trabalho em relação ao objeto inclui a mensagem simbólica veiculada pela tarefa através dos gestos que ela implica, dos instrumentos que ela movimenta, do material tratado, da atmosfera na qual ela opera, ou seja, constitui uma dialética com o objeto, ao mesmo tempo real e interiorizado. (*Ibidem*, p.50)

participam, ao menos a nível simbólico, cada trabalhador. O trabalhador se apropria e consome simbolicamente os componentes objetivos e subjetivos do seu trabalho. O caráter alienado ou não deste consumo pode e deve ser discutido, mas o que aqui se deseja ressaltar são as formas de reagir do trabalhador. O que o trabalhador faz ao se defrontar com certas impossibilidades e conflitos entre “o seu jeito” e o jeito que “pode” ou “deve” fazer? **Como ele responde ao desafio ético-estético de tornar o trabalho uma experiência de auto-expressão? Que espaços de auto expressão, que brechas de resistência da individualidade são reconhecidas e elaboradas?**

A partir da fala de trabalhadores e de algumas observações do próprio trabalho pode-se proceder uma tentativa de agrupar esquematicamente os modos do trabalhadores reagirem a tais desafios em uma tipologia de respostas articuladas a três eixos principais:

**Respostas ativo-racionais:** quando põem em funcionamento um alto grau de racionalização e capacidade da adaptação individual de modo a manter a postura ativa esperada e valorizada coletivamente, o que não indica necessariamente um sentido negativo.

**Respostas ativo-emocionais:** acionam e se manifestam em ações mais fortemente carregadas de emotividade e se colocam mais ofensivamente na contra-reação ao limite percebido.

**Respostas introspectivas de auto-preservação:** exteriormente mais passivas revelam um conteúdo interno (para o sujeito) elaborado, ou seja, um pensamento e comportamento que busca equilibrar os elementos racionais e emocionais envolvidos no processo de enfrentamento e auto-conhecimento, o que caracteriza-as enquanto respostas ativas, apenas dirigidas para o próprio sujeito.

O primeiro tipo de respostas foi o mais freqüentemente relatado e observado e se evidencia numa gama de possibilidades de reação e interação com os desafios do trabalho. O trabalhador, reconhecendo que certa

característica, acontecimento ou problema do trabalho ameaça ou conturba a imagem idealizada de seu próprio desempenho, sua relativa autonomia ou a possibilidade de auto-satisfação, lança mão de certas atitudes conciliatórias, paliativas e adaptativas.

Desta forma, ele sente-se inseguro e apreensivo, mas enche-se de coragem e empreende a tarefa desafiadora; não se conforma com a carência de recursos e soluções e “vai atrás”, tenta novamente, pede ajuda; contorna o obstáculo, mudando o “seu jeito de fazer” para “o jeito possível”, dando “jeitinhos”, organizando-se de outras formas, elegendo prioridades, fazendo o que pode para, ao menos, minimizar os efeitos adversos sobre si e sobre o resultado de seu trabalho.

Algumas falas expressam estas reações:

*“...só tinha eu a tarde, não tinha outro jeito...a rotina dependia de mim. Eu tentava terminar o mais rápido possível. A primeira atitude que eu tomei foi mudar. Foi resumir o papel... achar uma alternativa, minimizar o problema. O máximo que eu posso minimizar eu faço [...] não gosto mesmo, mas só que eu tento contornar.” (Níobe)*

*“... o limite para o médico pegar é doze, mas aí você dá um jeitinho de enfiar o treze, o quatorze, o quinze, às vezes até o vinte, né?” (Tália)*

*“Quando a limitação aparece, mas existe maneira de superar eu costumo ir atrás. Não me satisfaço assim. O doutor não veio operar: então eu costumo ir lá falar, argumentar, vencer esta limitação...” (Minos)*

*“... na hora eu deixo então a minha vontade de ir lá conversar com ele e naquele momento faço minha parte burocrática, minha evolução, minha prescrição e assim que tenho um tempo disponível eu vou lá e concretizo... ou tento programar para o dia seguinte [...] Quando realmente é uma situação drástica... tu tens que parar tudo que está fazendo e correr realmente... se tu não consegues sozinha tu tens que chamar ajuda...” (Esfinge)*

*“Se eu não posso responder, eu vou pedir ajuda [...] não pode ser onipotente. Nós somos limitados, né? Coitado daquele que acha que não é... Eu acho que tem que buscar auxílio [...] vai por outros meios para chegar ao objetivo. É o famoso jeitinho...” (Menelau)*

*“É muito difícil. Você esbarra em muitas coisas, mas como se diz, a gente sempre dá um jeitinho brasileiro... de conseguir de alguma forma. Procurar tentar resolver o máximo.” (Afrodite)*

Nestes casos, dar um jeito, fazer o que se pode é a fórmula para se garantir o mínimo de auto-expressão, para dar a coisa feita um pouco “da cara” de quem a está fazendo. Fazer, agir, “não deixar a peteca cair” são expressões-chaves. Aqui, fazer o que se acha correto, ao menos parcialmente, é o que dá ao trabalhador a certeza de que, apesar de tudo, ele está ali, de que ele ainda consegue, de alguma forma, ultrapassar o entrave; fazer alguma coisa que o justifique a si mesmo e para quem mais quer que seja. - **“EU ME MOSTRO PELO QUE FAÇO”**. “Enquanto posso fazer mantenho minha identidade de trabalhador” (ou a imagem de trabalhador construída)

Nestas estratégias atuantes o trabalhador precisa contar com algumas armas e aliados. Neste sentido, os depoimentos incorporam uma valorização da capacidade de diálogo, tato e diplomacia como instrumentos fundamentais para vencer os cotidianos limites do trabalho. Embora este estudo não queira discutir separadamente cada categoria profissional, é interessante notar que os entrevistados que mais ressaltaram a importância do diálogo foram os enfermeiros (todos os cinco enfermeiros pesquisados se referiram, em algum momento, a esta capacidade). Importante perceber a posição ambígua que este profissional normalmente tem nas relações de poder institucionais e pessoais, onde se coloca como um intermediário entre um poder normatizador dos procedimentos de diagnóstico e tratamento comandados pelo médico e dos procedimentos de rotinização e controle institucionais, e o paciente alvo desta “normalização”. Ao mesmo tempo que media e se encarrega de promover tal poder, subordinando-se a ele, exerce também um poder direto sobre os trabalhadores que lhe são subalternos, estabelecendo um local privilegiado no mecanismo de poder todo. Seria por isso mesmo que justamente este profissional reconhece e reclama por diálogo?

*“Entre pessoas da equipe, médico, enfermeiro, entre enfermagem e médico, esse tipo de coisa, eu tento, eu converso com o médico para saber o que houve o que não houve; e chamo o funcionário separadamente para saber o que houve, porque tento avaliar as duas partes, ver quem agiu corretamente e quem não agiu, para tentar*

*solucionar [...] Em termos do conflito ser comigo...eu tento mostrar que ele não precisa agir daquela maneira, eu tento nunca responder na mesma altura ou no mesmo tom de voz, não ser agressiva, para não cobrar uma coisa dele sem também a minha parte. Mas eu já puxei orelhas, mas geralmente eu tento mais acalmar conflitos do que viver em conflitos.” (Esfinge)*

*“...a gente teria que conversar que é para chegar a um denominador comum, entre eu e o porteiro, ou eu e a moça da limpeza, ou eu e o médico, ou eu e a enfermeira...” (Telêmaco)*

*“Conversamos, conquistamos pessoas, vendo o que está certo e o que está errado. Porque eu estou aberto nessa situação, quando eu estou errado eu aceito na hora, Mas conflito sempre vai ter. O confronto vai ter sempre e no hospital tem muito disso.” (Édipo)*

*“É conversar, tentar que as pessoas se entendam, né. Para ver, conforme, se não for possível fazer do meu jeito a gente faz conforme a rotina ou como a chefe quer... com diálogo sempre a gente consegue fazer alguma coisa.” (Tétis)*

Mas nem só de diálogo sobrevivem as estratégias ativo-rationais destes profissionais. Elas precisam também de esperança e do controle das emoções e inseguranças. Esperança sem a qual desmoronaria qualquer motivação para empreender um esforço adaptativo e calma para freiar os sentimentos conturbados e as reações intempestivas.

Se depois de tudo isso as ações desencadeadas demonstrarem pouca ou nenhuma eficácia funcional, com certeza terão sua permanência garantida por uma eficácia simbólica suficiente para, ao menos, o sujeito se conciliar consigo mesmo.

*“...não é só a falta de profissionalismo dele, é uma estrutura, é uma coisa administrativa que entrava [...] nessas alturas eu já me frustrei, já fiquei infeliz, já me senti incompetente... eu estou lavando minhas mãos porque eu acho que fugiu da minha competência. E você precisa se preservar, não pode ficar como uma louca na cobrança... Eu vou fazer, mas, sinceramente, não tenho mais esperanças não.” (Eurídice)*

*“E aí a próxima vez que eles fizerem isso sem me perguntar... eu já pensei no assunto. Eu sei que deveria ter agido. É, tem que chamar a atenção mesmo. Então eu penso antes. Não ajo assim... não sou assim intempestiva.” (Egina)*

*“Eu procuro primeiro deixar a raiva passar para depois começar a elaborar alguma coisa.” (Níobe)*

No segundo tipo de respostas ou estilo de ação, denominado ativo emocional, o sujeito parece quebrar a hegemonia da razão e dar vazão aos sentimentos envolvidos na situação desafiadora. Isto se dá tanto quando se torna impossível “segurar” ou “disfarçar” o que se sente, quanto em casos onde por um processo de escolha, às vezes com origem bem anterior, o sujeito resolve assumir e liberar mais espontaneamente seus sentimentos no cotidiano do trabalho. No primeiro caso, a emoção não pode ser contida e se revela. No segundo caso não se deseja mais esconder a emoção. Em ambos os casos o sentimento é a forma de expressão que sobressai, ou porque a contenção racional falhou ou porque se estabeleceu de modo não tirânico. Isto equivale a dizer que suprimida a tirania da razão, a emoção é manifesta e não equivale a dizer que o pensamento racional se anule ou diminua necessariamente. Seja reativamente ou seja assumidamente a auto-expressão se faz pelo sentimento. É expressão ativa não porque necessariamente venha a culminar em atitudes/ações que provoquem mudanças ou efeitos concretos, mas porque mobiliza energias e pulsões antes contidas. - **“EU ME MOSTRO PELO QUE SINTO”**. “Enquanto posso sentir e não calar o que sinto sei que ainda sou eu mesmo.”

*“Ah, eu nunca vi tanto sofrimento. Isso me marcou, não tem jeito... Porque eu não consigo, eu não vejo como que as pessoas conseguem se tomar frias. Eu me envolvo. Eu esquento muito. E eu me envolvo, eu brigo mesmo. Lá na pediatria me dei feio, saí lá da minha sala e briguei por causa da criança. É assim, eu não consigo entender, eu me meto em coisas que eu não posso me meter.” (Níobe)*

*“Eu reclamo. Tu viu lá no posto, hoje nada funciona porque não trocaram a caixa de água. Mas e aí? Quem era prá reclamar era o povo, não eu. Eu era prá estar dando graças a Deus, mas vou lá e sofro todo dia... Eu reajo, eu fico bravo e eu não devia ficar. Eu fico tenso, fico adrenalizado, isso me prejudica. Fico tenso e não deveria. Deveria ser calmo, fazer um ofício para a Secretaria. Não dá. Na calma? Pô, quanto tempo que estão pedindo providência e como não ficar emocionado com isso? Mas se eu tivesse essa frieza toda eu acho que eu não tinha outras coisas minhas. É, não dá, não dá. Então eu fico indignado...” (Mercúrio)*

*“...era uma maratona, um rallye, então realmente ninguém agüenta, não tem condições, é para pedir para sair... Solução? É claro, é não aceitar trabalhar mais daquela maneira.” (Marte)*

*“...Eu às vezes chorava e descarregava os nervos mesmo[...] eu chego a chorar... tem coisas que tu não consegues dominar. Eu sou assim[...] eu nunca trabalhei com o ‘não posso’. Eu sempre disse que eu posso. E tem situações que realmente não posso. Irritante. E aí é impotência... Por exemplo: a hora da morte, para mim eu choro, para mim não tem palavra...” (Electra)*

*“Às vezes tem briga aqui dentro... Eu sempre me coloco no lugar do paciente[...] tem coisa que a gente pode abrir mão (normas)... Eu me angustio quando não posso, que eu me sinto desumana comigo mesma... a gente se machuca... nem sempre a gente pode ser humano. Eu brigo. Eu brigo com a nutrição... Como que não? A dieta é livre porque não vai dar uma caixinha de bombom para ele. Eu brigo, eu vou a luta pelo paciente...” (Electra)*

O terceiro e menos freqüente modo de responder ao desafio ético-estético do trabalho parece de difícil e ambígua análise, Primeiramente ele parece combinar conteúdos da razão e do sentimento de um modo mais equilibrado ou neutro, o que pode sugerir uma certa apatia ou indiferença, mas também pode sugerir uma outra forma de olhar e tratar esses desafios. O argumento da passividade é derrubado quando se nota que processualmente - e depois de ter sido ele mesmo e o contexto do trabalho objetos de reflexão - o sujeito elaborou um modo de agir, mas que é mais voltados para si próprio do que para um fato concreto. Parece perceber-se como um elemento de toda aquela realidade vivenciada; um elemento especial, que precisa ser preservado, cuidado, respeitado em suas limitações e necessidades. O trabalhador pensa e sente mas não entra numa torrente de emoções, stress, esforços e ações compensatórias. Consegue como que um relativo afastamento e, ao invés de consumir energia (mental ou afetiva), vai guardar ou buscar novas energias, revitalizando-se ou poupando-se. Não se expressa, assim, por ações ou emoções, mas por um certo sentido de autoconsciência e auto-preservação. - **“EU ME MOSTRO PELO QUE SOU”**. “Sei quem sou e o que faço, não tenho vergonha de dizer que não posso tudo ou que não estou sensível a tudo sempre”. Isto não significa falta de

sensibilidade, mas uma sensibilidade mais genericamente humana e reconciliada consigo mesma.

Por outro lado, seria ingênuo demais supor que sempre essa aparente serenidade reflexiva possa ser atribuída a um amadurecimento e consciência de si. Muitas vezes o próprio trabalhador confessa não entender bem como e porque suporta as cargas a que está submetido. Reconhece também a dificuldade de lidar “de frente” com tanta dor e carência e de como pode “reservar/trancar” emoções com as quais não sabe trabalhar. Consegue também separar situações em que teria este tipo de resposta introspectiva e de aceitação, de outras situações “inaceitáveis”, que mobilizariam respostas ativo emocionais e ou racionais.

*“Porque eu acho que na política, na organização, na estrutura tu modifica. Eu com a canetinha e tal resolvo esse meu tesão do dia-a-dia. [...] eu vou lá, escovo os dentes, vou fazer ginástica, pegar umas ondas...” (Mercúrio)*

*“De forma ética. Eu tenho esse tipo de conceito... e uma capacidade de resignação muito grande, então eu sei que embora exista limitações tu deve contextualizar-se. Quando existe limitação que não é falta de empenho ou qualquer outra coisa dessa forma, eu aceito isso com muita facilidade. Eu não consigo, muitas vezes, me estressar com a situação e embora a situação seja, às vezes, conflitante e estressante, eu consigo manter relativamente bem a calma. Eu não sei se esse aceitar com facilidade é mecanismo de defesa e se isso um dia vai mudar... mas eu tenho certa tranquilidade em manusear com esse tipo de situação. Isso com a dor.” (Minos)*

*“O sofrimento? Eu acho que a pessoa acaba como que colocando aquilo tudo num compartimento fechado lá e quando termina o trabalho apaga, esquece. É uma coisa que a gente está habituado a fazer, de não se envolver muito. Porque na verdade são dramas, cada paciente tem uma história. A maioria são histórias de sofrimentos, de miséria mesmo, e de dor; e se a gente fosse se envolver e for carregar aquilo de cada paciente, é impossível, ninguém agüentaria, eu acho.” (Marte)*

*“...quem trabalha na área da saúde sabe que cada um sofre de uma maneira, cada um morre de um jeito. Por isso que eu acho que então a gente tenta até, às vezes, fugir daquilo...ali é realidade. Aceitação. Tem que aceitar que ali é realidade.” (Telêmaco)*

*“Tenta todas as possibilidades [...] a partir do momento que não tem, realmente fica impotente, tu não podes fazer nada. Tem que aceitar... não depende de você,*

*depende de toda uma estrutura. Até que angústia a gente não tem não...Daí a gente mesmo tem que se trabalhar.” (Afrodite)*

*“Às vezes, coisas que realmente desagradam tenho que fingir que não vejo, que não existem. Tenho que me manter sadio, legal e não posso estar alerta e combativo a tudo e o tempo inteiro. Tem coisas frustrantes que tem que escamotear.” (Mercúrio)*

### ***As brechas do fazer e as brechas do ser no fazer***

O real, urdido nas objetivações sociais e tramado no imaginário de todos e de cada um, seria como uma teia aprisionante e sem saída, exceto pela loucura? Não é assim que fazem crer os trabalhadores em estudo. Por maior que seja a forma de repressão e dominação sobre estes sujeitos na vida social e, especificamente, no trabalho, ainda lhes cabem algumas formas de reagir a todo esse ardil; ainda conseguem abrir pequenas brechas, pequenos respiradouros. Brechas para um homem que quer e não pode suportar viver sem se expressar, que precisa mostrar naquilo que faz um pouco do que é.

Após a discussão de como esta imagem do real é construída “no e pelo” sujeito e de como este responde aos desafios impostos por este mesmo real, é chegado o momento de tentar captar as possibilidades, encontradas por estes trabalhadores, de expressão ético-estética no trabalho, detalhando um pouco mais os tipos de respostas categorizadas anteriormente: da brecha da razão, do sentimento e da auto-preservação.

Pode-se começar imaginando um trabalho onde todo o processo de disciplinarização, normatização e rotinização obtivesse o máximo e mais perfeito sucesso. Os trabalhadores “formados” e treinados de acordo com idênticos modelos e completamente uniformizados na prática profissional cotidiana, formariam uma grande massa uniforme, disciplinada e previsível. Para cada atividade ou tarefa uma ação/reação prevista e detalhada em cada passo. Tudo matematicamente computável e regulável.

Felizmente o homem não é apenas um animal que cria regras mas também “um animal que quebra as regras que ele mesmo criou”<sup>89</sup>. O homem é um animal que transgride, que brinca e ri, que busca o que ainda não existe, que arquiteta fugas, que usa máscaras e que sabe unir sensatez e astúcia. No trabalho este homem abre brechas de resistência da individualidade usando cada um desses potenciais.

### **O trabalhador é um homem que transgride**

Não é necessário constatar grandes manifestações subversivas ou grandes atos de revolta do trabalhador da saúde. Embora não se queira descartar aqueles momentos especiais de movimentos organizados por uma transformação estrutural concreta ou mesmo mudanças focais, fruto do processo de conscientização do sujeito no seu trabalho, o que se deseja aqui é evidenciar um outro tipo de potencial transgressor, muito mais corriqueiro, sutil e inaparente.

É a transgressão disfarçada no passo lento, na ordem “não ouvida” ou mal entendida, no jeitinho diferente, no silêncio constrangedor, na resposta vaga, no jogo do empurra. Para transgredir uma norma ou conduta esperada o trabalhador tem súbitas perdas de memória, tem crises de distração, perde muito tempo numa atividade, consegue se ocupar excessivamente com alguma coisa, gasta conversa, truques e agrados. Mas ele consegue esquecer que devia ter feito algo; deixa passar a visita fora do horário (e com o doce “proibido”); faz com que o outro assuma certa tarefa indesejada, convence e conquista o apoio de outro para que as coisas aconteçam, para que o seu jeitinho funcione. Contrapondo-se a uma real falta de autonomia interpõe-se um inacreditável manejo dos movimentos corporais, da gestualística, dos espaços cerrados da rotina e do próprio fluxo do tempo: tudo parece fluir de modo descontínuo em meio à continuidade, livre em meio à clausura, indeterminado em meio à determinação. Regra e contra-regra,

---

<sup>89</sup> Citação de Gustavo Caponi, em sala de aula, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992

tempo e contratempo, uso, mal uso e desuso se confundem e ofuscam uma imagem nítida da experiência do trabalho.

Como num filme que chega ao final sem que se saiba o que era real e o que era sonho, quem era o vilão e quem era o herói, qual era a cronologia da estória, a lógica do tempo e das ações racionais escorrega nas bordas do real porque “o homem resvala pela borda da razão.”<sup>90</sup>

Tudo é feito sem nenhuma intenção de prejudicar o cliente ou o andamento do trabalho, pelo contrário, por um sentimento de compreensão da situação do outro, uma tolerância, uma intimidade com o fazer ou, até, por uma opção e afinidade por certas atividades, em detrimento de outras (que não são do seu “feito” e que podem ser melhor realizadas por outro profissional). A essas boas intenções não se pode excluir o acréscimo de certos momentos de preguiça, fadiga, stress, mau humor e indignação, em que, mais do que nunca, a norma, a rotina e o comportamento esperado afrontam e pedem para serem burlados. Tampouco podem ser ignoradas as conseqüências eticamente injustificáveis que muitas destas transgressões geram ou nelas culminam.

E não é de se estranhar que isto tenha ficado mais evidente a nível das observações, do que no relato oral dos trabalhadores, embora algumas falas possam sinalizar essas evidências.

*“Tudo é feito do jeito da gente...se ele chega com uma norma que tem que ser assim, mas a gente não leva aquilo a sério, a gente faz do modo da gente, que é mais fácil para a gente.” (Têmis)*

*“Eu sou auxiliar de enfermagem, sou obrigada a fazer. Mas não é do meu gosto, não é do meu agrado fazer. Se tiver sozinho sim, mas quando a “T.” está eu já falo com ela: - criança é contigo.” (Tália)*

*“...Que aparece no dia-a-dia e tu mostra o teu espaço... as tuas várias facetas. Assim tu acabas saindo daquele teu corriqueiro, das tuas atribuições. Como enfermeiro tu deves fazer isso, isso e isso, mas pela tua maneira de ser tu pode fazer isso, isso,*

---

<sup>90</sup> “Este é o mundo: porém o homem não é deste mundo, mesmo que não conheça nem jamais terá que haver-se com outro. Esta é a realidade: porém o homem não é real, mesmo que suas imagens e símbolos não aspirem a nada fora da realidade mesma. Esta é a razão: porém o homem não é racional, mesmo que por essa qualidade foi definido, nem razoável, ainda que a sensatez é o que lhe possibilita, lhe obsesiona, lhe enlouquece...” (SAVATER, Fernando. *La tarea del heroe* - elementos para una etica tragica. Buenos Aires: Taurus, 1982. p.236.

*isso, dá um tempo e vai lá e ajuda a parte administrativa de escriturário. Quando ele chega: - não, isso eu já fiz para ti, aquilo eu já adiantei. Então é uma forma também de mostrar que tu não te limitas só pelas tuas pequenas atribuições.” (Esfinge)*

*“...para beneficiar o paciente eu fugiria da regra e daria um jeito de dar uma volta...por trás. Se para o bem do paciente eu precisar usar desses artifícios, eu vou usar, correto.” (Menelau)*

*“Mas a gente tem que sair mais dos padrões...” (Egina)*

*“Aqui visita começa as duas e meia, mas no meu setor, quando eu estou, começa as duas... e enquanto tiver alguém eu me responsabilizo. Depois das sete eu não me responsabilizo mais.” (Electra)*

Mas para transgredir de tal modo o estabelecido é preciso estar bem munido e protegido, é preciso estar mascarado.

### **O trabalhador é um homem que usa máscaras**

O uso de máscaras pode ser entendido não no sentido puramente negativo, de falsidade, mentira, dissimulação ou perfídia.<sup>91</sup> Pode ser ou aparentar tudo isso sem ser nada disso. Pode ser a mediação indispensável para o enfrentamento ou convivência com uma realidade abusiva, agressiva ou sem sentido para o sujeito. Assim, quando a realidade é por demais real, é preciso se proteger e a máscara pode ser o anteparo, a armadura sob a qual alguém não se expõe completamente, pois, às vezes, revelar-se é um risco. No mundo do trabalho, onde mitos guiaadores enrijecem a possibilidade de expansão da liberdade pessoal, é preciso assumir certos papéis, ao menos na superfície, na máscara. É como se, para preservar um espaço de expressão de si, fosse necessário, em contrapartida, expressar também algo que não é de si, algo que é esperado. Desta forma, não apenas o afrontamento de papéis, relacionamentos e identidades impostas é evitado ou atenuado, o que poderia gerar contra-ataques

---

<sup>91</sup> Michel MAFFESOLI, representante da microsociologia ou socio-antropologia compreensiva, trabalha com noções como as de transgressão, o uso de máscaras, o jogo duplo e a astúcia, entre outras. Entre sua obra, vale recomendar, para estes temas: MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. \_\_\_\_\_ **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

indesejáveis, como também se mantêm protegidas certas facetas da individualidade que, num cenário mais pacificado, podem mais seguramente invadir alguns terrenos.

Assim, a máscara pode ser uma garantia de “paz”, de integração ao meio, de auto-aceitação, autocontrole e equilíbrio, tanto porque em sociedade parece impossível ser radicalmente “o que se é” o tempo todo, como porque para a própria pessoa parece inconcebível conhecer radicalmente “o que se é”, além de todas as influências culturais e sociais, o que existe sob e além das máscaras. A retirada de todas as máscaras pode ser destrutivo e desesperante, pode restar apenas o “nada” ou um assustador desconhecido. Além disso, não se pode contrariar uma crença nas próprias máscaras, em sua aparência positiva, caso contrário elas seriam mera dissimulação, grosseiro embuste e, deste modo, o artifício se tornaria insustentável.

A visão do mundo como um palco, onde as pessoas desempenham papéis ora dramáticos, ora cômicos, ora trágicos, não é incomum; enquanto perspectiva dramatúrgica é trabalhada por estudiosos da antropologia, psicologia e ciências humanas em geral.

Holmes<sup>92</sup> aponta estudos que utilizaram relatos dramatúrgicos para tratar da medicina, da doença, do hospital, da morte, entre outros. Ao estudar o trabalho da enfermagem como práxis e como drama, a autora relaciona teoria dramatúrgica, numa visão dinâmica e afirmadora do “self”, com idéias de Hannah Arendt e teóricos críticos marxistas em sua noção de práxis estética. Holmes mostra a enfermagem como um meio de sobrepujar a falta de significação e a alienação, afirmando a humanidade, própria e de outros, através da atividade estética.

A idéia do uso de máscaras, neste sentido fundamentalmente humano e livre de juízo de valor, perpassa grande parte das categorias e reflexões deste estudo. O trabalhador é um homem que transgride, ri, quer mais, usa astúcia e sensatez exatamente porque é capaz de usar máscaras.

---

<sup>92</sup> HOLMES, Colin Adrian. The drama of nursing. *Journal of Advanced Nursing*. v.17, p.941-950, 1992.

## O trabalhador é um homem que quer mais

Com certeza a transgressão e a máscara não são brechas exclusivas de auto-preservação. Como já foi visto anteriormente, o trabalhador não se conforma, se indigna, não desiste, sai a “cavar” novos espaços, investe em novos projetos e perspectivas profissionais. Ele quer mais, quer melhorar o que já faz e quer fazer coisas diferentes: quer explorar seus potenciais. A BRECHA DO DESEJO e a caminhada que dela se origina é uma das mais enfáticas. É dito que vontade e desejo não são tangíveis, todavia estes se denunciam por trás das cotidianas insistências do trabalhador em “ser com sentido” e “fazer com sentido”.

*“...mas também não dá para você ir contra você mesma. Não é só isso. A profissão nasceu de uma necessidade muito grande, digamos assim, das pessoas [...] mas dá indignação essa situação de ser só isso que a gente precisou. Pô, vou ficar a vida inteira fazendo isso com a população?” (Ônfale)*

*“Que é o único hospital que eu trabalharia como enfermeira, desde a faculdade. Porque aqui tu tens, por pequena que seja, essa brecha de fazer no teu período o que tu acha que deves fazer. Então isso te dá uma satisfação maior de trabalhar, é isto, tu tens autonomia. É, não é só limite. Não. Também tem espaços.” (Electra)*

Em algumas ocasiões este desejo de mudança se focaliza sobre as atividades que normalmente desempenha e que acenam para o trabalhador com a possibilidade de manifestação criativa, satisfação e ou prazer. Outras vezes estas mesmas pulsões se dirigem para a busca de novas atividades ou projetos que mudam a rotina ou o papel comum do profissional e que, talvez por isso mesmo, motivam, criam expectativas e são reconhecidas como um espaço atraente a ser conquistado.

*“...até me ofereci para fazer. Porque eu tinha experiência nesse tipo de levantamento e, segundo, porque era uma fresta realmente para eu sair e fazer uma coisa super importante para o trabalho, uma coisa bem diferente... se relacionar e conhecer colegas que eu não conhecia [...] tem muita coisa a ser feita lá fora, então, se você tiver interesse, se tiver a motivação você consegue. É essa saída... para outras atividades que não é só aquela coisa de boca.” (Ônfale)*

*“... na medida que a gente consegue organizar melhor o atendimento, diminuir o número de pacientes que atende... pode dedicar mais a cada um deles. No momento que tu estás dedicando mais, tu consegues expressar um pouco, né?” (Marte)*

*“Uma vez eu tinha quatro pacientes diabéticos no mesmo quarto. Aí comecei a dar umas aulinhas para eles. Não sei se me dei super bem com aquilo, tipo assim fazer perguntas e tal. Não é rotina, mas tive a idéia.” (Egina)*

*“Dentro do consultório ou em qualquer lugar que me relaciono com as pessoas, onde passo estou sempre atendendo alguém. Ali ninguém pode mudar meu jeito. Podem até não gostar, não aprovar, e daí? Isso pra mim é que tem valor, aproveitar todas as chances de contato.” (Mercúrio)*

Mas se esse trabalhador quer mais e não se conforma com o estreita margem do estabelecido e esperado, ele logo aprende também a manejar com temperança duas grandes habilidades: a astúcia e a sensatez.

### **O trabalhador é um homem que usa astúcia e sensatez**

O trabalhador de saúde aprendeu a reconhecer seus limites, as inibições do trabalho sobre si, seus potenciais e os pontos de flexibilidade e fragilidade do sistema de opressão. Muitas vezes acaba descobrindo quando recuar, quando insistir, quando e como agir e se expor, quando e como se poupar: isto é sensatez.

Mas para conseguir pequenos ganhos, pequenos respiradouros de liberdade inventiva, passa a empunhar estratégias variadas, aprende as regras do jogo, evita certos riscos inúteis e reações frontais, mina as forças do adversário, age cautelosa e arditosamente de modo a manter um espaço mínimo para se movimentar do seu jeito: isto é astúcia.

Ao nível do discurso esta “astuciosa sensatez” se mostra mais em termos de aceitação do possível, do esforço por uma prática equilibrada e dialógica.

*“... desde que eu estou na enfermagem eu aprendi que a área da saúde, principalmente hospital, é assim. Você vive só de rotinas, né? Então a gente acostuma com isso. Ajuda, até organiza as coisas...” (Tétis)*

*“... através do diálogo, principalmente, tu mostra, tu tentas, tu buscas o teu espaço; até pelo fato deles sentirem em ti não só aquele profissional, mas a pessoa.”  
(Esfinge)*

*“Respeitar... cada um tem uma forma de agir. Que eu nunca fui assim de chegar e questionar, simplesmente por colocar o meu lado, né? É dar o valor para essa pessoa.” (Édipo)*

É observando o trabalho, o movimento, a comunicação destes sujeitos que se percebe que esta astuciosa sensatez é muito mais presente do que se possa imaginar; está embrenhada em muitas ações e relacionamentos, tanto em forma quanto em conteúdo.

A escolha de fazer de um jeito ou de outro, agora ou mais tarde; a escolha da palavra certa, do tom de voz, do toque físico; até o passo lento ou rápido, o pedido de ajuda ou a queixa lamuriosa estão envolvidas por esta propriedade de se equilibrar entre o sensato e o astuto.

O sensato vê a importância de encaminhar um pedido de exame e o astuto mostra o desvio para conseguir mais rápido. O sensato reconhece a negligência, má vontade ou sobrecarga de um profissional e o astuto sabe como cooptar, convencer, conquistar para a ação desejada.

O sensato descobre o que, porquê e quando algo deve ser feito, o astuto descobre qual é o modo mais fácil e econômico para si. Um constrói caminhos e o outro corta-os com desvios. Um inventa rotinas, o outro as burla. E na maioria das vezes ambos parecem se dar muito bem.

E porque existe o sensato e o astuto existe também a graça e o riso.

## **O trabalhador é um homem que ri**

Diante de tantas restrições e dores vemos que o trabalhador é um homem que sofre. Isto não é novidade. Mas este homem não é feito apenas desse material denso e rígido das normas, deveres e responsabilidades; da sobrecarga e precariedade; da eterna dor e morte. Ele também é feito do material leve e

poroso da graça e do sonho; da desenvoltura frente as próprias precariedades; do deboche de suas próprias cargas; da alegria que sempre encontra algo com que se encantar.

Se o trabalhador é feito destas duas matérias é claro que o espaço do riso também é um espaço de expressão de algo de si. Algo de si que, por não ter estatuto científico e nem ser exigência do trabalho formal e visível, passa a ocupar os espaços miúdos e invisíveis de todas as horas. A expressão pelo riso não é regida pela técnica, não tem área física delimitada, cronograma ou escala hierárquica. Ela é puntiforme, múltipla e volátil: entra e sai nas frestas de todos os tempos e terrenos.

Quem vivenciou um ambiente de trabalho em instituição de saúde já ouviu os cantores de sala de cirurgia, os humoristas de ambulatório, os animadores de enfermaria, os debochados de corredor. Em cada canto, da sala do cafezinho à reunião de diretoria; na hora da folga e na hora do corre-corre sempre há lugar para uma boa risada. Sempre haverá alguém atento para apontar o ridículo, o esdrúxulo, o sem jeito; alguém para quebrar a seriedade com um toque de leve brincadeira, música ou poesia. O vaso de flor no balcão, a figura colorida na parede, o poema entre escalas e tabelas do mural, o radinho de pilha no posto de enfermagem, até o brinco, a caneta enfeitada: tudo revela um desejo de beleza, alegria e inspiração. O riso não é apenas o riso da risada. É o riso do sorriso, dos pés dançarinos, do gingado do corpo, de toda manifestação de descontração, leveza e alegria. O riso sabe ser, também, cínico e mordaz no escárnio, no deboche, no olhar e língua ferina. O riso expõe, escracha e também suaviza e amacia. Mesmo quando todas as outras possibilidades de expressão estética se tornam difíceis e o fazer se torna pesado, o espaço do riso nunca pode ser totalmente abolido ou aprisionado. Incontido ele estravada por todos os poros do instituído.

*“E até quando eu estou brincando com o paciente... Aí fui entrar no quarto dele. Ele levantava a mão assim, igual cumprimento de surfista. Eu achava engraçado...”*  
(Egina)

*“...falo de mim, da vida, aconselho, brinco, procuro mostrar como é bom viver, como é bom as coisas funcionarem, tanta coisa bonita, até o cocô caindo no vaso e o ânus fechando direitinho... é só limpar e pronto... já pensou uma colostomia? Às vezes as pessoas precisam te ouvir falar do que está bem na vida [...] Penso numa medicina que levasse o paciente a pensar na palavra AMOR, por exemplo.” (Mercúrio)*

Embora se queira evidenciar as brechas de auto-expressão dentro do trabalho, não se pode esquecer que quando a pressão atinge níveis insuportáveis ela precisa extravasar para atingir um ponto de equilíbrio. O trabalhador também lembra de momentos que só deseja esquecer o trabalho, pensar em si mesmo, na vida; ou nem pensar, apenas viver algo prazeroso. É a válvula de escape que dá vazão à pulsões não realizadas no trabalho diário, mas que necessitam ser liberadas, destrancadas. É o tempo do lazer e do relaxamento que é apontado pelo trabalhador como um tempo “quase” de trabalho; uma continuação, um “feed-back”, pois é onde faz o que não pode fazer no trabalho e onde recupera energia para o trabalho. De algum modo permanece uma certa referência ao trabalho. Sem negar qualquer noção de alienação e fuga no lazer e na “vadiagem”, se interpõe uma imagem de “desalienação” pelo lazer, no sentido de um resgate do sentimento de integridade, de algo que o sujeito é e que parece perdido no tempo do trabalho. Como no dizer de Catão<sup>93</sup> “Nunca ele está tão ativo do que quando nada faz, nunca está menos só que quando a sós consigo mesmo.”

*“Se confunde a pessoa com o profissional. Então eu vou surfar e voar e fazer o meu esporte; qualquer esporte, que eu digo que é um tempo para mim. Eu acho que é a forma da pessoa estar sozinha, pensando ou não pensando. É saída, é reequilíbrio. Isso ou tu vai dormir... eu não gosto de discutir se eu devo ou não, eu tenho certeza que é da minha sobrevivência.” (Mercúrio)*

*“Ficar de pernas para o ar... precisa e é bom. Ler o que tem vontade, ver filme de terror...” (Níobe)*

*“Viajar por aí, arrumar as malas e deixar tudo para trás...” ((Esfinge)*

---

<sup>93</sup> Citado por ARENDT, Hannah. **La condición humana**. Barcelona: Paidós, 1993.

## ***Instrumento e mediação***

Na relação estética humana e fundamental que se processa entre o homem e sua obra, entre o trabalhador e o processo mesmo de seu fazer prático, participam não apenas o trabalhador particular, mas o trabalhador coletivo que tenta se objetivar em mãos visíveis e, ainda, uma outra subjetividade que, concretamente presente ou não, representa o consumidor daquela obra. Mas entre eles emerge a mediação inevitável do meio, do instrumento que possibilita a execução do trabalho. A primeira imaginação sobre o trabalho e sobre o objeto deste já demanda um saber tecnológico que irá dirigir todo o processo de trabalho. Além deste olhar revestido de saber e tecnologia as próprias mãos também irão suprir suas defasagens através de aparatos manipuláveis.

O trabalhador é um homem munido de instrumentos. Munido de um saber crescentemente operacionalizável, na medida em que este saber deixa de cumprir o papel de ser meio de desenvolvimento humano daquele que dele se apropria, para ser apenas meio de uma fim externo e, às vezes, até, alheio a este trabalhador. Mentes e corpos tornados mais operacionais e eficientes; supridos, igualados e ainda ritmados pela técnica? Seriam estes os efeitos perversos de uma tecnologia pensada para libertar o homem da tirania do trabalho? Ou de uma tecnologia que toma do trabalho a possibilidade de expressão livre e criadora? Talvez, nem uma coisa nem outra, nem tirania nem libertação; ao menos não ainda, no momento atual. Mas também não se pode desprezar a fantasia do que a tecnologia pode se tornar na vida humana, todo seu potencial e toda sua desgraça; seu potencial para servir ao homem ou, pelo contrário, se autonomizar de seu criador.

Pode-se utilizar a expressão de Guattari<sup>94</sup>, ao falar da relação entre máquina e subjetividade (“heterogênese maquínica”) para se considerar os atributos “alopoiéticos” e “autopoiéticos” da tecnologia. Isto quer dizer que a tecnologia não apenas produz mais tecnologia pela constante substituição de

---

<sup>94</sup> GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

seus componentes, definição de novas organizações e limites numa linha de “prolongamentos virtuais indefinidos” (autopoiese), como também produz algo diferente dela mesma, que se engendra para além da “máquina técnica” e como uma “essência maquínica” se encarna no meio social e cognitivo, se tornando a “máquina subjetiva” que atravessa o corpo, o grupo social, a ciência, a teoria (alopoiese). Dito de outro modo, é incontestável a participação das transformações tecnológicas na produção da subjetividade do homem atual. O homem aspira à modernidade científica e tecnológica ao mesmo tempo que se apega a certas arcaicas tradições culturais<sup>95</sup>; o homem cria um mundo tecnológico (informacional, globalizante) e esse mundo mostra-se capaz de criar subjetividades; criar tão numerosos e diversos componentes e estímulos subjetivos que mergulham o homem num “caos sensível e significacional”, que atenta contra seu relativo sentimento de unicidade e identidade.

Daí esta pesquisa, que se volta para o trabalho enquanto possibilidade de expressão subjetiva do homem e enquanto componente do processo de criação de subjetividade, não poder esquecer o papel da tecnologia nessa criação. O trabalho em saúde produz, também, diferentes “inputs” subjetivos que serão digeridos, assimilados pelo trabalhador, que retornarão ou serão devolvidos a este universo significacional (outputs) no momento em que este homem se manifesta em sua ação: o homem se põe (sai de si sem sair de si) no mundo e em suas obras, se alimenta subjetivamente de tudo que se oferece para si, posto por si e por outros e “retorna” (para si) modificado e enriquecido. Isto tudo quando

---

<sup>95</sup> Estes dois fatores compõem, para Guattari (op.cit., p.15), o **coquetel subjetivo contemporâneo**, que aponta para a necessidade de uma concepção mais transversalista da subjetividade, abandonando a atitude realista e os paradigmas cientificistas para se aproximar “do caráter artificial criacionista da produção da subjetividade” através de um **paradigma ético-estético**. Subjetividade “é o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como **território existencial auto referencial**, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva... cada indivíduo, cada grupo social veicula seu próprio sistema de modelização da subjetividade, quer dizer, uma **cartografia** feita de demarcações cognitivas, mas também míticas, rituais, sintomatológicas, a partir da qual ele se posiciona em relação aos seus afetos, suas angústias e tenta gerir suas inibições e suas pulsões.” (*ibidem*, p.19-21). Aí reside a grande crítica de Guattari, não propriamente aos instrumentos de cartografia das ciências humanas e sociais, mas a pretensão globalizante destes instrumentos. Contra isso propõe a visão de parcialidade destes instrumentos e a interação das múltiplas cartografias num **método cartográfico multicomponencial** que abarque toda a “armadura existencial da situação subjetiva” e, desta forma, possibilite “uma reapropriação, uma autopoiese, dos meios de produção da subjetividade... a **co-gestão da produção da subjetividade**”. (*ibidem*, p.23-24).

encontra e é capaz de elaborar espaços de expressão (enunciação) e re-singularização, assim recompondo uma corporeidade existencial.<sup>96</sup>

A tecnologia (saberes, técnicas e seus derivados subjetivos) é realização humana e tem o mais humano dos significados, que é o de responder as suas carências e incompletudes. Objetivada em técnicas e instrumentos de trabalho quer livrar o homem do peso abusivo do esforço desnecessário, da ameaça, do risco, do erro, do desgaste, enfim, da retalhação física, mental e espiritual do trabalhador no trabalho. Quer libertar o homem do trabalho mecânico, árduo e sem sentido, para um “trabalho” enunciador de sua inventividade e dignidade.

Mas, no reverso ou desvio dessa tecnologia se interpõe uma face obscura. Assim como o capital, no capitalismo feroz e massificado, toma do homem o lugar de sujeito do desenvolvimento histórico social para ele próprio ser “sujeito”, a tecnologia toma do homem o seu lugar de fim último do trabalho, relegando ao trabalhador a posição de simples meio para a objetivação deste saber tecnológico. Consuma-se, então, a grande distorção do trabalho: o fim último passa ser o desenvolvimento e a operacionalização da tecnologia, a execução da técnica.

O feitiço se voltando contra o feiticeiro? Sem dúvida, afirmar isso seria uma simplificação panfletária. Mas seria ingênuo supor que a apropriação tecnológica pelo trabalhador estaria se dando de modo consciente, equilibrado e apenas em seu sentido positivo. Ao contrário, tal apropriação parece se sustentar apenas na medida da qualificação necessária.

No caso dos trabalhadores da saúde envolvidos nesta pesquisa pode-se discutir dois pontos cruciais desta questão:

---

<sup>96</sup> Essa recomposição de uma corporeidade existencial é entendida por Guattari não apenas como uma remodelagem de subjetividade no confronto com novas matérias de expressão, mas a constituição de complexos de subjetivação que permitem sair dos impasses repetitivos, criar relações autênticas com o outro e consigo mesmo, num processo de autonomização, re-singularização (daí as expressões *autopoiese* ou *co-gestão da subjetividade*). “Criam-se novas modalidades de subjetivação do mesmo modo que um artista plástico cria novas formas a partir da palheta de que dispõe.” (*ibidem*, p.17)

- Qual é o significado dado pelos trabalhadores à tecnologia: como a vêem e que papel eles lhe atribuem à nível do discurso?
- O que se observa da relação do trabalhador com seus meios, seus instrumentos tecnológicos?

Intencionalmente os entrevistados não foram esclarecidos sobre o entendimento mais amplo de tecnologia enquanto objetivação humana que abrange um conjunto de conhecimentos, que define modelos, inventa estruturas, procedimentos e instrumentos, enfim, subsidiando práticas sociais variadas. Tendo o propósito de captar o entendimento inicial sobre o termo “tecnologia”, não causou espanto a limitação deste conceito ao sentido representado pelo equipamento, recurso material, inovação técnica desenvolvida pela ciência frente às demandas daquele trabalho ou realidade específica.

Deste modo, uma redução drástica pareceu se processar: a tecnologia é ignorada enquanto conhecimento pertinente ao fazer do trabalhador; conhecimento responsável por sua formação profissional e estabelecido em estruturas, instituições, serviços, programas e pautas de condutas. O saber não é “objetivado”, mas sim “objetificado”, tornado objeto manipulável, ficando a tecnologia restrita a esta única dimensão.

A tecnologia sendo assim limitada e amputada do restante do saber que define as margens de atuação do trabalhador de saúde, pode gerar uma falsa imagem de autonomia deste trabalhador em relação a este referencial tecnológico. Então, pode-se ter, em relação a ela, uma posição de afastamento ou estranhamento, tanto porque esta se tornou invisível, quanto porque se tornou dúbia e, até, intimidante e anunciadora de riscos.

Quanto a tecnologia, os entrevistados referiram sua inexistência, seu valor, sua distância do trabalhador e sua dúbia face.

Foram trabalhadores de nível médio e dos serviços básicos de saúde que denunciaram a ausência de tecnologia no seu fazer cotidiano:

*“Acho que não facilita em nada... Facilita em nada porque não tem como facilitar, a gente tem que fazer do jeito da gente. Tem que se virar com o que tem, e fazer com o que tem [...] então o trabalho fica meio sozinho.” (Têmis)*

*Acho que nem chegou lá ainda. isso aí eu nem sinto. Acho que não está tendo influência nenhuma [...] porque não pode ficar esperando a tal de tecnologia.” (Tália)*

Já os trabalhadores ligados a setores ou especialidades de maior complexidade técnica, como terapia intensiva, cirurgia ou hemodiálise, foram os que mais reconheceram a importância da tecnologia no trabalho:

*“Na área em que eu atuo, eu preciso dela diariamente. Quanto mais avançada for a tecnologia, mais seguro eu estou para trabalhar.[...] Porque eu dependo de equipamento de última geração para poder tratar adequadamente os pacientes.” (Minos)*

*“Está facilitando do ponto de vista de meios de diagnóstico e inclusive técnico, né.[...] Porque você analisa, em poucos anos, quanta coisa nova surgiu para facilitar... Porque tu estás falando com um cirurgião que está num meio que dispõe disso. E eu faço medicina terciária.[...] Quem está na primária ai é... a coisa acontece mais devagar em termos de tecnologia.” (Menelau)*

*“É importantíssimo. Aqui mais do que tudo, né. [...] as máquinas daqui são do primeiro mundo.[...] A tecnologia é super importante. Ela está, até acima do potencial do ser humano.” (Édipo)*

Mas esses trabalhadores relativizam os efeitos da tecnologia em suas atividades, ou por questionarem algumas de suas conseqüências e modos de uso, ou por perceberem-na ainda muito distante de suas práticas.

*“Bom, a tecnologia a gente não usa muito assim, né.[...] Você não vê muita diferença... quase não tem tanta tecnologia. Ela esta espalhada em todo o hospital.” (Tétis)*

*“Acho que ajuda, apesar da gente não ter ainda uma tecnologia totalmente pronta. [...] Facilita para o paciente e para ti também. Além de tu veres um diagnóstico mais certo [...] fica mais fácil para ti dar andamento no teu serviço, mas mexer diretamente com a tecnologia não se mexe, porque o cuidado com o paciente tem que ser direto, tem que ser com tuas próprias mãos.” (Esfinge)*

*“Acho que é importante, não sei. Ali no HU, eu acho que tecnologia mesmo não tem, a gente está num serviço manual ainda. Bem básico, eu acho. Não mudou nada desde a época que eu... a não ser o telefone. [...] Então, é claro que facilita, só que é muito complicado.” (Egina)*

*“Nós estamos assim, muito atrasados. [...] todo o hospital...muito parado, né. Não evolui ainda, até por falta de recursos. [...] Não tem ajudado por não ter. É a falta de tecnologia, não que ela não tenha espaço. O espaço tá vazio, esperando que ela venha.” (Afrodite)*

A visão do aparato tecnológico como um elemento que impõe mudanças no agir profissional - mudanças que nem sempre implicam em benefícios ou avanços, mas alertam para a perda de certos valores fundadores dessas práticas e para a própria desumanização no trabalho - tornam os trabalhadores mais reticentes e cautelosos quanto a implantação de novos recursos tecnológicos; principalmente quando toma-se estes recursos como complementares e secundários a uma infinidade de necessidades elementares ainda não respondidas.

*“Eu acho que a tecnologia é ótima, tá muito bom mesmo. Só que eu penso que antes da tecnologia a gente devia ter papel higiênico no banheiro há um tempão.” (Eurídice)*

*“Existem coisas que a tecnologia podia ajudar muito... revolucionar.[...] outras coisas servem para exploração.[...] tem que repensar o que a gente faz com a tecnologia só porque é novo. Porque necessariamente não significa que é melhor.[...] tem que usar a tecnologia de uma maneira que você tenha o controle e os pés no chão...” (Ônfale)*

*“...eu acho a tecnologia importante na saúde, só que eu acho que tem muitos exageros também.[...] estão esquecendo de conversar, de ouvir, de examinar, de tocar a pessoa e já partem direto para a tecnologia. Pedem os exames mais elaborados [...] poderia ter feito o mesmo diagnóstico através de um exame e de uma conversa.” (Marte)*

*“Eu acho que tem algumas coisas que te auxiliam na verdadeira gravidade e tem outras que te afastam um pouco mais do paciente. Eu temo um pouco isso.” (Electra)*

*“Onde há um rigor técnico a questão de toda a tecnologia é mais rigorosa e mais forte... trabalhar aqui dentro se torna mais técnico. Acho que as pessoas pensam menos, são mais executores de trabalho.[...] O intercâmbio, a conversa, o contato com outras pessoas é menor.[...] Aqui se torna mais limitante. A minha preocupação é evitar que isto aconteça.” (Édipo)*

A tecnologia não é vista como inerente a todo o cuidado à saúde, mas como elemento circunscrito, circunstancial e materialmente identificável.

Uma consciência parcial de sua dimensão mais objetiva coexiste com uma quase inconsciência de sua dimensão mais subjetiva e pregnante em toda a estruturação e formalização dos serviços de saúde, não só a nível de seus executores, mas de todo o conjunto de referências dos grupos e vida social. É a visão divulgada pela mídia do que é tecnologia, de seu potencial inovador e das ameaças de desumanização num mundo dominado pela técnica, que vem à tona no imaginário desses sujeitos e é reforçada pelas contradições vivenciadas por eles nas situações de trabalho.

Na verdade, extrapolando o discurso e atendo-se a uma percepção mais pessoal do que é veiculado neste trabalho em termos da relação do trabalhador com seus meios, todas estas considerações não se contradizem, mas ressaltam-se algumas diferenças. O trabalhador confirma no gesto, na expressão, nas relações de trabalho tudo o que diz sobre a tecnologia. Ele demonstra, sim, um entendimento de tecnologia restrito à sua qualidade material e técnica. Isto é evidente quando faz uso do que dispõe, reclama o que falta, procura dar a melhor destinação possível ao recurso instrumental: estabelece uma atitude de utilização racional de meios. Mas o que transparece a quem observa é a utilização racional de si mesmo para dar conta do que o modelo tecnológico veicula. O tempo de relação com o "paciente" se perde em meio ao tempo dispendido para tornar aquele momento melhor aproveitado, mais eficiente, mais produtivo. O médico consegue, após alguns minutos de visita, deixar estabelecido um rol de procedimentos e orientações que irão entrar na vida do paciente bem mais do que por alguns minutos; tomarão seu dia e como este dia será regrado; tomarão seu corpo e a responsabilidade e capacidade de cuidar de si e decidir por si, e só não tomarão suas emoções porque estas serão desprezadas, quase sempre, sob o pretexto de que fogem do rígido e cientificamente justificado território de controle e poder terapêutico. Mas, com certeza, será no campo da emoção e do imaginário onde serão plantados os germes das conseqüências deste processo terapêutico

na vida do sujeito. E o restante do tempo de trabalho do profissional será gasto nas mesas e corredores, no preenchimento de solicitações, atestados, relatórios e nas conversas que irão garantir os meios para que tudo seja devidamente efetivado e realizado com o “paciente”, para que a organização e o sistema continue operando.

A maioria destes profissionais se especializa em um determinado sistema orgânico, com equivalente conjunto de quadros nosológicos ou patologias e certas pautas de condutas e procedimentos mais ou menos rigorosos em termos de técnicas e habilidades de manipulação dos corpos e instrumentos de acesso e intervenção sobre os mesmos. E tudo isso graças a dominância de um determinado modelo tecnológico, por muitos apreendido como inquestionável e natural. Embora possa parecer demasiadamente exposto, isto não deixa de ser verdade, principalmente no trabalho hospitalar. Já na unidade básica de saúde observada, embora persista a sobrecarga de procedimentos burocráticos, de registro e controle do próprio fazer médico, a maior parte do tempo deste profissional é gasta no contato e atendimento da clientela.

É justamente no momento de execução de algum procedimento técnico como a medicação, o curativo, a coleta de exame, que é consumido o maior tempo junto ao paciente e, neste caso, é o trabalhador de nível médio que divide seu tempo entre a execução do cuidado e o preparo e organização para que este cuidado se realize. Percebe-se uma relação de intimidade com seus instrumentos de trabalho e com toda a forma rotinizada das ações e ordenação do próprio ambiente de trabalho. Talvez se esses trabalhadores fossem questionados quanto a todo esse saber operacionalizado no seu fazer cotidiano não tivessem demonstrado a estranheza que revelaram quando usada a expressão “tecnologia”. O sentimento de “propriedade” dos instrumentos de trabalho e o compartilhamento desta “propriedade” entre diversos trabalhadores confirma uma certa autoridade técnica que, se não é real à nível do planejamento e controle da assistência prestada, demonstra-se efetivamente no restrito domínio do “seu

espaço” no conjunto do trabalho; o espaço do procedimento técnico, do instrumental e da própria vigilância sobre o paciente.

Já o trabalho dos enfermeiros mostra um conflito entre um desejo e discurso de maior proximidade com o paciente, de relacionamentos humanos menos contagiados pela técnica e mais significativos em termos psicoemocionais e um trabalho efetivo voltado, na maior parte, para consolidação dos meios. O modelo tecnológico que privilegia a atual assistência à saúde nos moldes do paradigma biologicista, curativista e especializado da ciência cartesiana, determina ao enfermeiro o papel de grande facilitador de toda a engrenagem de diagnóstico, tratamento e controle da doença, liderado pelo médico. Por demais ocupado em tornar possível e eficiente o trabalho do outro, para ele confluem todas as necessidades de suprimento material e pessoal, de comunicação entre os diversos serviços do sistema e até do controle do tempo do paciente e de trabalhadores de sua equipe de trabalho. Consome sua capacidade inventiva em rotinizações, normatizações, novas formas de controle de material e pessoal, adaptações às carências, desvios das dificuldades e na elaboração de metodologias que venham a atender seus anseios de trabalho. É um grande inventor e executor de métodos e, como ninguém, tem seu trabalho sobremaneira tomado pelos ditames tecnológicos. Entre as atribuições burocráticas e gerenciais e aquelas definidas para si como específicas, como a evolução, prescrição e consulta de enfermagem, estabelece seu domínio de ação e exercita um saber que, mesmo ampliando-se em seus fundamentos teóricos, não supera a estreiteza e o sufocamento dos potenciais de enunciação autônoma e criadora ao nível da prática, já que esta não consegue escapar do cumprimento do modelo, da técnica, da metodologia estabelecida.

***Corpos em expressão: a profunda superficialidade do estilo***

Ao olhar os trabalhadores da saúde em seu cotidiano agir, parece surgir dos gestos, falas e movimentos uma grande coreografia. Vários personagens assumem tipos mais ou menos característicos de movimentos, ao mesmo tempo em que se relacionam entre si, como numa tentativa de combinação e harmonia. Mas o ritmo de fundo, que a todos rege, se mistura à marcações e sons próprios de cada um, produzindo uma dinâmica de harmonia e desarmonia, cumplicidade e estranhamento.

Neste palco, há alguns personagens que nunca saem de cena. Com seus incessantes movimentos, ora lentos e ora rápidos, nunca deixam de emitir seus sons e falas. Movem pernas, braços, mãos, cabeça, às vezes a um só tempo, e, quando parecem silenciar assumem posição de atenta escuta e vigília. Embora raramente se lancem em passos novos e arrojados, mantêm todos os cantos do palco tomados por sua presença. Movimentam-se assim, constante e visivelmente, de modo a se confundirem com o cenário e a ele dando um ar de ordenada mobilidade, embalada por seu canto ritmado. Na grande coreografia do trabalho em saúde estes personagens são chamados de “enfermeiros”.

Novos “tipos” surgem em saltos, acrobacias e aparições de destaque, provocando uma onda de reações no palco e nos outros personagens, que parecem retribuir este movimento com uma formação de gestos, entre o espontâneo e o disciplinadamente aprendido e treinado. Depois percebe-se que mesmo estas apresentações mais “estrondosas” são repetitivas e pouco originais, como num eterno ciclo que ao ser acionado por um dispositivo desencadeia uma série de performances marcadas passo a passo e que não se diferenciam da rotineira coreografia.

Seguindo esses personagens sempre há outros que lhe imitam os gestos e saltitam com menor desenvoltura tentando não errar a seqüência e ritmo demonstrado. Percebe-se o corpo pouco acostumado, uns mais e outros menos, aquele exercício. Perdem-se, às vezes, no palco tumultuado, e sozinhos ou

guiados, retomam seu papel na dança. São os médicos e seus aprendizes a desempenharem seus papéis.

Outros personagens nunca param de percorrer o palco em passos discretos, idas e vindas em pés ágeis e mãos buliçosas. Por momentos param e exercitam vozes em coro, quando rapidamente se dissipam, atraídos pelo canto marcador do primeiro personagem ou pela entrada de diferentes figuras a lhe tomarem a atenção com composições gestuais. Seguindo o “script” estão os técnicos, auxiliares e atendentes de enfermagem.

Há ainda um outro tipo de figura que transita fora da notação da música, como que alheia à coreografia, mas que por alguns instantes penetram no interior de algum círculo de personagens ou com um deles ensaia uma seqüência de falas e movimentos articulados e sincrônicos, para logo depois sair de cena em seu peculiar andar. São outros membros da equipe de saúde, com seus postos fora do palco focalizado, a desenvolverem suas performances.

Por certo não são os únicos em cena, muitas outras pessoas são convidadas, ou mesmo sem convite participam, às vezes só lhes sendo dado o papel de figurante ou pequenas atuações, mesmo quando sobre eles se desenvolve toda a trama ou enredo.

Mas, esquecendo-se do olhar para cada personagem em particular, o que se vê ao olhar a coreografia toda?

É óbvio que esta alegoria traça um quadro simplista e, portanto, é conveniente retomá-lo. Entretanto, torna-se inegável alguns matizes apreendidos ao observar, alegoricamente ou não, o movimento dos corpos nesta estética composta nas micro manifestações deste trabalho. O que primeiro se vislumbra é uma economia do gesto e fala, como se já sabendo o ritmo e passo do outro e o seu próprio, já não precisassem ouvir toda a música e ao primeiro acorde ou marcação sabem que seqüência iniciar; ao menor gesto do outro lhe entende o movimento todo e a ele responde de forma tão ou mais econômica de expressão. Até mesmo a linguagem ganha uma nova regra, a regra da palavra não pronunciada, suposta, abreviada; das frases cortadas; do diálogo inaudível. Um

ouvinte estranho pode não entender tal comunicação, mas ela existe, impregnando sutilmente as relações de trabalho. Uma comunicação que se faz com poucas palavras, a rotina fazendo com que cada um saiba o que o outro faz, porque faz, o que está ou irá dizer, o que está querendo ou precisando... assim, a resposta pode vir antecipada, a reação não precisa esperar o estímulo terminar. Economia de expressão? Automação e rotinização? Ausência de inteireza? Simples sincronia?

Sem dúvida, uma coreografia onde, por instantes, surge a dúvida se haverá mesmo “alguém” atrás das máscaras e dos papéis, ou se tudo não passa de corpos animados por um mesmo espírito, o espírito do espetáculo do trabalho.

Talvez, olhando mais atentamente possa-se perceber no gesto quase imperceptível, no olhar, no timbre da voz aquele “algo” original, a denúncia de uma presença.

Sem dúvida coreografia bem ensaiada, disfarçando as deficiências de criação. Como se, para se preservarem às limitações do roteiro e para manterem uma identidade, tivessem que cada vez mais se apegar ao script, à ritualização de cada movimento e até à mecanização de muitas performances; até poderem se eximir, economizarem a si mesmo, nas coisas que lhe são opressoras: é a ausência de si no momento em que se mostra. Se não se mostra inteiro? Isto nem ao mesmo é exigido. Porque não poupar esta expressão “desnecessária”, se a coreografia do trabalho lhe exige apenas o econômico rol das mesmas falas, passos e sinais.

Uma economia do gesto e do movimento, uma economia de si, ou seja, uma forma de reger e dar proporção ao que de si se manifesta no movimento do corpo que trabalha. Um sentido, do trabalho para si ou de si no trabalho, que é produzido e distribuído, através desta economia ou coreografia econômica, nos diversos tipos de gestos e falas nas ações e relações desse trabalho.

Ao admirarmos um espetáculo de dança, captamos de forma particular o sentimento ou sentido que anima cada movimento, dando-lhes uma significação humana que tem como fonte e meio de expressão o próprio corpo, mas que dele

parece ultrapassar, ao mesmo tempo que nele encontra seu mais rico conteúdo. Assim, também a coreografia dos corpos dos trabalhadores da saúde no espetáculo do trabalho revela seu conteúdo de humanidade, como também deixa antever um outro sentido, não menos humano, o dos papéis assumidos por esses corpos e o sentido das diferenças e semelhanças que assombram a inflexível marcação dos papéis.

As pessoas se assemelham, mas os papéis as diferenciam. Os papéis se assemelham, mas as pessoas os diferenciam. As pessoas com seu papéis assumem uma certa normatização da diferença, da dissimetria, ou uma exclusão da multiplicidade: das formas, dos sinais, das horas, das condutas, das respostas, dos sentimentos, da dor, do material e do imaterial. O tempo, os corpos e o próprio trabalho são regidos por uma ordem como que política, por uma disciplina.<sup>97</sup>

Mas os próprios disciplinados, executores e divulgadores da disciplina, são, em si mesmos, sua contrapartida de resistência e diferenciação. O igual se repete de modo diferente. O pessoal resiste e impregna o espaço da ordem, subverte-o. Mas a ordem já o assimila e o incorpora e até a subversão se ordena.

Os corpos ordenados e cuidados também alteram a ordem que lhes é imposta, muitas vezes de um modo sorrateiro, fragmentar e insidioso. Assim, depois de um tempo, as pessoas e as coisas, trabalhadores e espaço de trabalho, já mostram as marcas de todos os que por ali circulam ou circularam, como numa média, numa identidade média que se projeta para além das identidades concretas e coisas concretas, mas que se torna perceptível e contrastável com outras supra-identidades.

---

<sup>97</sup> Lembrando aqui de Foucault e algumas de suas reflexões sobre a disciplina e a sociedade disciplinar: "... a disciplina é um processo unitário pelo qual a força do corpo é com o mínimo ônus reduzida como força política e maximalizada como força útil." "... as disciplinas são o conjunto de minúsculas invenções técnicas que permitiram fazer crescer a extensão útil das multiplicidades fazendo diminuir os inconvenientes do poder que, justamente para torná-las úteis, deve regê-las." "... as disciplinas caracterizam, classificam, especializam; distribuem ao longo de uma escala, repartem em torno de uma norma, hierarquizam os indivíduos em relação uns aos outros, e, levando ao limite, desqualificam e invalidam." (FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

Será que as pessoas realizam essa ruptura, elas são a quebra ou ao contrário, são a norma? É a dificuldade de conviver com o múltiplo e diferente, com o caótico e surpreendente ou, ao contrário, a dificuldade de conviver com a repetição e a norma, que produz esta dinâmica que envolve as pessoas e as coisas?

A repetição disciplinada da coreografia, da dança dos papéis, da economia do corpo, é quebrada. Mas será que esta ruptura, da diferença que atravessa o igual, é capaz de trazer para “fora” o que está “dentro”, o que é novo? E o que está “dentro”? O sentido humano, o sentido de si nesse trabalho estaria além do movimento dos corpos, das relações sujeitadas aos papéis, ou este “além” não existiria e todo o sentido humano é o que aparência em si revela?

Uma profundidade que é pura aparência. Um sentido que não se oculta, mas é todo corpo e movimento. Um indizível que, impossibilitado de insurgir no discurso oficial, abre como recurso final o caminho do virtual, do movimento do sentido, em suspensão no real, eterna e ambígua aparência, aquém de qualquer categoria de juízo estético e moral. Uma estética do trabalho, deste modo, não prescinde do que é visível, não despreza a forma, enfim, crê que “a profundidade se esconde na superfície”.<sup>98</sup>

O sentido se mostra no estilo, no modo de aparecer do sujeito na obra, do modo de aparecer da humanidade no trabalho. Entendendo, assim, o estilo como

o modo específico de funcionamento da aparência, repousando sobre a elaboração de imagens e símbolos - vindos do registro geral da representação -,

---

<sup>98</sup> Várias interpretações foram dadas às palavras de Nietzsche acerca desta superficialidade por profundidade: “Ah! esses gregos, como sabiam viver! É preciso ser resoluto para ficar valentemente na superfície, se limitar ao drapeado, à epiderme, adorar a aparência e acreditar na forma, nos sons, nas palavras, em todo o Olimpo da aparência! Esses gregos eram superficiais... por profundidade!” Aqui, é preciso, como fez Bollon, diferenciar duas ordens de superficialidades. A primeira, direta e imediata, da ordem da constatação é dado primordial, primitivo de sentido, ingênuo e opaco à razão; nada mais do que registro insensível, para não dizer vazio, olhar ausente e sem intenção. Não é esta a superficialidade Nietzscheana. A superficialidade por profundidade de que fala Nietzsche, para Bollon, “é indireta e mediatizada, construída, artificial, essa superficialidade prova uma relação complexa, ambivalente, vivaz, com o mundo e sua possível essência. É como se nela houvesse permanentemente uma espécie de oscilação, de desdobramento, como se ela estivesse sempre solicitada por duas exigências, duas postulações opostas: uma para a explicação do mundo, a outra, para a recusa de qualquer explicação, e como se também ela tirasse desta contradição toda a sua qualidade, seu sabor e sua beleza.” (BOLLON, Patrice. *A moral da máscara*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. p.172.)

sempre aparece como um modo de expressão infinitamente mais sensível e sutil, maleável, porque permanentemente contraditório e para sempre inacabado, por isso poético e profético, do que a linguagem habitual, dominada pela lógica e seu sacrossanto princípio de não-contradição.<sup>99</sup>

Segundo a perspectiva de Bollon, o estilo faz da sociedade (leia-se trabalho) uma espécie de esboço, croquis emocional, onde se mesclam, na maior confusão, seus mais secretos sonhos e seus receios mais inconfessos, as tradições mais retrógradas bem como as antecipações mais ousadas; tudo isso sem separá-los nem ao menos articulá-los, pelo contrário, fundindo-os numa única imagem abrangente. Sempre sintoma de um estado de transição, de passagem, sua matéria é fluída, fugaz, volátil, desaparecendo no momento de se revelar. Sua interpretação, altamente instável, chega a ser plural; porém, são justamente suas insuficiências como linguagem, seu caráter vago e quase inarticulado, próximo do grito, seu confusionismo e sua posição marginal, descentralizada, até seu estatuto deliberadamente “fútil”, aparentemente sem importância, - em suma, sua vulnerabilidade de conjunto, de natureza - que lhe permitem definitivamente desempenhar esse papel central de expressão. E porque não é “sério”, porque zomba de toda coerência e não desiste de fundar um “projeto”, que o estilo pode se encarregar assim dos desejos mais obscuros, mais perturbadores, mas também dos mais inovadores, da sociedade que o cerca.<sup>100</sup>

À ilusória pretensão da profundidade de tudo explicar e desvendar, extirpando o mistério e o nada para impor uma ordem e verdade inventada, contrapõe-se uma superficialidade, que não tem horror à aparência e ao vazio, mas que acolhe o mundo de forma desprendida da violenta vontade de romper a superfície e possuir o que sob ela se esconde.

Em Nietzsche, então, abre-se uma perspectiva estética radical, depois dele trabalhada por outros importantes autores: a de uma arte de viver ou de erigir uma vida em obra de arte. Para isso, seria necessário uma verdadeira estetização

---

<sup>99</sup> *Ibidem*, p.164.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p.164-165.

do mundo, uma superficialidade que se dá por opção consciente, - longe de uma superficialidade como a do senso comum - mas para uma profundidade que tem consciência de seu limites, consciência da precariedade da vã procura da essência, da fragilidade do ímpeto conquistador racional.

Assim, a recuperação de um conhecimento estético e poético é a subversiva decisão de dar um novo sentido à própria existência. Um movimento da consciência que não esvazia a profundidade ou despreza a razão, mas triunfa sobre o jugo de um racionalismo utilitário e sufocante. Um movimento subversivo e, poderia se dizer, dialético, de reinvenção do olhar criador sobre o mundo; olhar que descobre relevos, cores, magia, que descobre uma nova profundidade.

Como diz Nietzsche, “é preciso ser resoluto para ficar na superfície”. É desta corajosa resolução que uma nova profundidade nasce dialeticamente “banhada” na fluída e volátil superficialidade.

Real e irreal, vontade e imaginação, liberdade e necessidade, razão e emoção, utilidade e poesia, a grande subversão estética é combater a submissão do homem a um dos pólos destas relações, transformando a si mesmo em ferramenta de servidão. Contra à reprodução instrumental a criação estética, diz Savater. E para isso, o que Bachelard chama de “função do irreal”: a introdução de uma carga explosiva de possibilidade na fortaleza do necessário. “Há na imaginação uma vontade de ser mais, de ser de maneira mais intensa e diferente, de alcançar as formas até então excluídas ou vedadas: a imaginação é intrépida.”<sup>101</sup>

Voltemos agora aos corpos em expressão na profunda superficialidade de uma coreografia, de papéis encenados com o toque do estilo; estilo que dá o tom pessoal, o vestígio de cada autor na obra coletiva e em seu especial momento de atuação. Na visibilidade do gesto, da fala, do movimento, há uma profundidade travestida de superfície; a aparência de si e do fazer, a aparência do espetáculo não deseja guardar mistérios, pelo menos não mantê-los escondidos; deseja sim

---

<sup>101</sup> SAVATER, Fernando. *La tarefa del heroe - elementos para una etica tragica*. Madri: Taurus, 1986. p.257.

expô-los ao olhar... e não qualquer olhar, mas o olhar consciente das virtualidades do que se mostra, consciente da riqueza destes mistérios e de sua contraditória falta de pudor.

O trabalhador expõe-se misteriosamente e sem pudor, do mesmo modo que para si mesmo, quando constrói uma imagem de si e uma imagem em si: o papel e a coreografia do gesto não o esgotam como potência, como possibilidade de ser mais, mas deixa vaziar algo de si que não é totalmente contido pela tecnificação e rotinização do fazer.

O estilo, deste modo, seria a substância que reveste e impregna todas as brechas do ser e do fazer, todas as respostas e espaços de auto-expressão pelo que faz, sente ou é; pelas brechas da transgressão, da máscara, do desejo, da astúcia, da sensatez e do riso. O estilo lhe permite se colocar ativamente na trama do real da qual participa sua própria criação, e uma criação em especial, a de sua própria imagem e identidade de trabalhador.

## ÀS BORDAS DO TEMPO

**“O olhar atento se exerce no tempo: colhe, por isso, as mudanças que sofrem homens e coisas. Todos os seres, vistos uma só vez, em corte sincrónico, parecem mais simples, coesos e homogêneos do que o são quando contemplados no curso da sua própria história. Só a visão diacrônica revela o processo, tantas vezes conflituoso, que formou a aparência.”<sup>102</sup>**

### *O meu tempo e o tempo do mundo*

Os homens nascem, crescem, morrem. Os homens olham para sua existência neste espaço vivido e vêem como mudaram, como evoluíram enquanto espécie no conjunto de muitas espécies; vêem um certo ritmo universal dos dias, noites e séculos. Vêem-se no tempo. E se o tempo lhes é referência e identificação, será também, é claro, objeto do pensamento e da filosofia.

A ciência avança e a física quântica refaz as idéias sobre a relação tempo-espaço-matéria. A segurança humana de compreensão do tempo é breve, fugaz; muda com o tempo. Com o tempo se revela a efemeridade, a temporalidade dos saberes humanos. Movimento, sucessão e duração das coisas adquirem objetividade quando relacionados a um parâmetro temporal qualquer. É natural que o homem necessite construir tais parâmetros para projetar a si e as coisas no reino da concretude. E é natural que questione suas abstrações e o artifício criado para denominar o tempo. Sabe que o tempo não é absoluto: o campo gravitacional de uma matéria altera a dimensão temporal; existem “quanta” espaciais e temporais; a onda quântica determina uma organização espaço-temporal e a própria auto-organização da matéria. Enfim, a física quer saber o que pode existir além do espaço-tempo, tal qual uma possível “consciência” da qual a onda quântica seria portadora.

<sup>102</sup> BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto, et all. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.85.

Mas ao homem comum não cabe tais questionamentos sobre o tempo. Ele vive num tempo com caráter de absolutividade e universalidade, pois seu universo de experiência se faz no cruzamento de um tempo natural, biológico, imaginário e social<sup>103</sup> tão claro e certo, como visíveis são as marcas do tempo em seu corpo, sua cultura, seu lugar. Vive sob o domínio de um relógio que foi o instrumento social de estruturação dos corpos numa coexistência produtiva, num certo meio regido por leis naturais. O tempo do sono, da alimentação, do trabalho, dentro do tempo das horas, dias e noites, anos, num compasso artificialmente naturalizado.

Neste fluxo o homem faz-se no tempo e concebe-se numa ordem passado-presente-futuro, como estados do mundo objetivo. O tempo é, assim, a forma de ser da matéria. Toda matéria só o é num tempo; toda singularidade tem princípio de existência e fim.<sup>104</sup> Deste modo o homem comum pensa o tempo e vê o futuro como possibilidade e porvir; e assim vive o presente, como ato, realização, instante transitório que converte as coisas em existência real.

---

<sup>103</sup> Numa linguagem filosófica pode-se utilizar a categorização de Castoriadis, de tempo identitário, tempo imaginário e tempo do fazer social. O tempo identitário ou de demarcação é relativo à imposição de uma medida ao tempo; é tempo calendário com sua divisão numérica apoiada sobre fenômenos naturais espaciais (dia, mês lunar, estações) depois aprimoradas por uma elaboração lógico-científica. O tempo imaginário ou significativo é o que se refere ao imaginário social e que mantém com o tempo identitário a relação de inerência recíproca. Nele são estabelecidos os limites e a periodização do tempo histórico, uma certa qualificação deste tempo, enfim, é manifestação essencial da ordem do mundo tal como é instituída por uma sociedade. Já o tempo do fazer social é aquele instituído (ao mesmo tempo como identitário e imaginário) a fim de que o representar e fazer social seja possível, o tempo no e pelo qual esse fazer existe. Embora apoiado naturalmente ele é interiormente diferenciado, organizado, não homogêneo, inseparável do que nele se faz e deve preservar ou controlar a emergência da alteridade como possível (conter a possibilidade de inesperado, da ruptura, do irregular). “Assim, tudo se passa como se o tempo do fazer social, essencialmente irregular, acidentado, alterante, devesse sempre ser imaginariamente reabsorvido por uma denegação do tempo mediante o eterno retorno do mesmo, sua representação como puro desgaste ou corrupção, seu aplainamento na indiferença da diferença simplesmente quantitativa [...] como se o terreno onde a criatividade da sociedade manifesta-se da maneira mais tangível, o terreno onde ela faz, faz ser e se faz ser fazendo ser, devesse ser recoberto por uma criação imaginária arranjada para que a sociedade possa esconder dela própria o que ela é.” Como numa economia psíquica dos sujeitos enquanto indivíduos sociais, “obrigando-os a se inserirem, quer queiram quer não, no fluxo do tempo como instituído, a sociedade oferece ao mesmo tempo aos sujeitos os meios que lhes permitem defender-se, neutralizando-o, representando-o como correndo sempre nos mesmos rios, conduzindo sempre as mesmas formas, trazendo o que já foi e prefigurando o que vai ser.” (CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da sociedade**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p.250-251.)

<sup>104</sup> “... o ponto de partida é a interpretação da essência do tempo como forma de existência da matéria, forma que expressa o processo das transições recíprocas entre o ser e o não ser. O presente, o passado e o futuro não são estados do tempo como de certa coisa ou de um processo especial [...] Não é o próprio tempo que se move como um objetivo singular. As coisas se movem no tempo, passando pelo seu surgimento, variação e desaparecimento, por sua transformação noutra coisa, noutra estado, e isso é o que forma o curso do tempo, curso que constitui a expressão deste momento da matéria.” ASKIN, I. F. **O problema do tempo - sua interpretação filosófica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19\_\_, p. 98.

O tempo não é uma duração pura, atual ou que alguma vez teve existência. O tempo está relacionado com determinados estados do mundo material. Todos os objetos, ao plasmarem em si mesmos sua história, constituem, além do mais, um acúmulo de certo tempo. O tempo que flui para um fenômeno apresentado não desaparece, mas vai-se depositando no referido fenômeno. São conhecidos os anéis que todos os anos nascem nos troncos das árvores. Tudo no mundo - desde a molécula e a pedra até o ser vivo - tem seus anéis.<sup>105</sup>

Então, a duração e a sucessão das coisas, sua conservação e transformação, na mesma medida que determina aos nossos olhos o fluxo do tempo, expressa a diversidade das coisas; expressa a contraditória estabilidade e instabilidade do mundo. E o tempo ganha formas pessoais e singulares de manifestar sua suposta universalidade. O que se supõe abstração ganha materialidade e o que se supõe universal se particulariza na especificidade de sua manifestação e, muito mais ainda, na especificidade da percepção que cada homem tem deste tempo.

Chega-se assim ao ponto que se quer introduzir, além do interesse filosófico e da relatividade de qualquer posição teórica quanto a temporalidade: o da importância da percepção do tempo e da relação tempo e sujeito no trabalho em saúde. Tempo que é o fio tecido nas malhas do real e imaginário dos trabalhadores, que é componente da relação estética do trabalhador com suas experiências no trabalho e dos modos de responder ao desafio ético e estético deste trabalho. Trabalho que se faz no enfrentamento dos limites temporais da existência. Trabalho e trabalhadores que se fazem às bordas do tempo.

Às bordas de um tempo - não porque o trabalhador não esteja corporalmente embrenhado num tempo social com o poder simbólico de construir realidade - mas porque escorrega do núcleo deste sistema simbólico e ocupa suas bordas, onde, sem lhe ignorar, exercita um poder de simbolizar, também, seu tempo. Tempo produzido às bordas de um outro tempo. Este “poder simbólico” se refere ao poder estruturante, de construção da realidade, que

---

<sup>105</sup> BACHELARD, apud ASKIN (*ibidem*, p.101).

“sistemas simbólicos” possuem, como instrumentos de conhecimento e comunicação, segundo Bordieu<sup>106</sup>. Este poder estruturante tende a estabelecer uma ordem gnoseológica, como “um sentido imediato do mundo”, quer dizer, “uma concepção homogênea do tempo, do espaço,” entre outros, que torna possível um consenso, a participação num sistema simbólico que designa o sentido do mundo social e assegura sua reprodução. Assim, “os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social”<sup>107</sup>. Neste aspecto, cabe lembrar que relações de comunicação e conhecimento são sempre relações de poder, e que estas dependem, na forma e no conteúdo, do poder material e simbólico acumulado pelos agentes ou instituições envolvidas na relação. Esta chamada de Bordieu é importante para recolocar o espaço fronteiro que um tempo “interno”, destoante e volátil, ocupa “às bordas” do tempo imposto na ordem do trabalho e da vida social.

Uma das primeiras reflexões sobre o tema se refere exatamente a este aspecto subjetivo do tempo. O trabalhador tem sua existência biológica determinada por um tempo natural. Tem também sua vida social regida por um certo cronômetro a lhe ordenar os movimentos, entre os quais as ações de trabalho. Mas apesar disso, cada homem concebe diferentemente as horas que passam. De acordo com a intensidade e diversidade dos acontecimentos a motivar pulsões humanas num determinado momento, este será vivido numa percepção diferente da noção de tempo oficial. Uma hora onde ocorrem fatos especiais e com uma intensa demanda racional e emocional por parte do indivíduo, parecerá transcorrer muito mais rapidamente do que seus sessenta minutos e, no entanto, ficará na memória como uma vivência bem mais longa que este mesmo tempo. Já, experiências uniformes, pouco mobilizadoras das sensações, emoções ou atitudes práticas, terão seu transcorrer mais lento e pouco espaço ocuparão na memória. Dito de outro modo, a maneira como o sujeito se põe na situação vivida, como ser completo, ativo, racional e emocional,

---

<sup>106</sup> BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

<sup>107</sup> *Ibidem*, p.10.

irá determinar a percepção deste momento em termos temporais. A experiência do tempo e o registro em memória deste tempo, será único e diverso para cada indivíduo, apesar de um “relógio” comum a muitos. O “meu tempo”, o “tempo do outro” e o “tempo do mundo” coexistem, também no trabalho, e serão estes tempos e suas interações que irão dar “a cara das horas” para cada um. A percepção e resposta aos ritmos do cotidiano é mobilizadora e leva o trabalhador à adaptação de seu ritmo a um ritmo e tempo comum.<sup>108</sup>

### ***A qualidade das horas e o uso do tempo***

Durante as observações realizadas nos locais de trabalho em saúde, muitas percepções e reflexões foram registradas sobre a relação peculiar dos trabalhadores com uma ordenação temporal de suas atividades e com um modo bem pessoal de gerir seu tempo, de se movimentar nele e a ele emprestar matizes e qualidades diversos. Neste capítulo, em especial, esses relatos constituem quase a totalidade dos dados analisados, uma vez que este tema não foi incluído, de forma objetiva, nas entrevistas. O que faz apresentar, com maior ênfase, a perspectiva de quem observa e as imagens produzidas e mobilizadas por estas observações.

Deste modo, o pensamento se volta para o dia-a-dia. Na sequência, às vezes repetitiva, às vezes com “flashes” inesperados, que compõe os dias. Faz-se coisas o tempo todo, o tempo é tomado pelas coisas e existe por isso. O corpo parece se afligir se é posto quieto para apenas pensar... e o tempo passa devagar. Mas assim como em outros momentos da vida, há momentos em que o trabalho das mãos e do corpo (voz, fala, toque) é premente e outros em que a

---

<sup>108</sup> Isto pode ser relacionado a discussão que Francastel realiza sobre valores socio-psicológicos do espaço-tempo figurativo (retratado em imagens artísticas): “Em qualquer imagem, há convergência de lugares e tempos e há, além disso, a combinação de tempos representativos da experiência individual do artista e da experiência coletiva de um determinado meio.” FRANCASTEL, Pierre. **Imagem, visão e imaginação**. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p.140.

mente quer mergulhar numa tarefa ou pensamento e nela encontrar um sentido maior do que o seu tempo. Esses vários momentos e necessidades se misturam, na mistura de várias pessoas em instantes pessoais diversos e exigências diversas, internas ou da atividade em execução.

Assim, enquanto se pensa num problema as mãos se adiantam na próxima ação e arrumam, mobilizam, tocam. Sorrisos e meias palavras para pessoas que cruzam. Antecipa-se o próximo fazer e já lhe prepara o espaço: “Daqui a pouco volto para prescrever e tudo já estará arranjado”. Nos quartos, a expressão se abre em maior afeto e cuidado ao outro, mas a lembrança dos limites chama ao fazer possível e imediato. Neste fazer abrigam-se da sensação de impotência e restrição e põem-se a achar o melhor modo de controlar, ordenar, registrar, prover, para que tudo ande bem, para que tudo funcione, para que não se tenha que esperar pelo esperado, pelo tempo... que ele venha sem susto, como o costumeiro todo dia. E quando sentam-se a pensar já são chamados. Respondem, olham, levantam, fazem coisas que estão por serem feitas no caminho, aproveitando cada passo.

Os tempos colidem, o tempo do desejo, do chamado, do dever, todos com marcações diferentes. Mas permanece a fidelidade às regras do uso do tempo. O “meu tempo”, o “tempo do outro” e o “tempo do trabalho”... as próprias mãos parecem estar num tempo diverso do tempo da emoção e pensamento, já acostumadas no jogo do tempo.

Apesar de tantas coisas acontecendo (vários tempos a um só tempo) na confusão de corpos, tarefas, desejos, ainda assim, sobressai uma certa expressão que dá o “tom”, a “cara” de alguns momentos característicos de cada trabalho.

A rotina, deste modo, acaba por exercer um outro papel, o de uma ordenação que de outra forma não seria possível no movimento fluído das pessoas. É, também, o momento da mente soltar-se do corpo no fazer automático e talvez fugir para outros lugares. Não podendo dar vazão ao potencial criativo no fazer de toda hora, é preciso que ao menos não lhe seja exigida (da mente) presença incessante. Não é possível estar presente por inteiro, o tempo todo,

quando o que se faz é pouco e limitante. Então, essa rotina lhe é, também, refúgio; e a ela é dado o poder de vestir os momentos com suas cores próprias.

Um local de trabalho de saúde tem muitas caras, as caras das horas. O início de um plantão tem sua “cara”, suas cores e até um jeito especial das pessoas se mostrarem. Depois os corpos se preparam, se espalham e se mostram diferentes na ação: falar, escrever, cuidar, examinar, decidir, usar a técnica, o material e a informação, dar um caminho às coisas que acontecem. Mais tarde, reorganizar o ambiente agitado pelo fazer de muitos, avaliar o feito, encerrar, checar, preparar tudo para os que chegarão e, enfim, passar para frente e sair. Tudo isso cortado por momentos de relaxar e esquecer, soltar o corpo, brincar. Ou até, rir fazendo, cantar e dançar no ritmo da técnica.

Cara de alegre, cara de sério, cara de pressa, cara de indecisão. Não só as pessoas, os ambientes e o tempo criam caras. Caras de “rush”, caras pesadas, caras leves. A rotina lhes pinta a cara, mas as pessoas lhes mudam o tom. Uma cara pesada com tons de riso, uma cara de “rush” com tons de preguiça, uma cara leve com tons de angústia...”

O trabalho parece regido, assim, por certas regras do uso do tempo, que de maneira geral expressam alguns princípios chaves:

- que o bom uso do tempo de trabalho seja definido pelo maior aproveitamento das capacidades motoras e ou mentais do trabalhador em termos de atribuições e papéis previstos;
- que cada tempo de trabalho prepare o próximo (próximo ato, turno, conduta), de modo que o futuro seja previsto e antecipadamente administrado e que cada ato, mesmo se esgotando no momento da ação, deixe antevista a sequência de atos da qual ele faz parte e para a qual acena “a deixa”, o “passar do bastão”, no revezamento rítmico do fazer.
- que o tempo de cada ação, num encadeamento cronológico controlável, possa ser regido não apenas pelo próprio executor, mas por todos os envolvidos, numa cadeia de interdependência e interregulação dos

diversos atos, de modo a tornar dominante um certo ritmo e organização dos fazeres num tempo único e sincronizado. (Do cumprimento de uma ação no tempo previsto depende a ação de outro);

- que o uso útil e racional do tempo do trabalho possa se efetivar mesmo com o mínimo de envolvimento passional/emocional do trabalhador (em termos de desejo, motivação, emoção, sensibilidade e criatividade) de modo a operar uma cisão entre o corpo que se movimenta e o sujeito inteiro, em vivências de tempo diferentes.

O tempo regido por tais regras toma “caras” próprias. Cada período do dia, cada momento do turno de trabalho tem qualidades diferentes a lhes mudar a “cara”. O setor, o fazer, as coisas e as pessoas são penetradas, imbuídas desta qualidade e fazem circular o imponderável ciclo do tempo, com suas várias “caras”, e o ciclo de tempo de cada um, com suas várias máscaras.

É o que se pode perceber, a título de exemplo, num trecho de uma das notas reconstitutivas de significação, elaborada com base em observação de campo:

“Vejo que o posto está cheio de gente: é a hora dos “escritos”, dos papéis amontoados, dos exames espalhados, das conversas misturadas e, também, das últimas decisões. Para alguns (médicos) as últimas decisões são tomadas (diagnóstico e terapêutica) e de certa forma um ciclo ou tempo é encerrado: o pôr no papel efetiva seu fazer e pode ausentar-se deste para, quem sabe, um outro fazer ou outro tempo. Mas para outros, ali se inicia um novo ciclo ou tempo, que vai começar a ser esboçado e organizado em momentos seguintes, que se findam apenas de modo relativo (para alguém que sai no fim do turno), mas que, de outro modo, permanece em tempos sucessivos, que deixam marcas uns sobre os outros. São diversos ritmos e tempos, das pessoas, de suas funções, do pique de cada momento característico da rotina ou do que busca fugir da rotina (hora disso, hora daquilo, hora da correria, hora de pôr as coisas em ordem, hora de relaxar, ou diversas e inumeráveis horas). As horas nesse trabalho têm qualidades, não são simples horas que passam. A qualidade das horas mudam esse passar.”

Assim, tempo e espaço confluem na rotina com cara de nus expostos em visores; rotina de bandejas, rótulos, quadros, horários e escalas, balcões brancos e papéis a preencher. Tudo a lembrar as caras das horas. Caras que lembram as horas que correm: o nu que corre para o banho, o sujo para o expurgo, as mãos para a pia, o desjejum para as bocas, os excretos para a medida e o exame, as palavras poupadas na fala correm para a letra dos relatórios. Contar, medir, registrar, controlar, rápido como os minutos. Depois vem a “visita” da equipe com falas secretas nas portas e falas sem olhar ao pé do leito. Leito de quem? Leito do olhar cansado para quem o tempo é outro: tempo de esperar, sentir e esperar por quem vive em outro tempo. Por quem vive no tempo da angústia de dar conta no tempo certo. Tempo certo para quem diz saber o que é certo, que cuida para que o certo venha à tempo.

E o tempo, mesmo sendo negado em sua possibilidade de criação pessoal e perdido na marcação do fazer rotinizado, recria na vivência de cada trabalhador, no momento solitário e, principalmente, na relação com o sujeito cuidado, as sutis aberturas para uma nova e significativa experiência do tempo. Invertendo-lhe as regras do uso, tirando-lhe algo aparentemente inexistente, dando-lhe um curso diverso, roubando-lhe os ponteiros de marcação, o sujeito transforma, mesmo que minimamente, a relação com o tempo que se faz peculiar no trabalho, e que foi por estes mesmos trabalhadores criada ou realimentada.

## DEPOIS DE TUDO... O ATREVIMENTO DE DESEJAR

**“O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo.”<sup>109</sup>**

Este penúltimo capítulo tem o objetivo de articular vários aspectos do objeto estudado numa síntese que não se contente em ressaltar pontos relevantes da análise e possíveis inter-relacionamentos com o marco inicial do estudo, mas que comporte as margens de sua própria crítica e, com ela, uma perspectiva de superação, uma agenda para futuros debates.

Construir uma ponte entre um estudo que vai se encerrando (e que tem seu sentido no momento de sua realização e da reflexão que quer plantear) e todo um grande espaço aberto à novos questionamentos é estabelecer uma ponte entre o que se mostra, mesmo enquanto existência no plano do discurso, e o que ainda não existe, exceto enquanto desejo e projeto. É, assim, uma ponte que se dirige para as margens de um espaço tão ou mais reprimido e sucateado quanto o espaço do real: o terreno do desejo e do sonho.

Guattari<sup>110</sup> anuncia, “é preciso afrouxar as rédeas do desejo”; e instiga:

uma sociedade que sobrecodifica toda produção pela lei do lucro tende a separar definitivamente a produção desejante da produção social. O desejo oscila mais para o lado do privado e o social para o do trabalho rentabilizado. Trata-se de colocar a seguinte questão: será que uma produção do desejo, um sonho, uma prática amorosa, uma utopia concreta, um dia acabarão conquistando no plano social a mesma dignidade de existência que uma produção mercantil de automóveis ou de enlatados?

---

<sup>109</sup> GUATTARI, Félix ; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. p. 216

<sup>110</sup> GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.78-81.

Antes de traçar os “próximos passos” no percurso do desejo no qual se funda este estudo, é preciso voltar às falas dos trabalhadores e estabelecer o contorno por eles dado ao sonho do trabalho ou o “trabalho dos sonhos”.

Uma primeira irrecusável constatação é a de como a imagem idealizada do trabalho vai sofrendo uma nivelização por baixo, como num “cair na real” que faz com que o sujeito desista da singularidade e autenticidade de seu desejo por um tipo de “remendo de sonho” mais manipulável; um paliativo conformável ao habitual, à lógica e modelo vigentes, ao já posto, ao sonho que nem fora sonhado.

É no “front do desejo”<sup>111</sup> que o sujeito sofre a maior de todas as derrotas, a perda do fluxo e investimento intenso do desejo face à força de um circuito de valores, de uma ordem, de uma representação dominante que “contaminam” e “intoxicam” semioticamente o indivíduo e suas referências, em todos os campos de sua vida.

Assim, os trabalhadores demonstraram uma dificuldade de falar de seus desejos quanto ao trabalho e dificuldade maior ainda em se tratando de extrapolar as práticas estabelecidas como modelização do sonho permitido. O ideal, de tão colado aos limites do real, não impede, mas atenua, a carga de insatisfação:

*“Fico pensando: nosso postinho bem que podia ser um hospital. Cuidando de bastante pacientes, tudo bem organizadinho. Tudo legal, com bastante trabalho para a gente não parar o dia todo, que gente parada no serviço enjoa. Quando está aquele tumulto é uma beleza. Cansa mas é uma beleza, porque num instante passa a hora e dá aquele alívio.” (Têmis)*

*“Tirando a vacina o resto está tudo bom. Até que no posto está tudo legal. Eu gosto do meu trabalho, tirando a parte de aplicar injeção em criança.” (Tália)*

*“Apesar de tudo eu me sinto satisfeito.[...] Querer eu queria, acho que sonhar não custa nada, só que é preciso muita gente sonhando. Só que na realidade do dia-a-dia não é isso. Fazer o que!” (Telêmaco)*

*“Eu gosto realmente é a nível hospitalar [...] aqui foi o lugar mais próximo do meu ideal. Tenho mais apoio, um funcionamento mais adequado [...] que tivesse um número*

---

<sup>111</sup> Guattari é quem fala deste “front do desejo”: “A luta revolucionária não poderia ser circunscrita somente ao nível das relações de força aparentes [...] A luta com a qual nos defrontamos, desde que se queira considerar uma política do desejo, não mais se circunscribe a um só front [...] A luta deve ser levada em nossas próprias fileiras, contra nossa própria polícia interior.” (*Ibidem*, p.21-26)

*grande (pessoal) para que pudesse dividir o final de semana, então em vez de ser plantão de 12 horas, seria um plantão de 6 horas por semana.” (Esfinge)*

*“Eu já passei por essa fase. Essa coisa de trabalho dos sonhos. Isso é até os vinte e poucos anos, depois disso é muito real. [...] Aquela coisa que tudo teria que ser maravilhoso, perfeito, as coisas tem que ser certinhas. Todas as pessoas teriam que pensar dessa forma. O próprio tempo e a convivência vão mudando as coisas. A prática tira um pouco isso... essa utopia.” (Édipo)*

*“... a história da miséria, até da ignorância, isso não tem como mudar de imediato. Também as condições de trabalho, porque dificilmente vai ter um trabalho que pague adequadamente, que eu pudesse sobreviver só daquele trabalho sem precisar de outras fontes.” (Marte)*

O “sonho não sonhado” ou o que sobrou do que foi desejado não ultrapassa os parâmetros de um real melhorado, onde são eliminadas algumas atividades desagradáveis, acrescentados alguns confortos; quando não é totalmente transportado para um local mitificado, um estereótipo institucional que não se enquadra no universo existente.

Reafirmando a análise sobre a imagem que os trabalhadores fazem da instituição e do outro, ao nível dos sonhos não escapa a referência a certos ideais de instituição, de serviços de saúde e de trabalho profissional. Um sonho que perdeu suas formas, que se desmanchou num tempo exigente de realismo, empresta do modelo, do instituído, da lógica presente, um perfil, uma forma não tão bela, mas não tão distante do possível. Deste modo, os mitos guiadorez invadem o espaço do sonho e se, por um lado, têm o mérito de enunciar pautas de reivindicações e projetos emancipatórios, com efetividade em lutas focais e sociais, por outro lado, não permitem que o desejo migre do “conhecido” para espaços inteiramente inovadores e singulares, num processo de percepção e sensibilidade totalmente diverso.

*“...uma condição de mudar, mexer em tudo, não só ter mais leitos ou mais equipamentos, ter condições salariais e de trabalho.” (Minos)*

*“dinheiro não é o principal da vida, mas ele é muito importante. meu sonho seria poder trabalhar sem preocupação financeira,[...] poder atender do jeito que atendo no meu consultório, fazer a coisa legal [...] não trabalhar demais, para poder aproveitar o*

*resto da vida, poder cuidar bem da minha casa, curtir meu marido, ter os filhos que quero ter. Tempo para isso tudo. [...] E aí eu era uma mulher feliz... em termos de trabalho. (Ônfale)*

*“... que me propiciasse todas as condições... me prover de tudo que eu preciso em casa [...] me dedicar exclusivamente a ele, sem outros empregos e com isso me desse mais tempo, mais liberdade, mais tranqüilidade para poder desenvolver este trabalho. [...] e que me oferecesse condições de aperfeiçoamento, intercâmbio com outros locais, aprimoramento técnico profissional.” (Marte)*

*“ Imaginaria trabalhando só num hospital, ganhando o suficiente e poder pegar férias um mês tranqüilo, viajar, não para esquecer, mas pelo menos para esfriar um pouco a cabeça, que a realidade hoje não dá para isso.” (Telêmaco)*

A percepção e sensibilidade definhada no mundo do trabalho, ganha expressão no ideal profissional, alicerçado em valores humanos fundamentais e na crença no poder do próprio trabalhador fazer deste trabalho o que ele é ou, quem sabe, fazer com que ele seja diferente, como “poderia ser” num ideal compartilhado. Mesmo mostrando-se constricto pelos determinantes estruturais, o trabalhador empenha-se por reconhecer em suas próprias mãos uma margem de possibilidade. Faz repousar sobre si mesmo, ou sobre a equipe de saúde, a chance de mudança que nasceria nos micros espaços do agir cotidiano, não mais dependente ou secundária à grande e distante mudança sonhada.

*“Gostaria de ter um trabalho onde cada um cumprisse a sua parte, não precisasse ficar no pé [...] que a coisa fluísse, sem muitos entraves.” (Eurídice)*

*“Para mim fazer tudo o que queria eu tinha que ser chefe [...] poder de decisão para não limitar certas atitudes [...] Eu queria ficar mais solta para fazer as coisas que eu quero fazer e que dão resultado.” (Níobe)*

*“Mudaria a forma que as pessoas encaram o trabalho... existem pessoas que não se dedicam, não no sentido de horas trabalhadas nem do esforço em fazer, mas trabalham contrariadas. Isso pesa no ambiente, são pessoas amargas, tristes, às vezes transmitem uma agressividade que vem delas [...] Então a primeira coisa que mudaria é o ambiente de trabalho, faria as pessoas sentirem-se felizes em trabalhar.” (Minos)*

*“Tinha que haver uma integração maior entre a medicina, a enfermagem e o paciente [...] não há essa troca, os direitos do paciente não são respeitados. Tem que haver uma participação maior.[...] Dor é dor, ninguém pode dizer: essa tua dor não pode medicar agora! [...] Falta se chegar mais, que é um pouco de defesa das pessoas. [...] é*

*sexualidade, é lidar com a morte , com o familiar... a gente tem que trabalhar muitas coisas em nós mesmos.” (Electra)*

*“Eu gostaria de ficar mais com o paciente [...] Mudaria a cabeça dos funcionários, para todo mundo ter responsabilidade, sem precisar cobrar...” ((Egina)*

*“O que poderia mudar vem de cada pessoa. Cada pessoa começa a se mudar. [...] Tem pessoas que não valem, não que não valem nada, mas elas não valorizam o seu trabalho, para mim são pessoas que atrapalham o serviço, não tem volta. [...] Que as pessoas tivessem um objetivo, melhorar cada vez mais para ajudar toda a equipe a melhorar. Mas partir da própria pessoa, não uma coisa forçada.” (Édipo)*

Melhores condições de trabalho, remuneração digna, uma organização mais justa e eficiente, ambiente mais tranquilo, relações mais harmoniosas, profissionais mais comprometidos, capacitados e felizes. Ao refletirem sobre o próprio trabalho e recordarem os desejos, às vezes esquecidos, os entrevistados pareciam tomados por uma melancolia, às vezes por uma indignação, mas também por um desânimo conformado. O reencontro com os próprios sonhos faz lembrar a contradição entre o vivido e o desejado, entre o que se é e o que se deseja ser. Uma melancolia inevitável, mas também uma lembrança vivificadora. A “memória do não vivido” parece tornar possível pensar mais longe, querer mais, lembrar que é possível sonhar para além dos limites existentes e, talvez, com mais clareza com eles se defrontar.

*“Se fosse outra coisa? Escrever, pesquisar. Gosto muito. Adoro fazer pesquisa. Experiência, coisa nova. Tentar descobrir coisa novas. Não posso ficar com as coisas mastigadas, começo a cansar. Eu sou assim.” (Níobe)*

*“Que a criatividade da gente fosse respeitada, que não tivesse só normas.[...] Tira a criatividade das pessoas, tira a liberdade, tira tudo. É, tirando o que a pessoa é, tirando a liberdade, tira tudo... não se sabe o que fazer, sufoca.” (Mercúrio)*

*“Para que me formei se não posso ajudar na hora que ele mais precisa. Dá aquela angústia, então eu choro... não quero nem saber... eu sou a Maria chorona [...] Dizem: Onde já se viu, quase uma vida inteira de profissão , chorando por um negócio desse! Eu digo: O dia que eu não chorar ficarei preocupada. Porque alguma coisa acabou dentro de mim. Eu penso assim e eu choro. [...] Meus Deus, será que eu é que estou normal ou não?” (Electra)*

*“Quando chega em casa, aí você pensa: O que está acontecendo comigo? (Minos)*

Atrás de um sonho esconde-se um sujeito; o desejo revela um pouco do que se é. Reconstruir o espaço de seus desejos é reafirmar-se, manifestar-se como sujeito autêntico, é perceber-se como pessoa digna da mais digna vida, da mais bela experiência de trabalho. É lembrar o gosto não experimentado da liberdade e da criação, da certeza de ser capaz de fazer o que nunca fez, de saber que não está aqui para tão pouco. E essa redescoberta, apesar de toda a sorte de limites concretos, nunca deixará de ser um momento revolucionário.

Guattari fala do traço comum entre os diferentes processos de singularização, “um devir diferencial” que recusa a subjetivação imposta. Um devir sentido por “um calor nas relações, por determinada maneira de desejar, por uma afirmação positiva da criatividade, por uma vontade de amar, por uma vontade de viver ou sobreviver [...] É preciso abrir espaço para que isso aconteça. O desejo só pode ser vivido em vetores de singularidade”<sup>112</sup>

“A vida pode ser inventada quando todas as imagens são produzidas de antemão?” Esta questão dirigida a Guattari<sup>113</sup> pode ser aplicada a este estudo e a resposta não será diferente daquela dada pelo autor: Sim, é possível inventar o trabalho, enquanto mínimos espaços de expressão continuarem sendo tomados; enquanto o trabalhador insurgir em micro transgressões e descobrir-se capaz de criar, enquanto não desistir de desejar; enquanto se permitir, por pouco que seja, ser e se mostrar; enquanto estiver sensível a si mesmo e a humanidade, em tudo que ela pode ser e fazer.

Depois de tudo a irreverência de desejar. Assim também para este estudo, depois de um reencontro tão rico com os trabalhadores da saúde, suas experiências e percepções, um retorno à intimidade da reflexão acadêmica que,

---

<sup>112</sup>O autor também alerta: “Tudo que é do domínio da ruptura, da surpresa e da angústia, mas também do desejo, da vontade de amar e de criar deve se encaixar de algum jeito no registro de referências dominantes. Há sempre um arranjo que tenta prever tudo o que possa ser da natureza de uma dissidência do pensamento e do desejo. Há uma tentativa de eliminação do que chamo processos de singularização. Tudo o que surpreende, ainda que levemente, deve ser classificável em alguma zona de enquadramento, de referenciação.” GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986. p.43-47.

<sup>113</sup> (*Ibidem*, p.53.)

não se conformando ao próprio inacabamento, deseja prosseguir, refazer-se melhor.

Mas um estudo também possui seus limites temporais, além daqueles, não menos concretos, da carência substantiva de seu pensamento. Pensar uma temática nova em sua articulação com o trabalho em saúde e numa perspectiva ainda frágil foi um exercício de atrevimento e um desafio às próprias inseguranças. Não perdeu-se, por isso, o entusiasmo e o desejo de lançar-se nesta experiência, que não se encerrará com este estudo.

O objeto de estudo construído agora parece um pouco mais inteiro e claro. Reafirma sua importância e, agora sim, parece estar desafiando o olhar estudioso, estar cobrando seu aprofundamento e seus desdobramentos.

Para lançar-se em futuras investigações, esta mesma precisa retomar algumas de suas contribuições e isto pode ser feito sob duas vias: - a recuperação de alguns questionamentos iniciais à luz da reflexão realizada; - o delineamento do que se constitui um dos caminhos do aprofundamento do objeto “estética do trabalho em saúde”, através do desafio de elaboração teórica de pelo menos três de suas categorias: tempo, espaço e sujeito.

### ***Velhas e novas questões***

Ao se iniciar este estudo partiu-se do pressuposto de que pelo trabalho mais cotidiano se expressa um sujeito. Este foi o desafio e o percurso escolhido: olhar para o trabalho e enxergar o sujeito trabalhador, o modo dele acontecer na prática.

Os três marcos iniciais, sociológico, filosófico e específico da saúde trouxeram questionamentos bem particulares, embora interconexos na constituição do objeto.

O marco sociológico levou a preocupação em refletir sobre as relações entre todas as transformações político-econômicas mundiais e a realidade concreta de uma parcela de trabalhadores. Mais do que isso, levou a reconhecer que a subjetividade do trabalhador não é construída num espaço etéreo ou num compartimento fechado que instiga a ser aberto e transformado. É numa realidade histórica delimitada, em relações de trabalho concretas, numa sociedade concreta, que estes trabalhadores se constituem e “são quem eles são”.

As questões sobre a sociedade do trabalho, as transformações a dinamizarem o processo de trabalho atual, bem como o desenvolvimento tecnológico e as dúvidas quanto a identidade do trabalhador continuam em aberto. A estas acresce-se a defasagem sentida quando os instrumentos teórico-metodológicos tentam dar conta da complexidade e multiplicidade do que se mostra. Em todo o caso, esta perspectiva sociológica não foi foco privilegiado e apenas de modo muito implícito pontuou o estudo. No entanto não pode ser relegada, mesmo sob um foco denominado estético.

Embora raramente o trabalhador da saúde demonstre uma consciência sobre as amplitudes das implicações de ordem político-econômicas sobre sua local e restrita vivência do trabalho (nem numa abrangência nacional e, muito menos, mundial) ele expõe-nas cruamente. Isto não passa despercebido nos modos peculiares de organização do trabalho e não se ausenta das manifestações que adquire nos movimentos do trabalhador no trabalho, no seu agir, no seu pensamento, nos estreitos limites que comprimem a existência objetiva e subjetiva deste sujeito.

A divisão social e técnica e todas as nuances que o processo de trabalho em saúde assume hoje, não restringem suas manifestações ao nível das formas e condições de trabalho, ao nível macro-sociológico, mas elabora identidades, produz subjetividades. Apesar destas transformações não estarem levando, necessária e diretamente, a um aumento das possibilidades emancipatórias do sujeito pelo e no trabalho, não é sem nenhum espaço de expressão e reação que o trabalhador circula neste mundo.

Mesmo pondo-se em dúvida a perda da centralidade subjetiva do trabalho numa realidade onde a grande maioria dirige toda a sua vida para o trabalho ou para ter a chance de trabalhar e sobreviver, não se pode negar que o sujeito reclama, ou reage silenciosamente, contra a marginalidade que lhe é destinada onde reina a ordem do trabalho explorador, deformador e vazio de sentido.

Isto pode não se aplicar à totalidade da massa trabalhadora, mas no caso dos profissionais pesquisados (todos trabalhadores qualificados e no mercado de serviços), antevê-se uma insidiosa “guerrilha” travada longe do grande palco do trabalho, mas em seu guetos e porões. Quase sempre sem saber o trabalhador revela novas facetas. Não são declarados motins, mas no dia-a-dia são derrubados valores, crenças e práticas, sem que isto signifique novos e positivos valores. Pode-se ver, também, quadros desalentadores da ausência de uma compreensão sobre o próprio trabalho e da total falta de investimento pessoal em projetos que restituam a inventividade e humanização do e no trabalho.

Tudo isso é patente, mas não impede que as subjetividades não completamente conformadas se infiltrem pelas laterais, pelos fulcros, pelos espaços vazados deste trabalho e não sejam apenas por ele impregnadas. Talvez a expressão subjetiva deste trabalhador no trabalho seja bem mais tênue do que as evidências das impossibilidades de expressão ou de expressão medíocre, contrária a toda noção de liberdade e criação. Talvez porque o “tornar-se sujeito” não se imponha mais como “tarefa heróica” mas como “necessidade vital”, de um homem que não tendo um trabalho que sustente sua “humanidade”, começa a aprender sobre si e sobre outras formas de ser e fazer fora e dentro deste trabalho. Este começo é tímido, cheio de contradições e se faz de modo sorrateiro, disperso e ineficaz. Pouco eficaz no sentido da estrutura e da razão formal, - já que não possui uma lógica ou organização coerentes - mas de difícil avaliação quanto à sua eficácia simbólica, em termos de manter vivo “algo” dentro do sujeito, alguma possibilidade de dignidade para si e para aqueles que do seu trabalho se servem.

O marco do trabalho em saúde fez ir mais fundo nestas reflexões a medida que apontou não só para a necessidade de estudos como este, mas, principalmente, para as peculiaridades, conflitos, representações e mistificações próprias desta área, que não poderiam ser negligenciadas.

De fato, esta pesquisa demonstrou a importância da construção imaginária do trabalhador sobre si e sobre o trabalho e de como esta se faz no terreno onde se conflituam “mitos guadores” e a concretude do fazer diário. Ficou evidente a urgência em reconhecer o papel da imaginação e do simbólico na compreensão do trabalho em saúde e com isso a necessidade de posturas teórico-metodológicas que não bloqueiem tais temas e resgatem o “olhar perceptivo” e a sensibilidade à análise e reflexão teórico-científica, bem como, valorizem todas as maneiras de se mostrar deste trabalho/trabalhador, seja pela fala, forma, ato ou silêncio.

Ao desafio ético-estético do trabalho - ser experiência digna e bela de manifestação de um sujeito que se relaciona esteticamente com o mundo - os trabalhadores responderam através da razão/ação (pelo que fazem), do sentimento (pelo que sentem) e da auto-afirmação de sua individualidade (pelo que são). Tudo isso acontece nos micro-espacos ou brechas da transgressão, da máscara, do desejo, da astuciosa sensatez e do riso. Nestas irrompidas frestas de auto-expressão, ficou clara a dúbia face da tecnologia. Entreposto mediador entre homem e obra, ao mesmo tempo que distante, desconhecida e ameaçadora é, também, invisível substrato que, por apropriação parcial e mistificada, se faz simulacro. Ao se falar de expressão, pareceu imprescindível falar de estilo, forma e corporalidade, noções chaves e imbricadas em todos os temas analisados, já que tratam, inevitavelmente, de homens que têm corpos... que se movem com estilo e se relacionam com outros corpos e instituições... que também ganham “corpo” e dão formas ao trabalho... que também são feitas e dinamizadas pelo homem... que lhe acentua estilos... e assim numa interminável conjunção de corpos, formas e estilos.

Deste modo, parece que no marco do trabalho em saúde se fez presente a maior contribuição deste estudo, mesmo que para um objetivo bastante provisório a aparentemente modesto, o de apresentar um objeto de estudo novo neste meio profissional, sob esta perspectiva filosófica.

Já o marco filosófico, antes de ser uma referência foi uma inspiração, uma permissão para se pensar o novo, o vislumbre de um caminho percorrido por toda uma história de reflexão e de um caminho apenas delineado por uma abertura a novos pensamentos sobre a estética.

Pedimos somente um pouco de ordem para nos proteger do caos. Nada é mais doloroso, mais angustiante do que um pensamento que escapa a si mesmo, idéias que fogem, que desaparecem apenas esboçadas, já corroídas pelo esquecimento ou precipitadas em outras, que também não dominamos.[...] Perdemos sem cessar nossas idéias. É por isso que queremos tanto agarrarmo-nos a opiniões prontas. Pedimos somente que nossas idéias se encadeiem segundo um mínimo de regras constantes, e a associação de idéias jamais teve outro sentido: fornecer-nos regras protetoras, semelhança, contigüidade, causalidade que nos permitem colocar um pouco de ordem nas idéias, passar de uma a outra segundo uma ordem do espaço e do tempo, impedindo nossa fantasia (o delírio, a loucura) de percorrer o universo no instante, para engendrar nele cavalos alados e dragões de fogo.”<sup>114</sup>

Deleuze e Guattari falam do caos para falarem das três grandes formas do pensamento, a arte, a ciência e a filosofia, e de como estas enfrentam o caos, mergulham nele, traçam planos sobre ele, planos que se cruzam e se entrelaçam. “Numa palavra, o caos tem três filhas, segundo o plano que o recorta: são as Caóides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas do

---

<sup>114</sup>DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p.259.

pensamento ou da criação. Chamam-se caóides as realidades produzidas em planos que recortam o caos.”<sup>115</sup>

Tanto a ciência e a filosofia quanto a arte são criadoras, mas a filosofia é criadora de conceitos; não contenta-se com os conceitos dados, mas fabrica-os, dando consistência ao virtual, sem deixar de preservá-lo. A filosofia leva ao caminho do conhecer-se a si mesmo (“gnotti sauton”), do aprender a pensar, do pensar por si mesmo (sapere aude), a espantar-se.

Este estudo não teve a pretensão de criar conceitos, mas precipitou-se na elaboração de um pensamento com existência virtual - a estética do trabalho em saúde - e só pôde fazer isso a partir de um solo, um plano próprio que desse abrigo a reflexão, o plano filosófico.

A filosofia permite olhar para o trabalho não apenas em sua materialidade, em sua expressão social-histórica ou em seu resultado, mas enquanto composição estética, ou seja, como “trabalho de sensações”. Não as sensações provocadas e transmitidas por uma obra de arte, mas sensações trabalhadas no instante até então somente definido como “técnico”. O instante que, na relativa liberdade de contato do trabalhador com “o outro” (cuidado e cuidador), compõe-se em forma, ato e manifestação de sensação, percepção, afeto e razão, enquanto manifestação estética humana.

Enquanto possibilidade ou virtualidade, pode-se dizer que isto talvez nunca ocorra, que não seja acontecimento. Aí a filosofia permite “criar” este acontecimento no terreno de um modo particular de pensar e intuir o universo. Neste estudo não prescindiu-se dos procedimentos científicos, que também traçaram sobre realidades, fatos, dados “caóticos”, lhes comunicando referência, unidades, coordenadas. Mas foi, indubitavelmente, sob o plano da filosofia que se deu a permissão para seu esboço também como “composição estética”, não só no sentido já mencionado, mas no sentido de uma relação e “preocupação consigo mesmo” (trabalhador de saúde). Dito de outro modo,

---

<sup>115</sup> *Ibidem*, p.267. Caos aqui definido “menos por sua desordem, que pela sua velocidade infinita com que dissipa toda forma que nele se esboça. É um vazio que não é um nada, é um virtual.” (p.153)

composição estética num esforço crítico de interrogação sobre si mesmo; sobre um “si mesmo” inscrito numa certa ordem, num certo código de conduta, num certo sistema engendrador de identidades, encargos e valores, enfim, um ‘si mesmo’ que se edifica e se mostra num trabalho. Um “si mesmo” que tenta não perder-se, não deixar de se ver, não renunciar a si, não deixar de construir-se como “obra bela” e sujeito moral, apesar de sua entrada nestes códigos.

A contribuição foucaultiana, no que se refere a esta estética da existência, embora não deliberadamente retratada, traduz-se no transcorrer do estudo e pode ser pontuada ao fechá-lo, com a retomada da questão do sujeito, ou do que fica como indício para futuras retomadas.

### ***Tempo, espaço e sujeito***

Depois de tudo, que sujeito se mostrou ao olhar?; que sujeito se compôs e foi composto por este olhar?; que sujeito e olhar são estes, movidos pela vontade e imaginação?

Sujeito e olhar se refazem num espaço e tempo que não são somente categorias físico-matemáticas. O espaço tornou-se lugar, como no sentido bachelardiano, é situado, singular, sítio de experiências, colorido por emoções, povoado por lembranças: “é cenário da vida do corpo”.<sup>116</sup> E mais do que isso, é espaço tocado, espaço que se decompõe, se diversifica pela mão que com imaginação escolhe, cria, decide, arbitra e, com vontade, reconhece a resistência do mundo.

Não se paralisando pelo olhar que investiga, intuindo que pode não se livrar da intervenção racional, a mão escapa à tirania de um tempo-espaço fixado pelo conceito e não deixa de tocá-los como matéria a ser trabalhada,

<sup>116</sup> PESSANHA, José A. Motta. Bachelard e monet: O olho e a mão. In: NOVAES, Adauto (org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.157. ○

“uma matéria que, ao mesmo tempo, resiste e cede como carne amante e rebelde”.<sup>117</sup>

As mãos destes sujeitos, movidos pela imaginação e vontade, moldam seus espaços e tempos tornando-os morada, dando-lhes sentido vivo e pessoal, emprestando-lhes “algo de si”. Tornando a si menos estrangeiro num espaço-tempo que se adere ao vivido e toma-lhe suas feições.

Assim a imaginação ganha materialidade no espaço recriado e no tempo revivido. Assim a estranheza do mundo do trabalho é superada e a angústia da finitude e do tempo é contornada na realidade do trabalho: a realidade do instante e do corpo que habita um espaço.

O trabalhador estabelece em sua relação estética com o mundo, uma relação singular com o seu tempo e espaço de vida e trabalho, permeada pela imaginação, pelos afetos e pela criação. Se obra é depoimento<sup>118</sup>, nas grandes e pequenas obras do trabalho em saúde, o tempo e o espaço, também artesanalmente “trans-formado”, depõem sobre esses sujeitos, como parte de uma outra obra: o próprio homem que se faz em obra pela mão criadora. E isto tudo, de tão desapercibido e modesto, quase desaparece frente ao semblante social e tecnológico do trabalho - suas determinações objetivas, sua forma na organização histórica da sociedade - , que nunca deixará de comandar este mesmo tempo e espaço.

O espaço é tomado por pessoas, é feito e transformado por elas. Apesar disto é meio de controle sobre estas pessoas e tem o poder de transmitir a elas um certo caráter. O espaço ganha uma certa personalidade humana: o usado, o cheio, o improvisado tornam tudo mais pessoal e próximo de cada um. Talvez por que o espaço e as coisas mostrem as marcas do uso e de quem as usou, arrumou, manipulou, mesmo que a identidade deste sujeito só

---

<sup>117</sup> BACHELARD apud PESSANHA ( *ibidem*, p.157).

<sup>118</sup> FAYGA fala que em toda obra de arte sempre há um depoimento sobre o sentido de viver, como se ao olhar um obra pudéssemos intuir o que ela nos diz: “Você é um ser humano, tem que enfrentar terríveis conflitos, já porque você é consciente e sabe de si próprio e dos outros; mas também as coisas podem ser muito lindas, a vida é muito rica, porque você é um criador de formas.” OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.170.

se mostre num trabalhador coletivo que não deixa impressões digitais, não grava seu nome no instrumento nem autografa sua obra.

Assim, as coisas se personalizam e disputam o espaço com as pessoas. As coisas fazem parte do plano de tornar o espaço um lugar, de criar um espaço experiencial onde circulam e se encontram diversas pessoas. Da qualidade destes encontros, da troca e intimidade que acontece neles, participa também o espaço. Os objetos e lugares, com toda a sua carga simbólica, passam da transitoriedade para constituírem-se em experiência, em ambiência de encontro e dialogo ou de opressão e desgaste, tanto para trabalhadores quanto para os que ali são assistidos.

Os utensílios e instrumentos de trabalho, a organização e ordem espacial, suas cores, odores e movimentos criam uma imagem compartilhada por muitos. Mas a experiência íntima com esta grande forma dos serviços de saúde pode ser de difícil expressão e concordância, para cada um adquirindo significados diversos de intimidade e estranheza, permanência e fugidez, tensão e flexibilidade. O espaço passa a lugar, a terreno vivencial, quando adquire significado e envolve uma gradativa apreensão simbólica e conceitual. Mesmo quando “as formas” não são tão facilmente passadas a palavra, nem apreendidas tão conscientemente como outros aspectos da experiência, elas a impregnam e dela fazem parte. O tempo e o espaço são matérias de percepção<sup>119</sup> e de criação, sofrem a ação da imaginação e da vontade e do mesmo modo que pelo sujeito são recriados, participam como elementos de sua auto-recriação.

Impor certa ordem ao espaço e certas regras ao tempo, elaborar e conformar certos padrões estéticos, que não apenas regem os “corpos cuidados” mas o próprio corpo trabalhador: assim o trabalho se mostra como manifestação estética humana tanto no sentido do trabalho das sensações acionadas neste fazer, quanto no sentido do trabalho sobre si mesmo.

---

<sup>119</sup> OSTROWER fala do espaço como referencial ulterior de todas as linguagens: “Fornecendo as imagens para nossa imaginação, o espaço se torna o mediador entre a experiência e a expressão. Só podemos mesmo pensar e imaginar mediante imagens de espaço.” (*Ibidem*, p.173)

A busca da harmonia, da beleza e da perfeição que se revela nas imagens do trabalho em saúde, transparece no ideal estético que mobiliza a auto-expressão do sujeito, a sua manifestação em obra no processo de fazer-se sujeito moral. Ideal que se revela na posição dos corpos, no tom de voz, no gesto, no espaço ocupado, no tempo tomado, nos modos desta ocupação, nos deslizos para outros tempos e espaços e, portanto, para um outro virtual jeito de ser trabalhador, de se manifestar:

*“Quando estou trabalhando, atendendo, entro num outro tempo, não quero nem saber que horas são... quando estou ali entro no meu tempo.” (Mercúrio)*

Tempo e espaço que com sua estrutura, ordenação e códigos, assim como os códigos da conduta, da ciência e do trabalho profissional, confirmam a ordem da submissão, mas nunca eliminam totalmente a resistência pelas fendas do desejo e da criação. Nem o mais privado espaço de uma relação profissional-cliente fica imune a uma ordem sujeitora imprescindível para que o sistema todo funcione, nem o mais normatizado espaço de serviço impede uma resistência de indócil criação, necessária para que o sujeito, mesmo que latentemente, sobreviva.

Nos artifícios e ritos de auto-produção, desenvolvidos num tempo-espaço também artificialmente movimentado, engendram-se docilidade e insurreição, sujeição e resistência, padronizações e singularizações, mesmo quando a face exposta do trabalho limitado e limitante encubra a face do trabalhador criativo que quer se projetar como realidade possível.

No sentido de contrapor-se à arbitrariedade do trabalho pela compreensão de um espaço de liberdade possível ou de um novo olhar sobre si mesmo é que buscou-se um entendimento da relação estética deste trabalhador com seu trabalho.

Neste trajeto pessoal, além do perigo de cair num subjetivismo e emotivismo pueril, enfrentou-se a dúvida e risco apontada por Foucault: “em

que medita pensar sua própria história pode liberar o pensamento daquilo que ele pensa silenciosamente, e permitir-lhe pensar diferentemente”<sup>120</sup>. Preservadas as diferenças foi este mesmo autor quem impulsionou a enfrentar o risco de tirar dos bastidores este tipo de reflexão e trazê-la ao cenário acadêmico:

“De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? Existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.”<sup>121</sup>

Talvez por tudo isso, ao final volte-se ao princípio, ao desejo de esboçar o semblante do trabalhador da saúde diferentemente do semblante sempre visto: como sujeito que se faz numa experiência que relaciona saberes, instituições e normatividades com subjetividades. Subjetividades estas que consomem esteticamente (o trabalho dos sentidos) e expressam esteticamente (colocam-se em obra) no processo em que se fazem como a uma obra.

Este estudo procurou ver no trabalho em saúde o que Foucault chama de “artes da existência” ou “técnicas de si”, como “práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo.”<sup>122</sup>

A pesquisa focalizada nos trabalhadores da saúde denunciou a falta deste caráter reflexivo e voluntário das práticas voltadas para si ou da relação

---

<sup>120</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade - 2. o uso dos prazeres.** 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. p.14.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p.13.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p.15

consigo mesmo, que seria a própria constituição do eu como sujeito moral e elaboração de uma ética existencial.

Se não pareceram tão reflexivas as manifestações dos trabalhadores, por outro lado, não deixaram de permitir, mesmo que pelo desvio de um olhar alheio, uma comunicação com o outro, que pode ser, também, uma comunicação consigo mesmo. A busca de um modo singular de ser do sujeito que tenta encontrar sua forma final num certo ideal ético e estético se mostrou em todas as suas ambigüidades.

A obra estética da preocupação consigo mesmo não se realiza num esforço crítico de interrogação sobre si tão radical quanto o desejável, ou o suficiente para uma catarse ética que fizesse desfazer-se dos códigos como prescrição para instaurá-los como fruto da procura de si. Mesmo assim, não esconde o desejo de responder a necessidade de abrir as estabelecidas zonas incomunicáveis entre o trabalho/obra e si mesmo, entre uma normatividade dada e seus próprios valores.

Do mesmo modo que para muitos dos trabalhadores ainda é impossível interrogar-se sobre a inscrição nos códigos de conduta profissional e sobre a autenticidade do que se mostra de si no momento do trabalho, para outros já é possível reconhecer certas insuficiências das práticas de si neste agir, ou os limites à expressão criativa impostos por esta forma de trabalho.

Neste reconhecimento o sujeito se defronta com suas táticas, antes não tão conscientes, é capaz de criar novas estratégias; desconstrói-se e reconstrói-se posicionando-se ativamente frente a seus limites. A insuficiência não mais imobiliza, mas lança-o para o resgate da parte esquecida ou perdida de si: o trabalhador que, pela auto-problematização arraigada no real concreto, faz-se sujeito moral e, assim, sujeito do trabalho.

Finalmente, pode-se dizer que este estudo coloca-se como idéia regulativa, ou seja, como pensamento que vislumbra e indica uma outra possibilidade; que quer encontrar no real uma outra forma de pensar sobre ele mesmo e, portanto, dar os primeiros sinais no sentido da construção de um

caminho possível no plano da reflexão. Nesta perspectiva ele pode se dar a permissão de privilegiar certas dimensões, mesmo que não negue outras já evidentes. Ao ressaltar a transgressão não quer afirmar que toda transgressão é feliz. Ao reclamar pela resistência da individualidade não quer dizer da preocupação exclusiva consigo mesmo, mas do indivíduo que se reconhece na relação com o outro e com os problemas de sua época.<sup>123</sup> Enfim, ao falar de uma expressão estética no trabalho não quer tornar este a única via, ou a mais fácil, de enunciação do sujeito. Ao contrário, reconhece que sempre na história do trabalhador foi a fuga da fadiga e dos infortúnios do trabalho para “ganhar a noite de seu desejos”<sup>124</sup> e na hora do repouso se encontrar com a música, a letra e as cores, o único caminho de auto-expressão e edificação de algo glorioso e belo em suas existências. Mas este amargo reconhecimento não desiste de uma esperança em responder a maior das tristezas, porque é pensada, deste marceneiro, citado por Rancière, “cujas paixões são grandes demais para o espaço que o mundo lhes destina”:

Sublimes infelizes! Vocês não conheceram absolutamente a dor das dores, a dor vulgar, a do leão preso na armadilha, a do plebeu entregue às horríveis sessões da oficina, esse recurso penitenciário que rói o espírito e o corpo pelo tédio e pela loucura de seu longo trabalho. Ah!, velho Dante, você não viajou pelo Inferno real, pelo Inferno sem poesia...<sup>125</sup>

A resposta que este estudo quer dar é a de que ainda é possível encontrar beleza e poesia, vida e dignidade no trabalho, mesmo quando este trabalho exige se confrontar com limitações concretas, se debruçar sobre seus próprios limites e sobre a dor de homens que já não encontram em suas vidas nada além de opressão e sofrimento. Mais do que tudo, e aí reside a poesia

---

<sup>123</sup> SCHMID, Wilhelm. De l'éthique comme esthétique de l'existence. *Magazine Littéraire*, Paris, n. 309, abr. 1993.

<sup>124</sup> RANCIÈRE, Jaques. *A noite dos proletários: arquivos do sonho operário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.29.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 30.

deste estudo - na estetização da existência pela via do trabalho, em colocar em primeiro plano a obra de si mesmo implicada na obra social e na crítica de si e da sociedade, portanto nem demasiadamente ingênua ou subjetivista - se convencer desta possibilidade é uma questão de sobrevivência.

## NO OLIMPO NOSSO DE CADA DIA...

**Na vida e no trabalho o mais interessante é converter-se em algo que não se era a princípio. Se é sabido, ao começar um livro, o que se ia dizer ao final, crê você que se teria valor para escrevê-lo? O que é verdade dos escritos e da relação amorosa também é verdade da vida. O jogo vale a pena na medida que não se sabe como vai terminar** <sup>126</sup>

Os deuses do Olimpo foram convidados a abrir este estudo e a circularem pelos espaços do trabalho em saúde. Neste mundo humano situaram territórios imaginários e mostraram seus domínios. Domínios sutis e difusos, embrenhados uns nos outros, revelados em gesto e ato, reservados em pensamento e afeto silencioso. Estes deuses esqueceram-se de seu estatuto divino e humanizaram-se frente a dor e finitude da existência terrena. A doença e a morte, a existência humana em si, desafiou todos os atributos divinos a neste mundo permanecerem. Os olímpicos nunca resistiram a um desafio e, logo eles, tão afeitos a todas as qualidades e limitações humanas, reassumem seus papéis de simbolicamente representar e encarnar o destino mesmo deste homem.

Agora são estes homens trabalhadores que são convidados a imaginariamente ausentarem-se do mundo do trabalho e a ele regressarem como estranhos alienígenas. Com este olhar de espanto e estranheza tentam compreender os personagens que se mostram. Neste momento, são reconhecidas, também, as “míticas entidades” revividas em histórias e fragmentos do cotidiano do trabalho.

Prometeu, simbolizando a abnegação, o esforço, a persistência e a boa vontade é o primeiro a se mostrar:

---

<sup>126</sup> FOUCAULT, Michel. **Tecnologias del yo y otros textos afines.** Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. p. 142.

*“São uns loucos... seres com a pretensão de ajudar os outros nas suas existências. Lidam com a pobreza, o sofrimento, os limites desta vida; sentem isso bem de perto e pensam que podem ajudar em alguma coisa. Não é a toa, por acaso, que alguém escolhe este caminho”. (Mercúrio)*

*“... alguns trabalhadores são abnegados. Eles fazem coisas até a mais do que deveriam fazer, para pelo menos fazer uma coisa boa para a população [...] tiram leite de pedra...” (Ônfale)*

*“Não entendi nada do que eles fazem. Estão lá ajudando os doentes, procurando ajudar. São pessoas que estão ali para ajudar.” (Tália)*

*“É aquele que se doa para seu próximo [...] escolheu trabalhar diretamente com outra pessoa, sendo que esse próximo vai depender totalmente da capacidade que ele tenha para ajudar [...] é a pessoa que se veste para ajudar.” (Esfinge)*

*“Eu diria que essas pessoas são muito corajosas e têm um coração suficiente para trabalhar com as pessoas doentes. É, coragem e bom coração.” (Telêmaco)*

*“Pessoas que tentam se doar e que o país não dá condições [...] querem perder o seu tempo com o paciente, mas a coisa não dá, deixa tudo mecânico [...] elas ficam aflitas, a gente vê no olhar... porque querem fazer algo...” (Electra)*

Apoio e Atena têm suas lições de beleza/sabedoria/perfeição e razão/justiça/estratégia relativizadas pela face da frieza e da dúvida sobre certas fraquezas que os homens mascaram sob o digno perfil destes deuses:

*“Outros são indiferentes, não demonstram aversão nem prazer de estar fazendo aquilo, mas estão lá e desempenham sua atividade, fazem o que tem de fazer...” (Marte)*

*“Esses olhos só enxergam algumas coisas... porque têm um objetivo. O outro lado é ignorado... se torna rotineiro e passa despercebido.” (Menelau)*

*“É uma coisa limpa, organizada... até mais desumana [...] Gostaria de ter as duas coisas, um equilíbrio entre eficiência e qualidade com carinho e conforto...” (Eurídice)*

*“Eles estão fazendo experiência, eles estão testando [...] não estão chegando a lugar nenhum. Vão continuar ali... com a impressão de serem felizes [...] muita busca e muita frieza por causa da busca. Muita estampa. Poucos transmitem sinceridade, firmeza no que estão fazendo... captei muita frieza, tudo automático [...] todo mundo entende tudo e ninguém faz coisa nenhuma.” (Níobe)*

*“Tentam traçar um rigor de conduta ou de performance, até de vestimentas, que atrapalha o convívio das pessoas... se mantêm num ambiente muito estruturado, de uma maneira desfavorável às pessoas...” (Minos)*

Também se mostra o mito de Sísifo, o carregador de pedra, seja pelo seu trabalho, nem sempre inútil, mas extenuante, repetitivo e penoso, que tenta impor à “pedra” a vontade humana e se faz prisioneiro dessa vontade; seja pela sua associação a um ritmo natural e infatigável, como as marés ou torrentes que nunca deixam de se movimentar, de jorrar, de ir e vir, ativa e despertamente, mas sem jamais ultrapassar as margens <sup>127</sup>:

*“Ficam perdendo tempo desse jeito... a raça fica assim esperando dias melhores [...] não sei se adianta essa luta toda. Eu boto fé nela, eu penso que adianta [...] mas é tão contra a maré [...] Eu vou ficar aqui até me acabar, vamos fazer o quê ?” ( Mercúrio)*

*“Por isso estão aqui, por necessidade, por opção. Em outros ambientes vão entrar num círculo vicioso de tristezas e frustrações e achar que embora existam coisas boas, elas não são boas e são ruins e mais ruins ainda.” (Minos)*

*“São pessoas agitadas, preocupadas... vivem correndo, preocupação em fazer as coisas, tudo no seu horário, sempre com relóginho. O relóginho não pode faltar.” (Tétis)*

*“São trabalhadores estressados [...] Quando você olha para as pessoas... tá todo mundo pedindo água... é uma luta.” (Afrodite)*

*“São pessoas às vezes cansadas... outras vezes se mostram muito pequeninos, que se limitam mesmo, limitam a si e as coisas que estão vendo, porque estão enxergando muito pouco [...] Fazem um arcabouço de dificuldade, eu não sei se é para se supervalorizarem ou por uma fragilidade.” (teste)*

Mas talvez o que mais se vislumbra seja a diversidade, o caótico universo de sentimentos e movimentos humanos que não esconde seus defeitos e suas virtudes. Assim, como numa conflitante relação entre múltiplos mitos, numa dionisíaca mutação, o trabalhador fala de si como se não fosse ele próprio:

---

<sup>127</sup> Sobre a metáfora do mito de Sísifo na discussão do trabalho da Enfermagem ver: REZENDE, A. L. M. de. O mito da abnegação e do sofrimento no trabalho da enfermagem. In: Jornada mineira de Enfermagem, 13, 1994, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: ABEn -MG, 1994, p.12-20.

*“As pessoas são alegres, o lugar é diferente, é estranho, meio bagunçado; as pessoas dizem coisas que nem sabem o que são... só que o trabalho delas é bonito, é legal.” (Têmis)*

*“Pessoas extremamente tristes, frustradas e pessoas alegres, contentes e realizadas no que estão fazendo [...] O doente precisa de uma pessoa alegre e disponível e não alguém tão doente quanto ele.” (Minos)*

*“Pessoas que apesar de tudo gostam do que fazem [...] a maioria do pessoal é super legal.” (Ônfale)*

*“Tem de tudo dentro do posto de saúde... os mal-humorados, os que estão ali obrigados, outros felizes, que gostam e se dedicam, os tristes, os realizados e os não realizados... tem de tudo um pouco.” (Marte)*

*“São pessoas que além de gostarem de si mesmas, gostam muito dos outros, numa totalidade.” (Esfinge)*

*“Algumas pessoas não são preparadas [...] cada indivíduo é um ser à parte.” (Menelau)*

Com certeza o “passeio” pelos terrenos desabitados e interditados dentro de cada trabalhador e o retorno aos caminhos trilhados diariamente nas rotas estabelecidas do trabalho só ganha sentido como anúncio da possibilidade de escolha e construção de outros rumos e do próprio destino. Talvez por isso os deuses prefiram continuar encarnados em homens, pois no Olimpo não podem fugir de seu destinos nem sonhar outros sonhos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, M.C.P.; MELLO, D.F. de; SOUZA NEVES, L.A. **O trabalho da enfermagem e sua articulação com o processo de trabalho em saúde coletiva - rede básica de saúde em Ribeirão Preto.** Ribeirão Preto, USP, 1991, 297p. Tese (Livre docência) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1991.
- ALMEIDA, M.C.P.; ROCHA, J.S.Y. **O saber da enfermagem e sua dimensão prática.** 2ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- ALMEIDA, M.C.P. et al. A situação da enfermagem nos anos 80. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989.
- ALTVATER, Eimar. **Sociedade e trabalho: conceito em questão, sujeitos históricos - mito e realidade.** Seminário Internacional "Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas". UNESP, Marília, abril/1993. (Conferência) (mimeo)
- ARENDT, Hannah. **La condición humana.** Barcelona: Paidós, 1993.
- ASKIN, I. F. **O problema do tempo - sua interpretação filosófica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19\_\_.
- BAETHGE, Martin. Trabalho, socialização, identidade - a crescente subjetivação normativa do trabalho. In: MARKET, Werner. **Teorias de educação e iluminismo, conceitos de trabalho e do sujeito.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- BAUDRILLARD, Jean. **Da sedução.** Campinas: Papirus, 1991.
- BOLLON, Patrice. **A moral da máscara.** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BOSI, Alfredo. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adauto, et all. **O olhar.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988
- CAPONI, S.N. **Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível.** Campinas: UNICAMP, 1992, 301p. Tese (Doutorado em Lógica e Filosofia da Ciência) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- CASTELLANOS, B.E.P. Os desafios da enfermagem para os anos 90. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989, p.147-169.

CASTORIADIS, Cornelius. **As encruzilhadas do labirinto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Da realidade sem mistérios ao mistério do mundo: Espinoza, Voltaire, Merleau-Ponty**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CODO, W.; SAMPAIO, J.J.C.; HITOMI, A.H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1993.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**. 5ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 1986.

\_\_\_\_\_. **História das crenças e das idéias religiosas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. Tomo I, v. 1.

FELÍCIO, Vera L.G. **A imaginação simbólica**. São Paulo: EDUSP, 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade - 2. o uso dos prazeres**. 7.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

\_\_\_\_\_. **O nascimento da clínica**. 4ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. 10ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 8ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **La verdad y las formas jurídicas**. Barcelona: Gedisa, 1978.

FERREIRA, José M. Carvalho. **As novas tecnologias, o trabalho e os desafios do sindicalismo**. *Rev. Plural*, Florianópolis, Ano2, n.3, p.5-11, jul/dez., 1992.

- FREITAS, M.I.F. A instituição como obstáculo ao prazer no trabalho da enfermagem. Jornada Mineira de Enfermagem, 13, 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABEn-MG, 1994.
- GELBCKE, F.L. **Processo saúde-doença e processo de trabalho: a visão dos trabalhadores de enfermagem de um hospital escola.** Rio de Janeiro:UERJ, 1991, 266p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, Universidade do Rio de Janeiro, 1991.
- GIDE, André. O tratado de Narciso. In: **A volta do filho pródigo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GILES, T.R. **Introdução à filosofia.** 3ed. São Paulo: EPU, 1979.
- GONÇALVES, Ricardo Bruno Mendes. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde: características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centros de saúde de São Paulo.** São Paulo, USP, 1986, 416p. Tese (Doutorado em medicina Preventiva)- Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 1986.
- \_\_\_\_\_ **O processo de trabalho em saúde.** São Paulo: Faculdade Med. da USP, 1988. (mimeo) .
- GONZAGA, Flávia R. S. Ramos. **Para além do cotidiano: reflexões acerca do processo de trabalho de educação em saúde.** Florianópolis: UFSC, 1992, 132p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Curso de Mestrado em Enfermagem, Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: um novo paradigma estético.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- \_\_\_\_\_ **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo.** 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 1986.
- HAGUETE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- HAMILTON, Edith. **Mitologia.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- HOLMES, Colin Adrian. The drama of nursing. **Journal of Advanced Nursing.** v.17, p.941-950, 1992.
- HOSPERS, In: BEARDSLEY, M.C.; HOSPERS, J. **Estética - historia y fundamentos.** Madri: Catedra, 1990.
- LEITE, Edimar. **A utopia estética.** [s.l.], [198\_]. (mimeo).

- LEO MAAR, Wolfgang. **Fim da sociedade do trabalho ou emancipação crítica do trabalho social**. Seminário Internacional "Liberalismo e Socialismo: velhos e novos paradigmas". UNESP, Marília, abril/1993. (Conferência) (mimeo).
- LEOPARDI, M.T. et al. O desenvolvimento técnico-científico - uma aproximação com instrumentos de trabalho. In: Congresso Brasileiro de Enfermagem 41, 1989, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ABEn, ABEn-seção S.C., 1989, p.97-126.
- LEOPARDI, M.T. **Método de assistência de enfermagem: análise da utilização do instrumento no processo de trabalho**. Ribeirão Preto, USP, 1991, 177p. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Entre a moral e a técnica: ambigüidades dos cuidados da enfermagem**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- LOJKINE, Jean. **A classe operária em mutações**. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1990
- LUDKE, A.; ANDRÉ, M.E.D.A. **A pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MAFFESOLI, M. **A conquista do presente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- MARGLIN, Stephen. Origem e funções do parcelamento das tarefas - para ue servem os patrões? In: GORZ, André. **Crítica da divisão do trabalho**. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX - O espírito do tempo 1: Neurose**. 5ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A origem da tragédia**. Lisboa: Guimarães e Cia.
- NOVAES, Adauto, et ali. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ORLANDI, Eni P. **As formas do silêncio**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto. **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PESSANHA, José A. Motta. Bachelard e monet: O olho e a mão. In: NOVAES, Adauto (org.) **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

- PITTA, Ana. **Hospital: dor e morte como ofício**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1991.
- RANCIÈRE, Jaques. **A noite dos proletários: arquivos do sonho operário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- REZENDE, A.L.M. de. O mito da abnegação e sofrimento no trabalho da enfermagem. Jornada Mineira de Enfermagem, 13, 1994, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ABEn-MG, 1994.
- ROSSET, Clement. **O real e seu duplo**. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 11ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SAVATER, F. La humanidad en cuestión. In: THIBAUT, C. (org.) **La herencia ética de la ilustración**. Barcelona: Crítica, 1991.
- \_\_\_\_\_. **La tarefa del heroe - elementos para una etica tragica**. Buenos Aires: Taurus, 1982.
- SCHMID, Wilhelm. De l'éthique comme esthétique de l'existence. **Magazine Littéraire**, Paris, n. 309, abr. 1993.
- SCHRAIBER, L.B.; PEDUDUZZI, M. Tendências e possibilidades da investigação de recursos humanos em saúde no Brasil. **Rev. Educ. Med. Salud**, v.27, n.3, p.295-313, 1993.
- TAYLOR, Steven; BOGDAN, Robert. **Introduction to qualitative research methods - the search for meanings**. New York: John Wilay and sons, 1984.
- TRIVINOS, Augusto N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VAZ, Marta R.C. **O trabalho da enfermeira na rede básica de serviços de saúde - análise se depoimentos**. Ribeirão Preto: USP, 1989, 211p. Dissertação (Mestrado em Enfermagem Fundamental) - Escola de Enfermagem de Ribeirão preto, Universidade de São Paulo, 1989.
- VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Campinas: Papyrus, 1992.
- VILLELA PEREIRA, M. **Estética, cotidiano e poder**. Santa Maria, 1993. Discurso proferido em mesa redonda no I Seminário Internacional de Interdisciplinaridade.